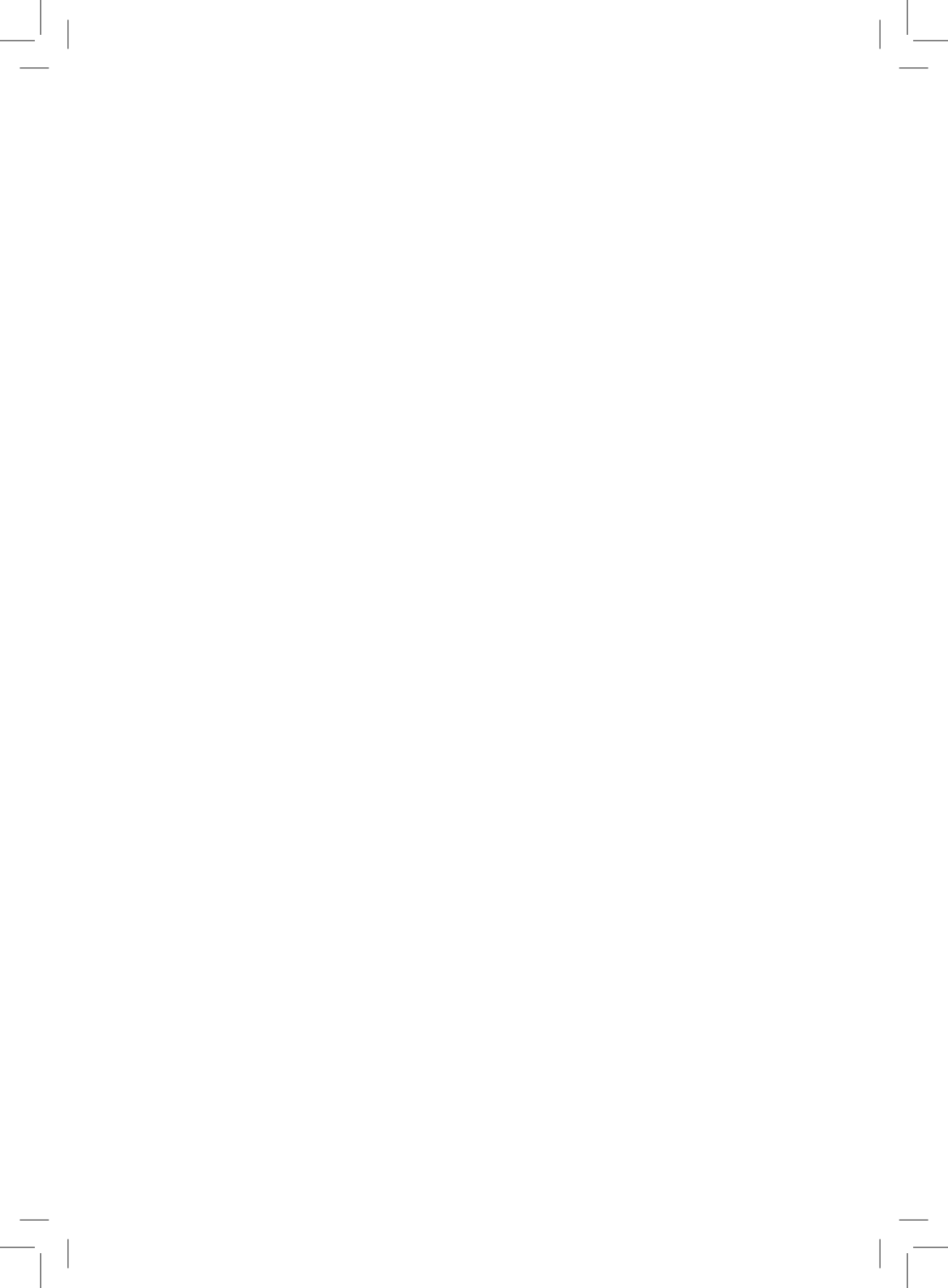


CLÁSSICOS DA GALIZA





Cantares Galegos

Coleção "Clássicos da Galiza"

Volume 1

CANTARES GALEGOS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

www.aglp.net

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

polifona@polifona.com

www.polifona.com

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Higinio Martins Esteves

Nota biográfica e texto de contracapa: Ernesto Vázquez Souza e Fernando Vázquez Corredoira

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-2-1

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

Cantares Galegos

Rosalia de Castro



ÍNDICE

À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO	9
A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DOS CANTARES GALEGOS	11
NOTA BIOGRÁFICA	13
CANTARES GALEGOS:	19
A FERNÁN CABALLERO	21
CANTARES GALEGOS POR ROSALIA CASTRO	23
POEMAS	29
POEMAS ACRESCENTADOS NA SEGUNDA EDIÇÃO	174
POEMAS ACRESCENTADOS NA TERCEIRA EDIÇÃO	188
NOTAS	199
GLOSSÁRIO	261



À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO

A Galiza constitui parte do território lusófono atual e, ademais, uma parte, juntamente com a zona setentrional de Portugal, do território em que a língua portuguesa nasceu.

Porém, a história linguística da Galiza foi anormal desde os fins da Idade Média, por causa da colonização linguístico-cultural castelhana que o país vem sofrendo desde então; e essa história -que o professor Carvalho Calero definiu acertadamente como «uma história clínica»- determinou negativamente, como é natural, o desenvolvimento da produção literária na língua portuguesa da Galiza durante toda a época moderna e contemporânea. Isolados socialmente do resto do mundo literário lusófono, os escritores galegos viram-se forçados a usar de modo muito precário uma língua da qual desconheciam não só uma norma padrão de uso ortográfico ou morfológico, mas também exemplos de obras literárias do passado ou do presente que, realizadas num ambiente cultural de normalidade linguística, pudessem servir-lhes de modelo literário. Compreende-se bem que, nessa situação, as produções literárias galegas fossem redigidas na ortografia castelhana (pois era a única que conheciam tanto os autores como os mais próximos leitores) e com uma morfologia oscilante. Recuperar para a língua portuguesa toda essa produção exige corrigir esses aspetos, provocados pela anormalidade histórica em que os textos nasceram.

Um dos projetos mais queridos da Academia Galega da Língua Portuguesa, na sua tarefa de recolocar a Galiza como membro pleno da Lusofonia, é, já do momento mesmo da sua constituição, a edição de uma coleção de clássicos galegos, apresentados numa versão linguística (nomeadamente nos campos da ortografia e da morfologia) que –sem por isso deixar de ser fiel idiomáticamente aos textos originais– esteja em sintonia com o que é a língua portuguesa atual, de conformidade com o Acordo Ortográfico.

Desse modo, será possível, esperamos, que as obras literárias galegas possam ser lidas pelos lusófonos de qualquer lugar sem estorvos tão artificiosos como pode ser um sistema ortográfico alheio.

Com certeza nenhuma outra obra seria mais apropriada para iniciar esta coleção de clássicos recuperados que os *Cantares Galegos* de Rosalia, livro que no momento da sua aparição (1863) significou o início do ressurgimento literário da língua portuguesa da Galiza.

O académico Higinio Martins Esteves, filólogo, reelaborou para este fim a sua anterior edição, há tempo esgotada, com a colaboração de outros académicos que ele cita no seu prólogo. A AGLP agradece-lhes calorosamente este contributo, de que se sente orgulhosa.

Perlio (Galiza), 11 de setembro de 2009.

José-Martinho Montero Santalha

Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa

A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DOS CANTARES GALEGOS

No ano 1986, a Caixa de Ourense publicou uma edição reintegrada dos Cantares Galegos, armada nas aulas de língua que desde 1977 ditava eu no Instituto Argentino de Cultura Galega de Buenos Aires. O presidente então da Caixa, o Exm.º Sr. José Posada, e sua mulher, a Doutora M.a do Carmo Henríquez Salido, na altura presidente da AGAL, tomaram a iniciativa do que se cria ser mais uma vez alvorada. Não venal, a edição esgotou-se, mas mudanças na Caixa adiaram sine die uma reimpressão.

Passaram anos, os critérios ortográficos aprofundaram-se e a questão linguística recebeu nova luz. Viu-se já não admitir delongas. No último congresso da AGAL a que concorri – no ano 1990, se não me engano – um moço rompia o feitiço do nome da língua. A lucidez e a fiel teimosia do Ângelo Cristóvão não foram flor dum dia. Frutificou na Academia Galega da Língua Portuguesa, que hoje assume, entre tantas tarefas urgentes, a de editar os nossos clássicos, obriga cujo valor simbólico a ninguém escapa.

Escrito “sem gramática nem regras”, como ela nos diz, mas com génio e humanidade insondáveis, os Cantares Galegos necessitam apurar os lixos que o velam. Rosalia é a única figura universal das letras modernas restritamente galegas, e este seu livro mais popular e acessível, o de sabor mais matinal, o mais apto para uma alvorada. Se Rosalia precisa de gramática, a Galiza precisa do génio de Rosalia.

Muitas pessoas colaboraram na empresa, que dista de culminada. Além dos impulsos, quem poderia adiantar nesta via sem os estudos rosalianos de Carvalho Calero, esparsos por toda a sua bibliografia? Também cumpre declarar o que injustamente esqueci no prólogo da edição anterior: ter-me eu baseado na edição de F. Bouça Brei, de 1970, de inovações fulcrais. Ao surgir a ideia desta, compartilhamos critérios com Ernesto Vasques Souza, que me enviou a versão generosamente brindada por Ângelo Brea. Dela tomei numerosas ideias. Depois, Carlos Durão, Fernando Vasques Corredoira e Crisanto Veiguela Martins assumiram a

revisão dos textos. Fizeram-no com zelo, criatividade e rapidez tão notáveis que é preciso salientar. Suspeito que esqueço muitos, mas a culpa é da minha memória.

Higino Martins Esteves

NOTA BIOGRÁFICA

~ *Rosalía de Castro*

(1837-1885)

É impossível exagerar a importância histórica da fundadora da literatura moderna galega. Rosalía – diz Carvalho Calero – «assinala o primeiro marco inamovível da história da literatura galega contemporânea».

Filha ilegítima, mas de família de não medíocres posses, a sua primeira infância decorre na Galiza rural e a sua mocidade na agitada Compostela que entre o levantamento de 1846 e o banquete de Conjo mergulha no projeto isabelino de estado nacional espanhol.

Por volta de 1853 é acolhida em casa da mãe em Santiago de Compostela. Aí começará a frequentar os círculos da mocidade universitária compostelana (*Liceo de la Juventud*), participando das atividades literárias e teatrais da segunda geração provincialista. Retenhamos apenas dois nomes: Eduardo Pondal e Aureliano Aguirre.

Em 1856 vai para Madrid, onde publica o seu primeiro livro, *La Flor* (1857), uma coleção de versos em sóbria mas cuidada edição de autor que a assinalam como promessa no ambiente madrilenho.

Nesse ambiente conhecerá as principais figuras do liberalismo político e jornalístico galego e, especialmente, Manuel Murguía, estilista e erudito no início feliz da sua carreira. Do relacionamento e paixão de ambos no círculo galego-madrilenho surgirão ao mesmo tempo a sua primeira filha, a História nacional e a Literatura galega.

A interação de ambos, ele a arquitetar a história e os simbolismos da Galiza, ela a exemplificar a possibilidade duma literatura culta e nacional em língua galega, vai dar como fruto os *Cantares Gallegos* (1863) – obra profundamente simbólica e aberta, num diálogo múltiplo com a língua, a nação e os sonhos emergentes do grupo reformista que em 1868 derrubará Isabel II e a sua corrupta, por palavras de Valle-Inclán, «Corte de los Milagros» para encetar um ciclo que terminará com o efémero sonho da República federal (1871-1874).

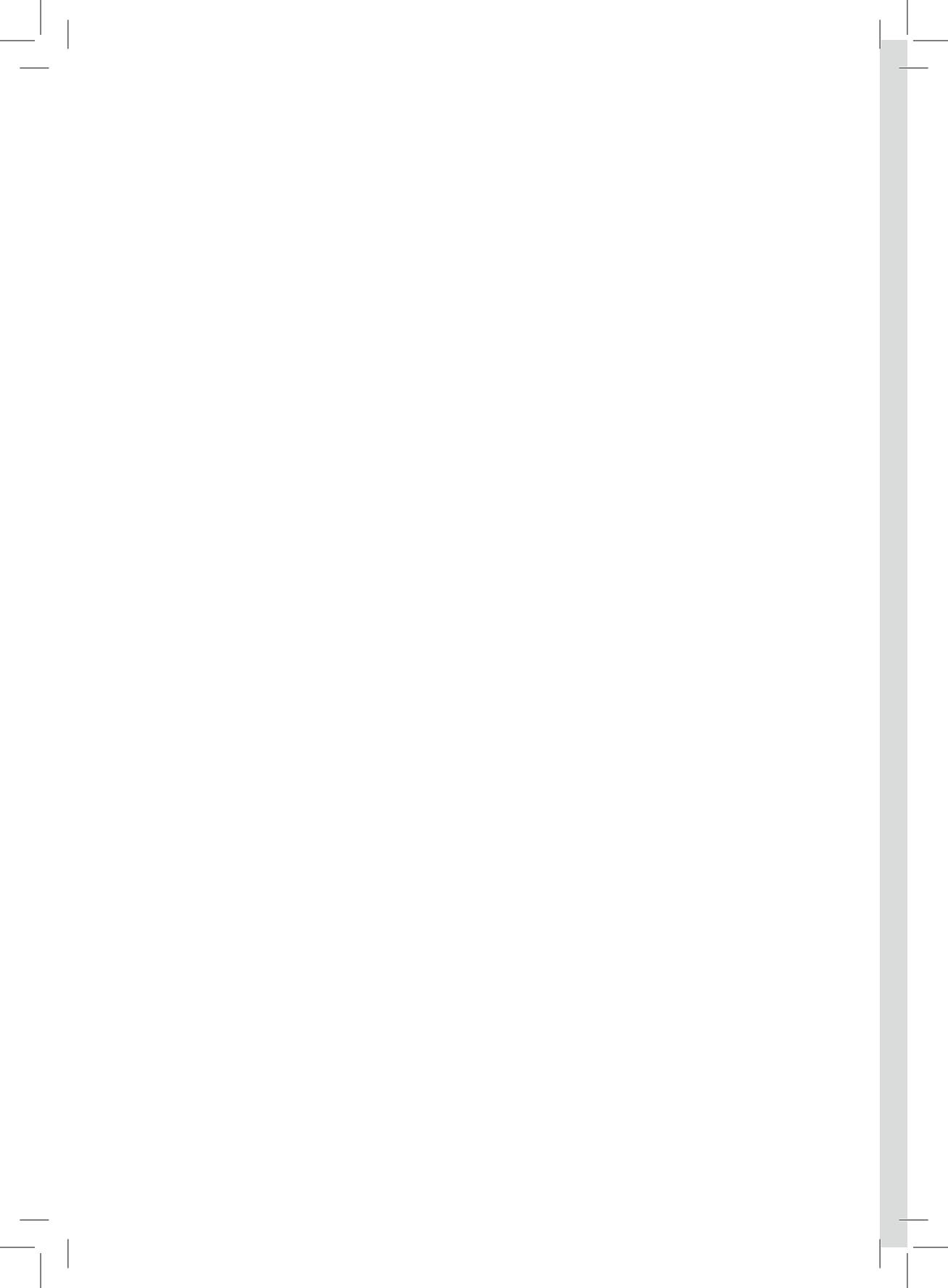


Se a receção dos *Cantares*, obra sonhadora e esperançada, é a imediata consagração de Rosalia e da língua galega como possibilidade literária, a involução social e política que acarretará a Restauração canovista (1875-1923) na sua primeira fase provocará o apagamento de todas as vozes da geração anterior e da sua literatura. Rosalia, em plena maturidade criativa, verá condenada ao ostracismo a fabulosa *Folhas Novas* (1880) e os seus romances em castelhano, tão precursores do Esperpento.

Crítica, ousada, erudita, bem a par da literatura europeia, verá apagar-se não apenas a sua estrela e expectativas de escritora profissional, quanto também a trajetória pública e profissional do seu homem e colegas. Os fracassos vitais e matrimoniais, a morte do filho mais novo em acidente doméstico e uma saúde enfraquecida irão espelhar-se no fulcral poemário *En las orillas del Sar* (1884), que fecha em círculo a sua obra.

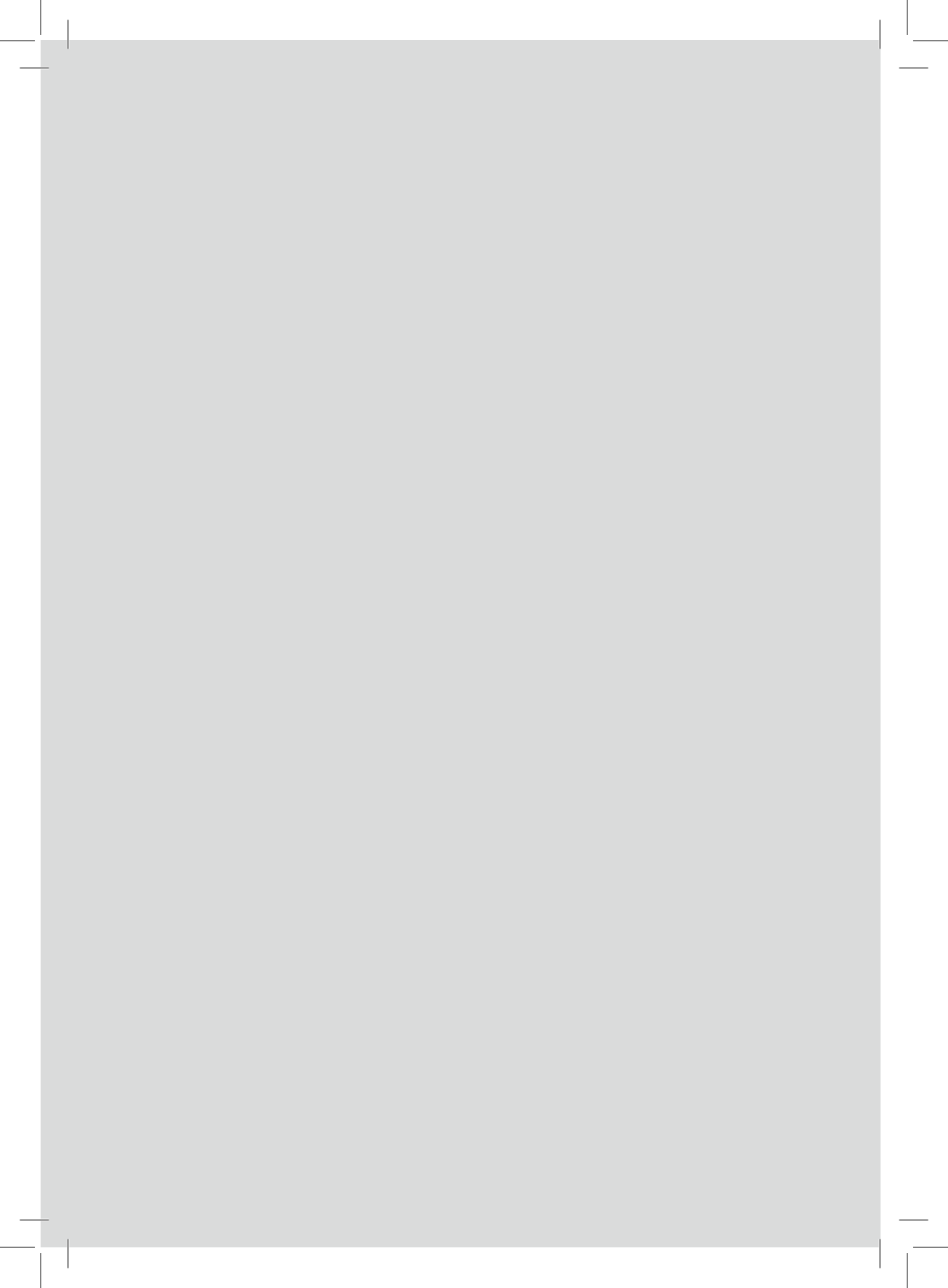
Atacada pela imprensa e a Igreja compostelana, envolvida nas polémicas literário-políticas do momento, acossada pelos seminaristas por causa duns artigos em defesa da mulher galega e a liberdade sexual, morre de cancro em 1885 em Padrão, na que hoje é Casa Museu.

Foi enterrada em Adina e passados alguns anos, em 1891, já encetado o processo de mitificação da sua figura, os seus restos foram trasladados para São Domingos de Bonaval, hoje Panteão dos Galegos Ilustres, onde também jaz Castelão.



CANTARES GALEGOS

ROSALIA CASTRO DE MURGUIA



≈ CANTARES GALEGOS ≈



~ A FERNÁN CABALLERO¹

*Senhora,
Por ser mulher e autora duns romances
por que sinto a mais profunda simpatia,
dedico-lhe este pequeno livro. Sirva para
demonstrar à autora de *La Gaviota* e de
Clemencia o grande apreço que lhe professo,
entre outras cousas, por ter-se apartado
um tanto, nas curtas páginas em que
se ocupou da Galiza, das vulgares preocupações
com que se pretende manchar
o meu país.*

Santiago, 17 de maio de 1863².

¹ Pseudónimo de Cecilia Böhl de Faber (Morges, Suíça, 1796-1877), escritora de romances de costumes, filha do hispanófilo alemão Juan Nicolás Böhl de Faber.

La Gaviota apareceu em folhetins em *El Heraldo* em 1849, escrito como reação contra os romances sensacionalistas, tão populares nos jornais. *Clemencia* publicou-se em dous volumes em 1852. Outras obras: *Cuadros de costumbres populares andaluzas* (1852), *La farisea* (1853), *Lágrimas, novela de costumbres contemporáneas* (1853) e *La familia de Alameda* (1856). As *Obras completas* (19 vol.) publicaram-se entre 1855-1858.

A dedicatória foi redigida em castelhano pela autora.

² Nesse dia, seu marido Manuel Murguía fazia os trinta anos e o livro virou num presente para ele. Hoje em dia, coincidindo nessa data, comemora-se todos os anos o Dia das Letras Galegas.



CANTARES GALEGOS

Rosalia de Castro

Grande atrevimento é sem dúvida para um pobre engenho como o que me quadrou em sorte, dar à luz um livro cujas páginas deviam estar cheias de sol, de harmonia e daquela naturalidade que, unida uma funda ternura, a um arrulo incessante de palavrinhas mimosas e sentidas, formam a maior beleza dos nossos cantos populares. À poesia galega, toda música e vaguidade, toda queixas, suspiros e doces sorrisinhos, murmurando umas vezes com os ventos misteriosos dos bosques, brilhando outras com o raio do sol que cai sereninho por cima das águas dum rio farto e grave que corre sob as ramas dos salgueiros em flor, cumpria-lhe para ser cantada um espírito sublime e cristalino, se assim o podemos dizer; uma inspiração fecunda como a vegetação que formoseia esta nossa privilegiada terra e sobretudo um sentimento delicado e penetrante para dar a conhecer tantas belezas de primeira ordem, tanto fugitivo raio de formosura como se desprende de cada costume, de cada pensamento escapado a este povo a quem muitos chamam estúpido e a quem quiçá julguem insensível, estranho à divina poesia. Mas ninguém tem menos do que eu tenho as grandes qualidades que são precisas para levar a cabo obra tão difícil, ainda que ninguém também se pôde achar animado dum mais bom desejo para cantar as belezas da nossa terra naquele dialeto suave e mimoso que querem fazer bárbaro os que não sabem que avanta as demais línguas em doçura e harmonia. Por isto, ainda achando-me débil em forças e não havendo aprendido em mais escola que a dos nossos pobres aldeãos, guiada só por aqueles cantares, aquelas palavras carinhosas e aquelas expressões nunca olvidadas que tão docemente ressoaram nos meus ouvidos desde o berço e que foram recolhidos pelo meu coração como herança própria, atrevi-me a escrever estes cantares esforçando-me em dar a conhecer como alguns dos nossos poéticos costumes ainda conservam certa frescura patriarcal e primitiva, e como o nosso dialeto doce e sonoro é tão a propósito como o primeiro para toda a classe de versificação.

As minhas forças, é certo, quedaram muito mais abaixo do que alcançaram os meus desejos e, por isso, compreendendo quanto pudera fazer nisto um grande poeta, doo-me ainda mais da minha insuficiência.

O *Livro dos Cantares* de D. António Trueba¹, que me inspirara e dera alento para levar a cabo este trabalho, passa pelo meu pensamento como um remorso e quase assomam as báguas aos meus olhos ao pensar como Galiza se levantaria até o lugar que lhe corresponde se um poeta como Antom o dos Cantares fosse o destinado para dar a conhecer as suas belezas e os seus costumes. Mas a minha infeliz pátria, tão desventurada nisto como em tudo o demais, tem-se que contentar com umas páginas frias e insulsas, que apenas seriam dignas de chegar-se de longe às portas do Parnaso se não fosse pelo nobre sentimento que as criou. Que isto mesmo me sirva de desculpa para os que justamente critiquem as minhas faltas, pois penso que o que se esforça por desvanecer os erros que mancham a sua pátria é credor a alguma indulgência!

Cantos, báguas, queixas, suspiros, serãos, romarias, paisagens, devesas, pinhais, solidões, ribeiras, costumes, tudo aquilo, enfim, que pela sua forma e colorido é digno de ser cantado, tudo o que teve um eco, uma voz, um rugido por leve que fosse, que chegasse a comover-me, tudo isto me atrevi a cantar neste humilde livro para dizer uma vez sequer, mal que seja sem jeito, aos que sem razão nem conhecimento algum nos desprezam, que a nossa terra é digna de louvores, e que a nossa língua não é aquela que bastardeiam e champurram lerdamente nas mais ilustradíssimas províncias com um riso de mofa, que para dizer verdade (por mais que esta seja dura) demonstra a ignorância mais crassa e a mais imperdoável injustiça que pode fazer uma província a outra província irmã, por pobre que esta seja. Mas eis que o mais triste nesta questão é a falsi-

¹ António Trueba y de la Quintana (Montellano, Biscaia, 1819-1899). Trabalhando em Madrid de artesão escreveu *El libro de los Cantares*, no qual louva a fé simples do seu país natal. Foi conhecido como *Anton el de los cantares*. Escreveu um romance histórico, *El Cid Campeador* (1851), e outro sobre o País Basco, *La paloma y los halcones* (1865). Em 1862 foi nomeado arquivista e cronista de Biscaia, cargo que desempenhou até a morte.

Na sua profissão conheceu Manuel Murguía, a que dedica o poema "La Gaita Gallega". A sua poesia está influída por Bécquer, incluindo *El libro de las montañas* (1868). No resto da obra salientam várias coleções de contos.

dade com que fora daqui pintam assim os filhos de Galiza como a Galiza mesma, a que geralmente julgam o mais desprezível e feio de Espanha, quando acaso seja o mais formoso e digno de louvor.

Não quero ferir com isto a suscetibilidade de ninguém, ainda que, para dizer verdade, bem pudera perdoar-se este pequeno desabafo a quem tão ferida foi de todos. Mas eu, que atravessei repetidas vezes aquelas solidões de Castela que dão ideia do deserto; eu, que percorri a feraz Estremadura e a extensa Mancha, onde o sol cai a prumo alumando monótonos campos onde a cor da palha seca presta um tom cansado à paisagem que rende e entristece o espírito, sem uma ervinha que distraia a mirada, que vai perder-se num céu sem nuvens, tão igual e tão cansado como a terra que cobre; eu, que visitei os celebrados arredores de Alicante, onde as oliveiras com o seu verde escuro, semeadas em fila e de raro em raro, parecem chorar de ver-se solitárias, e vi aquela famosa horta de Múrcia, tão nomeada e tão gabada, e que, cansada e monótona como o resto daquele país, amostra a sua vegetação tal como paisagens pintadas num cartão com árvores postas simetricamente e em carreirinhos para diversão dos meninhos, eu não posso menos que indignar-me quando os filhos dessas províncias que Deus favoreceu em fartura, mas não na beleza dos campos, se mofam desta Galiza, competidora em clima e galanice com os países mais encantadores da terra, esta Galiza onde tudo é espontâneo na natureza e onde a mão do homem cede o seu posto à mão de Deus.

Lagos, cascatas, torrentes, veigas floridas, vales, montanhas, céus azuis e serenos como os de Itália, horizontes nublados e melancólicos bem que sempre formosos qual os tão gabados da Suíça, ribeiras aprazíveis e sereninhas, cabos tempestuosos que aterram e admiram pela sua gigantesca e surda cólera... mares imensos... Que direi mais? Não há pena que possa enumerar tanto encanto reunido. A terra coberta em todas as estações de ervinhas e flores, os montes cheios de pinheiros, de robles e salgueiros, os ligeiros ventos que passam, as fontes e as torrentes derramando-se fervedoras e cristalinas, verão e inverno, já pelos risonhos campos, já em profundas e sombrias quebradas... Galiza

é sempre um jardim onde se respiram aromas puros, frescura e poesia... E apesar disto chega a tanto a fatuidade dos ignorantes, a tanto a indigna preocupação que contra a nossa terra existe, que ainda os mesmos que puderam contemplar tanta formosura (já não falamos dos que se mofam de nós sem que jamais nos tenham visto nem ainda de longe, que são os mais), ainda os que penetraram na Galiza e gozaram das delícias que oferece, atreveram-se a dizer que Galiza era... um cortelho imundo!!... E estes eram quiçá filhos daquelas terras abrasadas donde até os passarinhos fogem!... Que diremos a isto? Mais nada senão que tais fatuidades a respeito do nosso país têm alguma comparação com a dos franceses ao falarem das suas eternas vitórias ganhas aos espanhóis. Espanha nunca, nunca os venceu, pelo contrário sempre saiu vencida, derrotada, humilhada, e o mais triste disto é que vale entre eles tão infame mentira assim como vale para a seca Castela, para a deserta Mancha e para todas as demais províncias de Espanha – nenhuma comparada em verdadeira beleza de paisagem com a nossa – que a Galiza é o canto mais desprezível da terra. Bem dizem que tudo neste mundo está compensado, e vem assim a sofrer Espanha de nação vizinha que sempre a ofendeu a mesma injustiça que ela, ainda mais culpada, comete com uma província humilhada de que nunca se acordara, como não seja para humilhá-la ainda mais. Muito sinto as injustiças com que nos favorecem os franceses, mas neste momento quase lhes estou agradecida, pois que proporcionam um meio de fazer mais palpável à Espanha a injustiça que ela por sua vez conosco comete.

Foi este o móbil principal que me impeliu a publicar este livro, que, mais que ninguém, conheço que necessita da indulgência de todos. Sem gramática nem regras de nenhuma classe, o leitor topará muitas vezes faltas de ortografia, expressões que dissoarão aos ouvidos de um purista; mas ao menos, e para desculpar em algo estes defeitos, pus o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro espírito do nosso povo, e penso que o consegui em algo... se bem duma maneira débil e fraca. Queira o céu que outro mais afortunado do que eu possa descrever com as suas cores verdadeiras os quadros encantadores que por aqui se topam ainda

no recanto mais escondido e olvidado, para que assim, ao menos em fama, já que não em proveito, ganhe e se veja com o respeito e admiração merecida esta infortunada Galiza!



POEMAS



**Hás de cantar, que che hei de dar zonchos;¹
Hás de cantar, que che hei de dar moitos.²**

I

“Hás de cantar,
meninha gaiteira;
5 há de cantar,
que me morro de pena.

Canta, meninha,
na beira da fonte;
canta, darei-che
10 bolinhos do pote.

Canta, meninha,
com brando compass’;
dar-che-ei uma proia³
da pedra do lar.

15 Papinhas com leite
também che darei;
sopinhas com vinho,
torrijas com mel.

20 Patacas⁴ assadas
com sal e vinagre,
que sabem a nozes.

¹ *Zonchos*, castanhas cozidas com a casca.

² *Moitos* pela rima. *Muitos* vive em mais dum terço do galego.

³ *Proia*, bolo grande de pão feito de milho ou de trigo.

⁴ *Batatas*. *Pataca* é geral na Galiza desde o XVIII, a par da planta. Cruza *patata* com *pataca* “moeda antiga”. *Batata*, voz taina da batata-doce, alterou-se pelo quéchua *papa*.

Que ricas que sabem!

Que feira, rapaza,
se cantas faremos!...
25 Festinha por fora,
festinha por dentro.

Canta, se queres,
rapaza do demo;
canta, se queres,
30 hei dar-che um mantelo.

Canta, se queres,
na língua que eu falo.
Hei dar-che um mantelo,
hei dar-che um refaixo⁵.

35 Co som da gaitinha,
co som da pandeira;
che peço que cantes,
rapaza morena.

40 Co som da gaitinha,
co som do tambor,
che peço que cantes,
meninha, por Deôs⁶.”

II

Assim mo pediram
na beira do mar,

⁵ *Refaixo*, saía das mulheres do povo. Costuma tirar-se no cast. refajo, mas este, registado no séc. XIX, como *faja* acusa por sua vez origem no galego-português ou no catalão.

⁶ Inevitável pela rima. Substitui o castelhano *Dios*. É o velho bissílabo *Deos*, por licença pronunciado com tom deslocado e numa sílaba só.

45 ao pé das ondinhas
 que vêm e vão.

 Assim mo pediram
 na beira do rio
 que corre entre as ervas
50 do campo florido.

 Cantavam os grilos,
 os galos cantavam,
 o vento entre as folhas
 rugindo passava.

55 Campavam os prados,
 manavam as fontes
 entre ervas e vinhas,
 figueiras e robles.

 Tocavam as gaitas.
60 Ao som das pandeiras
 bailavam os moços
 coas moças modestas.

 Que coifas tão brancas!
 Que panos com *fleco*⁷!...
65 Que dengues de *grana*⁸!
 Que cintas! Que ad'reços!

 Que ricos mandis!
 Que verdes refaixos!...

⁷ *Fleco*, castelhanismo por *froco*, designa a franja, adorno composto de uma série de fios ou flocos pendentes. É preciso mantê-lo por causa da rima.

⁸ *Grana*, castelhanismo por *grã*, lã tingida de escarlate, é inescusável pela medida.

70 Que feitos justilhos
de cor colorados!

Tão vivas as cores
a vista turvavam;
de vê-las tão várias
o sol se folgava.

75 De vê-las bulindo
por montes e veigas,
cuidou que eram rosas
garridas e frescas.

III

80 Lugar mais formoso
não houve na terra
que aquel⁹ que eu mirava,
que aquel que me dera.

85 Lugar mais formoso
no mundo n'achara
que aquel da Galiza,
Galiza encantada!

90 Galiza florida,
qual ela nenhuma,
de flores coberta,
coberta de espumas.

De espumas que o mare¹⁰

⁹ Amiúde vemos o arcaico e dialetal *aquel* por *aquele*, como *el* por *ele*. Nem dificultam a leitura nem é preciso apelar ao apóstrofo.

¹⁰ A paragoge de *mare*, que a rima interna exige, é frequentíssima nos falares galegos.

com pér'las vomita;
de flores que nascem
ao pé das fontinhas.

95 De vales tão fundos,
tão verdes, tão frescos,
que as penas se calmam
não mais que com vê-los.

100 Que os ângelos 14¹¹ neles
dormidos se quedam,
em forma de pombas,
em forma de névoas.

IV

105 Cantar-te-ei, Galiza,
teus doces cantares,
que assim mo pediram
na beira do mare.

110 Cantar-te-ei, Galiza,
na língua galega 15¹²,
consolo dos males,
alívio das penas.

Mimosa, suave,
sentida, queixosa,
encanta se ri,
comove se chora.

115 Qual ela nenhuma

¹¹ *Ângelos* é latinismo com uso na língua antiga, aqui exigido pelo *ánxeles* do original.

¹² A língua galega é o português da Galiza, apesar de séculos de castelhanização.

tão doce que cante
soidades amargas,
suspiros amantes,

120 mistérios da tarde,
murmúrios da noite;
cantar-te-ei, Galiza,
na beira das fontes.

Que assim mo pediram,
que assim mo mandaram,
125 que cante e que cante
na língua que eu falo.

Que assim mo mandaram,
que assim mo disseram...
Já canto, meninas.
130 Cuidai, que começo.

Com doce alegria,
com brando compass',
ao pé das ondinhas
que vêm e vão.

135 Deus santo permita
que aquestes¹³ cantares
de alívio vos sirvam
nos vossos pesares;

de amável consolo,
140 de suave contento,

¹³ Trás o séc. XVI, recurso métrico? Ideia do galego como arcaico? *Aquest* de imigrancomo tes catalães? Leite de Vasconcelos achou *(a)quisso* em Trás-os-Montes.

qual fartam de ditas
cumpridos desejos.

De noite, de dia,
na aurora, na sera¹⁴,
145 cantando ouvireis-me¹⁵
por montes e veigas.

Quem quer que me chame,
quem quer que me obriga:
cantar, cantarei-lhe
150 de noite e de dia,

por dar-lhe contento,
por dar-lhe consolo,
trocando em sorrisos
queixinhas e choros.

155 Buscai-me, rapazas,
velhinhas, mocinhos,
buscai-me entre os robles,
buscai-me entre os milhos,

nas portas dos ricos,
160 nas portas dos pobres,
que aquestes cantares
a todos respondem.

A todos, que à Virgem
ajuda pedi,
165 porque vos console

¹⁴ Sera "tarde" pode ser derivado regressivo de serão, sob o modelo do italiano sera .

¹⁵ O oirês(-me cantando) original pode reparar-se invertendo a ordem.

no vosso afligir;

nos vossos tormentos,

nos vossos pesares.

Cuidai, que começo...

170 Meninhas, Deus diante!

Nasci quando as plantas nascem,
 no mês de flores nasci,
 numa alvorada maininha,
 numa alvorada de abril.
 5 Por isso me chamam Rosa,
 mas a do triste sorrir,
 com espinhas para todos,
 sem nenhuma para ti.
 Dês que che quis bem, ingrato,
 10 todo acabou para mim,
 que eras ti para mim todo,
 minha glória e existir.
 De que, pois, te queixas, Mauro?
 De que, pois, te queixas, diz,
 15 quando sabes que morrera
 por te contemplar feliz?
 Duro cravo me encravaste
 com esse teu mau pedir,
 com esse teu pedir tolo
 20 que não sei que quer de mim,
 pois dei-che quanto dar pude,
 eu avarenta de ti.
*O meu coração che mando
 cuma chave para o abrir.*
 25 *Nem eu tenho mais que dar-che,
 nem tu mais que me pedir.*

– Deus bendiga todo, nena;
 rapaza, Deus te bendiga,
 já que te deu tão graciosa,
 já que te deu tão feitinha,
 5 que, em-que¹⁶ andei por muitas terras,
 que, em-que andei por muitas vilas,
 como a ti¹⁷ não vi nenhuma
 tão redonda e tão bonita.
 Bem haja quem te pariu!
 10 Bem haja, amém, quem te cria!

–Deus vos guarde, minha velha;
 guarde-vos Santa Marinha¹⁸,
 que, abofé, sois afagueira¹⁹,
 afagueira e bem cumprida.

15 –Meninha, por bem falada
 nenhuma se perderia.
 Colhem-se entre os passarinhos
 aqueles que melhor trinam.
 Morre afogado entre as palhas
 20 o pitinho²⁰ que não chia.

¹⁶ O medieval em que, de ainda que, vive na Galiza e em Rosalia. Suposto falsamente vindo do cast. popular anque, pronúncia átona de aunque, tomou a vogal A. Hifenizamos para evitar confusões.

¹⁷ Popular *como a ti* = *como tu*. Veja-se nota final.

¹⁸ Talvez Sta. Marinha de Águas Santas (Ourense), nascida em Ginzo de Lima no séc. II, que sofreu martírio ao não aceitar amores do prefeito Olibrio. Os atributos são um forno aceso, onde a tradição diz que a meteram, e três nascentes que, segundo a lenda, saíram da sua cabeça ao cair e rolar três vezes, que são as três fontes de Águas Santas (Ângelo Brea).

¹⁹ *Afagueira*, forma antiga de *fagueira*. No original o que há é *falagueira*, velho castelhanismo por (*a*) *fagueiro*, cruzado paretimologicamente com *falar* ou *falador*.

²⁰ *Pitinho*, forma antiga de *pintinho*.

–Pois, se vós fôsseis pitinho,
digo-vos, minha velhinha,
que desse mal não morreras,
que chiar, bem chiaríeis.

- 25 –Ai! Que, se não, de mim fora,
 minha filha, minha filha!
 Sem agarimo²¹ no mundo
 desde que nasci orfinha,
 de porta em porta pedindo
30 tive que passar a vida.
 E quando a vida se passa
 qual vida de peregrina
 que busca peregrinando
 o pão de todos os dias,
35 de cote em lares alheios,
 de cote em estranhas vilas,
 há que depreender então,
 por não morrer, coitadinha,
 ao pé dum valo tombada
40 e de todos esquecida,
 o chio dos passarinhos,
 o reclamo das pombinhas,
 o bem falar que compraz,
 a humilda' mansa que obriga.
- 45 –Muito sabeis, minha velha!
 Muito de sabedoria!
 Quem pudera correr mundo
 por ser como vós sabida!
 Que em-que trabalhos se passem
50 alô pelas longes vilas,

²¹ *Agarimo* "abrigo", de *agrimar*, *agrimar*. Do vulg. **aggremiare*, de *gremium* "seio".

também que cousas se sabem!;
também que cousas se miram!

—Mais val que n'as mires nunca,
que entonces²⁵ te perderias:
55 O que ao sol mirar procura
logo quedará sem vista!

—Direis verda', minha velha;
mais claras as vossas 'ninhas²²
emprestou-vos até ora
60 gloriosa Santa Luzia²³.

—Muita devoção lhe tenho,
minha santinha bendita!;
mas não sempre as 'ninhas claras
são prova de claras vistas.
65 Muitas eu vi como a água
que corre entre as penas frias
gorgolejando de passo,
sereninha, sereninha,
que entre tenebras pousavam,
70 que entre tenebras²⁴ viviam,
nas tenebras dos pecados,
que são as mais escondidas.

—Se de pecados falais,

²² 'Ninhas, não é castelhanismo, mas aférese de *meninhas* (*dos olhos*).

²³ Sta. Luzia de Siracusa, mártir na perseguição de Diocleciano (sécs. III-IV). Repartira a fortuna entre os pobres. Denunciada pelo prometido, condenaram-na a trabalhar num prostíbulo, bem que quatro bois não a conseguiram mover do sítio. O mais famoso da lenda é ter-se tirado os olhos, por amor a Cristo ou para enviá-los ao prometido. Daí ser advogada das doenças da vista e padroeira dos que a forçam, costureiras e informáticos (Ángelo Brea).

²⁴ *Trevas* coexiste com o erudito *ténebras*, com a prosódia latina clássica. Conjuramos aqui a presença de *tenebras*, com a vulgar, por não alterar o metro. É um recurso forçado.

75 é pão que onde quer espiga
em todas as partes cresce,
em toda a parte se cria;
mas uns são cor de veneno,
outros de carne rungida²⁵,
outros, como a noite negros,
80 medram coas lúrpias²⁶ daninhas
que os parem entre ouro e seda,
arrolados pela invidia,
mantidos pela luxúria,
mantidos pela cobiça.

85 –“Quem bem está, bem esteja”.
Deixa-te estar, minha filha,
nem procures correr mundo,
nem tampouco longes vilas,
que o mundo doa maus pagos
90 a quem lhe dá prendas finas
e nas vilas mal fizeras
que aqui fazer não farias,
que, em-que esse pão bolorento
em todas partes espiga,
95 numas apoucado cresce,
noutras medra que ademira²⁷.

–Falais como um advogado,
e qualquer o pensaria
que depreendestes nos livros
100 tão várias palavrarias,

²⁵ *Rungida* “requeimada”, de *rungir* “requeimar”, provável cruzamento de *rugir* “crepitar” com o arcaico *renger*, forma galega de *ranger*.

²⁶ Seria dantes “meiga chuchona”, vampiro feminino que bebe sangue dos infantes. E “bebedeira”, “mulher de mau viver; ladra; esfarrapada e suja”, “fartadela”, etc.

²⁷ *Ademira*, anaptixe vulgar de *admira*, imposta pelo metro.

todinhas tão bem faladas,
todinhas tão entendidas.
E tal medo me pusestes
que já daqui não saíra
105 sem levar santos escritos
e medalhinhas benditas
num lado do meu justilho,
junto duma negra figa,
que me livrassem das meigas
110 e mais das lúrpias daninhas.

—Que te livrem de ti mesma,
pede-lhe a Deus, rapariga,
que somos nós para nós
as lúrpias mais inimigas.
115 Mas já vem a noite vindo
co seu manto de estrelinhas;
já recolheram o gado
que pastava na cortinha;
já longe as campanas tocam,
120 tocam as ave-marias;
cada coelho ao seu tovo²⁸
ligeiro, ligeiro tira,
que é mau companheiro a noite
se a companheiro se obriga.
125 Mas, ai!, que eu não tenho tovo
nem burata²⁹conhecida,
nem telhado que me cubra
dos ventos da noite fria.
Que vida a dos pobres, nena!

²⁸ *Tovo* "toca ou lura de certos animais", do lat. *tõfus* "pedra calcárea", que na península cobrou sentido de "cavidade".

²⁹ Aumentativo de *burato*, por sua vez variante de *buraco*.

130 Que vida! Que amarga vida!
 Mas Nosso Senhor foi pobre.
 Que isto de alívio nos sirva!
 –Amém, minha velha, amém;
 mas, pelas almas benditas,
 135 hoje dormireis num leito
 feito de palhinha triga,
 junto do lar que vos quente
 coa borralhinha acendida,
 e comereis um caldinho
 140 com patacas e nabiças.

 –Bendito o Senhor, bendito!
 Bendita a Virgem Maria
 que com tanto bem me acode
 por uma mão compassiva!
 145 O Senhor che dê fortuna
 com muitos anos de vida.
 Volvam-se-che as telhas de ouro,
 as pedras de prata fina
 e cada grão seu diamante
 150 che se volva cada dia!
 E agora, minha rapaza,
 porque um pouco te divirtas
 bailando coas companheiras
 que garrulam na cozinha,
 155 hei-che de contar histórias,
 hei-che de contar coplinhas,
hei-che de tocar as conchas,
*minha carrapucheirinha*³⁰.

³⁰ Hipocorístico para meninos e moços, de *carapucha* “carapuça” com RR secundário.

—*Cantam os galos pró dia ;
ergue-te, meu bem, e vai-te.
—Como me hei de ir, queridinha,
como me hei de ir e deixar-te?*

- 5 —Desses teus olhinhos negros
 como doas relumbrantes
 para as nossas mãos unidas
 as báguas³¹ ardentes caem.
 Como me hei de ir se te quero?
- 10 Como me hei de ir e deixar-te
 se coa língua me rebotas
 e co coração me atraís?
 Num corrunchinho³² do teu leito
 carinhosa me abrigaste;
- 15 co teu manso calorinho
 os frios pés me quentaste
 e daqui juntos miramos
 por entre a verde ramagem
 qual ia correndo a lua
- 20 por em riba dos pinhares³³.
 Como queres que te deixe?
 Como que de ti me aparte
 se mais que o mel és tu doce
 e mais que as flores suave?
- 25 —Meiguinho, meiguinho, meigo,
 meigo que me namoraste,

³¹ Velha palavra galega para *lágrima*.

³² Sinónimo local de *recanto*, *canto* ou *cantinho*.

³³ Variante esporádica de *pinhais*.

vai-te donde a mim³⁴, meiguinho,
antes que o sol se levante.

30 –Ainda dorme, queridinha,
entre as ondinhas do mare;
dorme porque me acarinhos
e porque amante me chames,
que só onde a ti, meninha,
posso contente folgare.

35 –Já cantam os passarinhos;
ergue-te, meu bem, que é tarde.

–Deixa que cantem, Marica.
Marica, deixa que cantem...
Se tu sentes que me vaia,
40 eu relouco por quedar-me.

–Comigo, meu queridinho,
meta³⁵ da noite passaste.

–Mas entanto tu dormias
contentei-me com mirar-te,
45 que assim, sorrindo entre sonhos,
cuidava que eras um anje³⁶,
e não com tanta pureza
ao pé dum anjo velasse.

–Assim te quero, meu bem,

³⁴*Donde eu*. Sem norma, o galego fez de *onde* a a preposição *onda*, que pede pronome oblíquo. Não ousamos mudar a música do verso, teste do seu tempo e espaço.

³⁵ A língua deturpada que herdou Rosalia impõe o apóstrofo além dos casos admitidos no Acordo Ortográfico. Solicitam-no outras elisões. É duro grafar *metá* em vez de *meta*.

³⁶ *Anje*, por ánxel do original, é alomorfo licencioso para manter a rima.

50 omo um santo dos altares;
mas foge... que o sol dourado
por riba dos montes saie³⁷.

—Irei; mas dá-me um biquinho³⁸
antes que de ti me aparte,
55 que esses labinhos³⁹ de rosa
inda não sei como sabem.

—Com mil amores cho⁴⁰ dera;
mas tenho que confessar-me,
e muita vergonha fora
60 ter um pecado tão grande.

—Pois confessa-te, Marica,
que, quando casar nos casem,
não che hão de valer, menina,
nem confessores nem frades.
65 Adeus, carinha de rosa!

—Raparigo, Deus te guarde!

³⁷ Paragoge usual e necessária para a rima.

³⁸ Beijinho.

³⁹ Labiozinhos.

⁴⁰ To.

*Nossa Senhora da Barca
tem o telhado de pedra;
bem o pudera ter de ouro
minha Virgem se quisesa.*

I

5 Quanta gente,... quanta gente
por campinas e por veigas!
Quanta pelo mar abaixo
vem caminho da ribeira!
Que lanchas tão bem portadas
10 com aparelhos de festa!
Que botes tão feituquinhos
com tão feituquinas velas!
Todos carr'gadinhos vêm
de gentinha forasteira
15 e de rapazas bonitas,
cura de todas as penas.
Quantos dengues encarnados!
Quantas fitas amarelas!
Quantas coifas passadinhas
20 desde longe que centelham
qual se fossem neve pura,
qual flores da primavera!
Quanta guapeza nos homens!
Quanta brancura nas nenas!
25 E eles semelham galhardos
pinhos que os montes arejam,
e elas botóezinhos novos
co orvalho da manhã fresca.

As de Muros, tão fininhas
30 que um cuidara que se quebram,
co'aquelas caras de virgem,
co'aqueles olhos de amêndoa,
co'aqueles cabelos longos
juntados em longas trenças⁴¹,
35 co'aquelas cores rosadas
qual se a aurora lhos pusera,
pois assim são de suaves
como a aurora que começa;
descendentes das airoas
40 filhas da pagã grei grega⁴²,
elas de negro se vestem,
delgadinhas e ligeiras,
refaixo e mantelo negro,
sapato e meia de seda,
45 negra jaqueta de raso,
mantilha da mesma peça,
com terciopelo adornado
quanto em riba de si levam;
filhas de r'inhas⁴³ parecem,
50 gregas estátuas semelham
se a um raio de sol poente
repousadas se contemplam;
ricos panos de Manila,
brancos e cor de cereija,
55 cruzam-se sobre o seu seio
com pudorosa modéstia,

⁴¹ Tranças. Arcaísmo obrigado pela rima.

⁴² Na tradição local, Muros fora colónia grega (Ángelo Brea). Faz parte do plexo de crenças iniciado na conquista romana, a que serviu, e do que há muitas pegadas. É ideologia que contribuiu para o longo processo de alienação da identidade nacional. Da teima "helénica", veja-se no livro *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, Barcelona, 2008, as pp. 280 e ss.

⁴³ Síncope de rainhas. Veja-se nota final.

e por entre eles reluzem
como brilhantes estrelas
adereços e colares
60 de diamantes e de pérolas,
pendentes de filigrana
e *pechuguinhas*⁴⁴ de cera.
As de Camarinhas vestem
qual rapazinhas gaitieras,
65 saias de vivazes cores
pelo pescoço da perna,
mostrando o negro sapato
em riba de branca meia;
chambras⁴⁵ feitas de mil raia
70 azuladas e vermelhas,
com guarnições que lhes caem
sobre as pomposas cadeiras.
Para tocar o pandeiro
não há como aquelas nenas,
75 que são as camarinhanas
feitas de sal e canela.

As de Cé, Virgem do Carmo!,
que carinhas tão bem feitas!
Quando estão coloradinhas
80 no ruge-ruge da festa,
cada mirar dos seus olhos
fere qual se fossem setas.
Nem há mãos tão bem cortadas,
tão branquinhas e pequenas
85 como as que amostram fingindo
que não querem que lhas vejam.

⁴⁴ Castelhanismo por *peitinhos*. Eufemismo por tradução. Ver nota final.

⁴⁵ Não é o chambre "roupão", mas "blusa" feminino, da mesma origem.

São as de Lage⁴⁶ umas moças...
 Vai-te⁴⁷ umas moças aquelas!
 Que só com vê-las de longe
 90 tira-se-lhes a monteira,
 porque são vivas de génio,
 em-que são rapazas netas.
 Bailadoras... N'há nenhuma
 que com elas se intrometam,
 95 pois por bailar bailariam
 no crivo duma peneira;
 mas, em tocando a que rezem,
 em rezar são as primeiras...
 Dão ao mundo o que é do mundo,
 100 dão à igreja o que é da igreja.
 As de Noia bem se ajuntam
 coas graciosas rianjeiras⁴⁸,
 pelos redondos peinhos,
 pelas cabeleiras crechas⁴⁹,
 105 pelos morenos lunares
 e pelas línguas acerbas,
 que abofé⁵⁰ que em tudo picam
 como se fossem pimenta.
 Vêm depois, recatadas
 110 bem que um pouquinho soberbas
 por aquilo que elas sabem
 de antiguidade e nobreza
 (pois por acô todos somos
 tal como Deus nos fizera),
 115 as meninas bem compostas

⁴⁶ Ao menos no topónimo, a grafia correta é *Lage*. Veja-se a nota final.

⁴⁷ Interjeição que enfatiza a oração que introduz.

⁴⁸ Naturais de Rianjo, donde era Afonso Daniel R. Castelão e outros escritores.

⁴⁹ *Crespas*. Cruzou-se talvez *crespo* e o ant. *crencha* "trança", cf. cast. *crencha*, cat. *clenxa*.

⁵⁰ Dialectal, do ant. a *boa fé*.

duma vila quisquilheira⁵¹,
 que por onde vão parece
 que vão dizendo “Canela!”⁵²
 Plantamos ou não plantamos
 120 a quantas há nesta terra?”
 Mas se plantam ou não plantam
 não sou eu quem o dissera,
 que fora pouca cordura,
 que fora farta lhaneza.
 125 Baste dizer que, juntinhas
 todas na porta da igreja,
 mais bonitas pareciam
 que um raminho de açucenas,
 mais frescas que uma leituga⁵³,
 130 mais sab’rosinhas que fresas⁵⁴.
 Já que fossem de Rianjo,
 que fossem de Redondela,
 de Camarinhas ou Lage,
 de Lage ou de Ponte-Areias,
 135 todas eram tão bonitas,
 todas tão bonitas eram
 que o de mais duras entranhas
 dera as entranhas por elas...
 Por isso se derretiam,
 140 qual se foram de manteiga,
 diante delas os rapazes,
 os rapazinhos da festa,
 os marinheiros do mare

⁵¹ Carvalho Calero cria ser Padrão, vila da mãe, onde Rosalia viveu e morreu, pelo dito nos vv. 121-124, que seriam expressão de reserva modesta (Ângelo Brea). *Quisquilheira* parece fruto ocasional do cast. *quisquilhoso*. É incerto vir do lat. *quisquiliae* “bagatelas” como se dizia e impugnou Coromines, mas remanesce dúvida.

⁵² A interjeição *canela!* vem do castelhano moderno e vale “cousa fina”, com saíbo a gíria.

⁵³ *Alface* (*Lactuca sativa*). *Leituga* ficou acantoadada para variedades espontâneas.

⁵⁴ *Morango* (*Fragaria* sp.). Castelhano obrigado pela rima.

que aonde a Virgem vieram
145 porque a Virgem os salvara
de naufragar na tormenta.
Mas se salvaram no mare
não se salvarão na terra,
marinheiros, marinheiros,
150 que aqui também há tormentas
que afogam coraçõezinhos
sem que lhes valham ofertas,
que ouve a Virge'os que se afogam
do mar entre as ondas feras,
155 mas não ouve os namorados
que de afogar-se se alegram.

II

Ramo de flores parece
Mogia a das altas penas
com tanta rosa espalhada
160 naquela branca ribeira,
com tanto belo cravinho
que reluz entre as areias,
com tanta gente que corre,
que corre e que se peneira
165 ao som das gaitas que tocam
e das bombas que rebentam,
uns que vendem limonada,
outros água que refresca,
aqueles doce rosólio
170 com rosquilhinhas de amêndoa;
os de mais além sandias⁵⁵
com saborosas ameixas,
entretanto que algum cego,

⁵⁵ *Melancias* ou *balancias* (*Citrullus* sp.).

175 ao som de alegre pandeira,
 toca um quarto de guitarra
 para que baile as nenas.
 Bendita a Virgem da Barca!
 Bendita por sempre seja
 minha Virgem milagrosa
 180 em quem tantos se recreiam!
 Todos vão por visitá-la,
 todos ali vão por vê-la
 na sua barca dourada,
 na sua barca pequena,
 185 onde estão os dous anjinhos,
 os dous anjinhos que remam⁵⁶.
 Ali chegou milagrosa
 numa embarcação de pedra⁵⁷.
 Ali, porque Deus o quis,
 190 sempre adoradores tenha.
 A pedra, bala que bala⁵⁸,

⁵⁶ No barroco retábulo maior, do compostelano Diego de Romai. As ruas laterais dedicam-se aos apóstolos. No centro, o camarim da Virgem da Barca, imagem gótica do séc. XIV. Além da imagem, o camarim é o mais barroco do retábulo, profusamente decorado (Â. Brea).

⁵⁷ A lenda da vila de Duio (num vale perto de Fisteria) diz que foi sumida em castigo de não atender ao apóstolo Santiago, que se retira à Ponta Xavinha a rezar para que os habitantes não fossem hostis. Ali vê uma barca aproximar-se da beira. Nela vem a Virgem a animá-lo, que a pregação terá êxito e que volte a Jerusalém, que a missão já fora cumprida. A Virgem usara uma barca de pedra, cujos restos ficaram nas rochas. A barca é a Pedra de Abalar; a vela, a dos Cadris; o timão, a do Timão. A de Abalar é uma massa granítica de 8,7 m de largura e 6,91 de comprimento, e entre 15 e 30 cm de alto, em forma de tábuas que quase não se eleva das rochas em que apoia. Chega uma pessoa pôr-se num lugar, pelo sul, para que a pedra pegue a abalar. Cheia de lendas e tradições, diz-se que a pedra às vezes abala só, o que agoira desgraça. Também pode abalar sozinha, para alertar os vizinhos, como na ocasião em que iam roubar na ermida (ao que Rosalia parece referir-se no v. 192). Em 1978, uma tormenta moveu a pedra, rompendo-lhe um pedaço. Restaurada várias vezes, quando a tormenta lhe desprende uma lasca, a pedra deixa de abalar. (Â. Brea)

O gostoso sincretismo destas lendas baseia-se num fundo de práticas xamânicas, em que como em palimpsesto se superpuseram sem violência as culturas e saberes posteriores. Os xamãs viajam oniricamente (vivem-no como real) para o inconsciente (o país dos deuses, dos espíritos ou dos mortos) para atingirem a sabedoria necessária para guiar o seu povo. As barcas eram e são uma das metáforas dessas viagens.

⁵⁸ Quer dizer, *abala que abala*. A forma, não documentada nos dicionários, apoia a etimologia de Meyer-Lubke, de *ballare* "bailar", pela qual se inclina Coromines.

serve-lhe de sentinela
e enquanto dormem os homens
ela adoração lhe presta
195 com aquel som campanudo
que escutar longe se deixa
e a quem o mar com bramidos
humildosos lhe contesta.
Quando as campanas repicam
200 e a música retumbeia⁵⁹
qual num céu lá pelas naves
da recolhidinha igreja;
quando os foguetes estalam
nos ares, e vozes frescas
205 pelo espaço coas gaitinhas
e cos tambores se mesclam,
entonces a pedra bala
tão alegre e tão contenta
que em-que um cento de pessoas
210 brinca e salta em riba dela,
como se fosse mocinha,
mais que uma pluma ligeira,
alegre como umas páscoas
salta e rebrinca⁶⁰ com elas.
215 Chovem então os presentes,
chovem então as ofertas
que lhe trazem os romeiros
em feitinhas caravelas
diante da Virgem bendita,
220 aos pés da sagrada Régia,
e por isso ali lhe cantam
quando se despedem dela:

⁵⁹ Neologismo por *retumbar*, obrigado pela medida.

⁶⁰ Não é outro que *brincar* com prefixo iterativo.

*Nossa Senhora da Barca
tem o telhado de pedra;
225 bem o pudera ter de ouro
minha Virgem se quisera.*

6

Fui um domingo,
fui pela tarde,
co sol que baixa
trás os pinhares,
5 coas nuvens brancas,
sombra dos anjes,
e coas pombinhas
que as alas batem
com um batido
10 manso e suave,
atravessando
vagas celagens,
mundos estranhos
que em raios partem
15 ricos tesouros
de ouro e diamante.
Passei os montes,
montes e vales;
passei planuras
20 e soledades;
passei os regos,
passei os mares
cos pés enxutos
e sem cansar-me..
25 Colheu-me a noite,
noite brilhante
cuma luinha
feita de jaspes,
e fui com ela
30 caminho adiante,

coas estrelinhas
para guiar-me,
que esse caminho
só elas sabem.

- 35 Depois a aurora
co seu semblante
feito de rosas
veio alumiar-me,
e vi então,
40 entre a ramagem
de olmos e pinhos,
acovilhar-se
branca casinha
co seu pombale
45 onde as pombinhas
entram e saem.
Nela se escutam
doces cantares,
nelas garrulam
50 moços galantes
coas rapazinhas
doutros lugares.
Tudo é contente,
tudo é folgare
55 enquanto a pedra,
bate que bate,
mói que te mói,
dá-lhe que dá-lhe,
com lindo gosto
60 faz-lhe compasses⁶¹.

⁶¹ Alomorfo por licença de compassos a causa da rima.

Não há sitinho
que mais me agrade
que aquel moinho
dos castanhares
65 onde há meninas,
onde há rapazes
que ricamente
sabem lutare⁶²;
onde rechinam
70 até cansar-se
moços e velhos,
nenos e grandes,
e, em-que não querem
que alô me baixe,
75 sem que o soubera
na casa naide⁶³,
fui ao moinho
do meu compadre;
fui pelo vento,
80 *vim pelo are.*

⁶² Veja-se nota final.

⁶³ Pela rima não se pode tirar o castelhanismo *naide* (ninguém), testemunha de um tempo e estilo.

Um repoludo⁶⁴ gaiteiro
 de pano sedã⁶⁵ vestido,
 como um príncipe cumprido,
 carinhoso e afagueiro,
 5 entre os moços o primeiro
 e nas cidades sem par,
 tinha costume em cantar
 alô pela manhãzinha:
—Com esta minha gaitinha
 10 *as nenas hei de enganar.*

Sempre pela vila entrava
 com aquel de senhorio,
 sempre com pojante brio
 co tambor se compassava;
 15 e se na gaita soprava
 era tão doce soprar
 que bem fizera em cantar
 alô pela manhãzinha:
—Com esta minha gaitinha
 20 *as nenas hei de enganar.*

Todas por el reloucavam,
 todas por ele morriam;
 se o tinham cerca, sorriam,
 se o tinham longe, choravam.
 25 Malpecado⁶⁶, não cuidavam
 que co'aquel seu florear

⁶⁴ Elegante, *garboso*.

⁶⁵ Talvez panos trazidos de Sedan, nas Ardenas.

⁶⁶ *Infelizmente, ainda mal*, arcaísmo. Veja-se também nota final 18. 23.

tinha costume em cantar
alô pela manhãzinha:
–*Com esta minha gaitinha*
30 *as nenas hei de enganar.*

Caminho da romaria,
debaixo duma figueira,
quanta menina solteira
“quero-che” lhe repetia!...
35 E el coa gaita respondia
por a todas embaucar,
pois bem fizera em cantar
alô pela manhãzinha:
–*Com esta minha gaitinha*
40 *as nenas hei de enganar.*

Elas louquinhas bailavam
e pra junto a ele corriam
cegas... cegas que não viam
as espinhas que as cercavam;
45 pobres pombinhas⁶⁷, buscavam
a luz que as ia queimar,
pois que el soubera cantar
alô pela manhãzinha:
–*Com este minha gaitinha*
50 *as nenas hei de enganar.*

Nas festas, quanto contente!
Quanto riso nas fiadas!
Todas, todas, namoradas,
deram-lhe o seu pensamento.
55 E el que, de amores sedento,

⁶⁷ Insetos que revoam arredor das luzes.

quis todinhas enganar,
quando as viu depois chorar,
cantava nas manhãzinhas:
— *Não sejam elas tolinhas,*
60 *não venham ao meu tocar.*

- “Quije-che⁶⁸ tanto, menina,
 tive-che tão grande amor
 que para mim eras lua,
 branca aurora e claro sol;
 5 água limpa em fresca fonte,
 rosa do jardim de Deôs⁶⁹,
 alentinho do meu peito,
 vida do meu coração” .
 Assim che falei um dia
 10 caminhinho de São Lois,
 todo oprimido de angústia,
 todo ardente de paixão,
 enquanto tu me escutavas
 depenicando uma flor
 15 porque eu não visse os teus olhos
 que refletiam traições.
 Depois que sim me disseste,
 em prova de teu amor,
 deste-me a mim um cravinho
 20 que guardei no coração.
 Negro cravinho maldito
 que me feriu desta dor!
 Mas, ao passar pelo rio,
 o negro cravo afundou!...
 25 *Tão bom caminho tu levas*
 como o esse cravo levou.

⁶⁸ *Quis-te* = Amei-te. Aqui se altera a reintegração do *quijem* local por causa da métrica: “*Quije-che...*” sem nasalidade escrita em vez de *quis*. Além disso, no tratamento familiar o verbo *querer* “amar” requer do che galego e arcaico. Veja-se nota final.

⁶⁹ Veja-se a nota 10.

*Campanas de Bastavales,
quando vos ouço tocar,
morro-me de soidades.*

I

5 Quando vos ouço tocar,
campainhas, campainhas,
sem querer torno a chorar.

Quando de longe vos ouço,
penso que por mim chamais,
e das entranhas me doo.

10 Doo-me de dor ferida,
que antes tinha vida inteira
e hoje tenho meia vida.

15 Que só meia me deixaram
os que dalô me trouxeram,
os que dalô me roubaram.

Não me roubaram, traidores,
ai!, uns amores tolinhos,
ai!, uns tolinhos amores.

20 Que os amores já fugiram,
as soidades vieram...
De pena me consumiram.

II

Alô pela manhãzinha
subo em riba dos outeiros
ligeirinha, ligeirinha.

- 25 Como uma cabra ligeira,
para ouvir das campainhas
a badalada primeira.

- A primeira da alvorada,
que me trazem os arinhos
30 por me ver mais consolada.
Por me ver menos chorosa,
nas suas asas ma trazem
rebuldeira⁷⁰ e queixumosa.
Queixumosa e retremendo
35 por entre a verde espessura,
por entre o verde arvoredos.
E pela verde pradeira⁷¹,
por riba da veiga chá,
rebuldeira e rebuldeira.

III

- 40 Passeninho, passeninho⁷²,
vou pela tarde calada
de Bastavales caminho.

- Caminho do meu contento;
e entanto o sol não se esconde,
45 numa pedrinha me sento.

⁷⁰ Brincalhona. *Rebuldeira de rebuldar*, e este provavelmente de **rebullitare*.

⁷¹ Neologismo bárbaro necessário pela rima.

⁷² *Devagarinho*.

E sentada estou mirando
como a lua vai saindo,
como o sol se vai deitando.

50 Qual se deita, qual se esconde,
entretanto corre a lua
sem saber-se para onde.

Para onde vai tão soia⁷³
sem que aos tristes que a miramos
nem nos fale nem nos ouça.

55 Que se ouvira e nos falara,
muitas cousas lhe dissera,
muitas cousas lhe contara.

IV

60 Cada estrela, o seu diamante;
cada nuvem, branca pluma;
triste a lua marcha diante.

Diante marcha clarejando
veigas, prados, montes, rios,
onde o dia vai faltando.

65 Falta o dia, e noite escura
baixa, baixa, pouco a pouco,
por montanhas de verdura.

De verdura e de folhagem,
salpicada de fontinhas
sob a sombra da ramagem.

⁷³ Velho feminino de só, soa com l anti-hiático, inescusável por a forma atual *sozinha* não dar a medida.

70 Da ramagem onde cantam
passarinhos piadores,
que coa aurora se levantam.

Que coa noite se adormecem
para que cantem os grilos
75 que coas sombras aparecem.

V

Corre o vento, o rio passa,
correm nuvens, nuvens correm
caminho da minha casa.

Minha casa, meu abrigo,
80 vão-se todos, eu me quedo
sem companha nem amigo.

Eu me quedo contemplando
as laradas das casinhas
por quem vivo suspirando.

.....

85 Vem a noite,... morre o dia,
as campanas tocam longe
o tocar da Ave-Maria.

Elas tocam pra que reze;
eu não rezo, que os saloucos⁷⁴
90 afogando-me parece
que por mim têm que rezar.
Campanas de Bastavales,

⁷⁴ Soluções.

*quando vos ouço tocar,
morro-me de soidades.*

I

Vi-te uma clara noite,
noitinha de São João,
a pôr as frescas ervas
na fonte a serenar.
5 E tão bonita estavas
qual rosa no rosal
que de orvalhinho fresco
toda coberta está.
Por isso, namorado,
10 com manso suspirar
os meus amantes braços
botei-che pelo vão,
e tu com doces olhos
e mais doce falar,
15 meiguinha, me embaucaste
em plácido solaz.
As estrelinhas todas
que alô no espaço estão,
sorrindo nos miravam
20 com suave cintilar.
E foram testemunhas
daquel teu suspirar
que ao meu correspondia
com amorinho igual.
25 Porém depois com outros
mais guapos e galãs
(mas não que mais che queiram,
que haver não haverá),
também, também, menina,
30 soubeste praticar

à sombra dos salgueiros,
junto ao rosmaninhal.
Por isso eu che cantava
em triste solidão,
35 quando –ai de mim!– te via
com eles parolar:
“Cuida, minha meninha,
das práticas que dás,
que adonde muitos cospem
40 *lama fã⁷⁵”.*

II

Que triste ora te vejo!...
Que triste, nena, estás!...
As tuas frescas cores
onde, meninha, vão?
45 O teu mirar sereno,
o teu doce cantar,
onde, meninha, onde,
coitada, toparás?
Já não te vi, meninha,
50 na noite de São João,
a pôr as frescas ervas
na fonte a serenar.
Já não te vi fresquinha
qual rosa no rosal,
55 que murchadinha estavas
de tanto soluçar.
Ora, de dor ferida,
buscando a honrinha vais,
a honrinha que perdeste;
60 mas, quem cha volverá?

75 Forma contracta por *fazem*, de muito curso na língua galega, aqui obrigada pela rima.

Eu bem, minha menina,
bem cha quisera dar,
que aquel que bem che quis
dói-se de ver-te mal.
65 Mas inda que eu lhes diga
que limpa, nena, estás,
respondem-me sorrindo
por se de mim burlar:
“Bem sabes, Farruquinho,
70 Farruco do Pombal,
*que adonde muitos cospem
lama fã*”.

*Santo António bendito,
dade-me⁷⁶ um homem,
em-que me mate,
em-que me esfole.*

5 Meu santo Santo António,
dai-me um hominho,
em-que o tamanho tenha
dum grão de milho.
10 Dai-mo, meu santo,
em-que os pés tenha coxos,
mancos os braços.

Uma mulher sem homem,...
santo bendito!,
é corpinho sem alma,
15 festa sem trigo,
pau viradoiro
que onde queira que vá
troncho que troncho.

20 Mas, em tendo um hominho,
Virgem do Carme⁷⁷!,
não há mundo que chegue
para um folgar-se.
Que, zambro ou trenc⁷⁸,
sempre é bom ter um homem
25 para um remédio.

⁷⁶ Arcaico imperativo não contracto na quadra tradicional. Rosalia usa o moderno com a sua própria voz, nos versos 6 e 9.

⁷⁷ *Virgem do Carmo*, aqui na forma arcaica pela rima.

⁷⁸ O mesmo que *zambro*. Virá do provençal, com o sentido original de "mutilado".

Eu sei de um que cobiça
 causa mirá-lo,
 lançalinho⁷⁹ de corpo,
 roxo encarnado.
 30 Carninhas de manteiga
 e palavras tão doces
 qual mentireiras.

 Por el peno de dia,
 de noite peno,
 35 pensando nos seus olhos
 de cor de céu;
 mas el, já doito⁸⁰,
 de amorinhos entende,
 de casar pouco.

 40 Fazei, meu Santo António,
 que onde a mim⁸¹ venha
 para casar comigo,
 nena solteira;
 que levo em dote
 45 uma colher de ferro,
 quatro de *boxe*⁸²,

 um irmãozinho novo
 que já tem dentes,
 uma vaquinha velha
 50 que não dá leite...
 Ai, meu santinho!,
 fazei que tal suceda

⁷⁹ De *lançal* "esbelto".

⁸⁰ O mesmo que *costumado*, galego, minhoto e antigo. De *ductus*, não de *doctus*.

⁸¹ Veja-se nota 38.

⁸² Leonesismo galego por *buxo*, mantido pela rima.

qual vos suplico

55 *Santo António bendito,*
dade-me um homem,
em-que me mate,
em-que me esfole,
que, zambro ou trengo,
sempre é bom ter um homem
60 para um remédio.

Acolá em riba,
na fresca montanha,
que alegre se cobre
de verde retama,
5 meninha morena,
de branco vestida,
nuvinha parece
no monte perdida,
que gira, que corre,
10 que torna, que passa,
que rola e, maininha,
serena se para.

E envolta se mira
na espuma que salta
15 do chorro que ferve
na rouca cascata.
E erguida na ponta
de pena sombria,
imóvel qual virgem
20 de pedra se mira.
A coifa de linho,
aos ventos soltada,
as tranças descuida,
que os ares espalham.
25 Tendidas as pontas
do pano de seda,
as asas dum anjo
de longe semelham
se as brisas da tarde,
30 jogando com elas,

as movem coa graça
que um anjo tivera.
Eu penso, coitado
de mim!, que me chamam
35 se as vejo bulindo
na verde enramada.
Mas, ai!, que os meus olhos
me enganam traidores,
pois vou e ligeira
40 na névoa se esconde.
Se esconde outras vezes
na sombra dos pinhos,
e canta escondida
cantares docinhos
45 que abrasam, que ferem
ferida de amor
que tenho feitinha
no meu coração.

Que feita, que linda,
50 que fresca, que branca
deu Deus a meninha
da verde montanha!
Que bela parece,
que chore, que gema;
55 cantando, sorrindo,
dormida, desperta!

Ai!, se seu pai por regalo ma dera,
ai!, não sentira no mundo mais penas.
Ai!, que por tê-la comigo por dama,
60 *eu lha vestira, eu lha calçara.*

*Adeus, rios; adeus, fontes;
adeus, regatos pequenos;
adeus, vista dos meus olhos;
não sei quando nos veremos .*

- 5 Minha terra, minha terra,
terra onde me eu criei,
hortinha que quero tanto,
figueirinhas que plantei,
- 10 prados, rios, arvoredos,
pinhares que move o vento,
passarinhos piadores,
casinha do meu contento,
- 15 moinho dos castanhais,
noites claras de luar,
campainhas timbradoras
da igreja do lugar,
- 20 amorinhas das silveiras
que eu lhe dava ao meu amor,
caminhinhos entre o milho,
adeus para sempre a vós!
- Adeus, glória! Adeus, contente!
Deixo a casa onde nasci,
deixo a aldeia que conheço
por um mundo que não vi!
- 25 Deixo amigos por estranhos,

deixo a veiga pelo mar,
deixo, enfim, quanto bem quero...
Quem pudera o não deixar!...

.....

30 Mas sou pobre e, malpecado⁸³!,
a minha terra n' é minha,
que até lhe dão de prestado
a beira por que caminha
ao que nasceu desditado.

35 Tenho-vos, pois, que deixar,
hortinha que tanto amei,
fogueirinha do meu lar,
arvorinhas que plantei,
fontinha do cabanal.

40 Adeus, adeus, que me vou,
ervinhas do campo-santo,
onde meu pai se enterrou,
ervinhas que biquei⁸⁴ tanto,
terrinha que nos criou.

45 Adeus, Virgem da Assunção,
branca como um serafim;
levo-vos no coração;
vós pedi-lhe a Deus por mim,
minha Virgem da Assunção.

Já se ouvem longe, mui longe,

⁸³ Infelizmente, ainda mal, arcaísmo. Veja-se também nota final 18. 23.

⁸⁴ *Beijei*.

50 as campanas do Pomar;
para mim, ai!, coitadinho,
nunca mais hão de tocar.

Já se ouvem longe, mais longe...
Cada bad'lada uma dor;
55 vou-me só e sem arrimo...
Minha terra, adeus me vou!

Adeus também, queridinha...
Adeus por sempre quiçá!...
Digo-che este adeus chorando
60 desde a beirinha do mar.
Não me olvides, queridinha,
se morro de solidão...
tantas léguas mar adentro...
Minha casinha!, meu lar!

*Eu bem vi estar o moucho⁸⁵
em riba daquele penedo.
Não che tenho medo, moucho!;
moucho, não che tenho medo!*

I

- 5 Uma noite, noite negra
como os pesares que eu tenho,
noite filha das sombriças
asas que estendem os medos;
10 hora em que cantam os galos,
hora em que gemem os ventos;
em que as meigas bailam, bailam,
juntas co demo primeiro,
arrancando verdes robles,
portas e telhas fendendo,
15 todas de branco vestidas,
tendidos os brancos pelos
contra quem os cães ouveiam⁸⁶
agoirando triste enterro;
quando relumbrar se miram
20 entre os tojais mais espessos,
qual acendidas candeias
olhos de lobo famento⁸⁷;
e os ramalhados dos montes
entre si murmuram quedos,
25 e as folhas secas que espalham

⁸⁵ *Mocho*, ave estrígida. A forma com ditongo também é de partes do Norte de Portugal. Chamado *pássaro da morte*, por supor que o canto anuncia a próxima morte de alguém.

⁸⁶ *Uivam*. O galego *ouviar*, conjugado com alternância como *odiar*, vem do mesmo étimo de uivar, quer dizer, do medieval *uviar*, com complexa evolução semântica.

⁸⁷ *Faminto*. Forma local, do antigo *faminto*.

os ares da noite inquietos,
em remoinhos se juntam
com longo estremecimento,
indo caminho da igreja,
30 soia cos meus pensamentos
cabo da⁸⁸ fonte da Virgem,
pertinho do cemitério,
depois de sentir um sopro
que me deixou sem alento,
35 eu bem vi estar o moucho
em riba daquel penedo.

II

Arrepoinhadas⁸⁹ todas
as carnes se me puseram,
e os cabelos no coruto
40 foram-se erguendo direitos;
gotas de suor corriam
a fio pelo meu peito,
e tremia como tremem
as águas quando faz vento
45 na pia da fonte nova,
que sempre está revertendo.
Aquel moucho ali fincado,
qual se fosse o mesmo demo,
fito a fito me mirava
50 cos seus olhos rapineiros,
que cuidei que me roubavam
não mais que de longe vê-los.
De lume me pareciam
e que me queimaram penso;

⁸⁸ Locução prepositiva arcaica *cabo* de "ao pé de, junto a", e também preposição *cabo*.

⁸⁹ *De arrepointar* "arrepiair". Veja-se nota final.

55 penso que eram tições roxos
da fogueira dos infernos,
que pelas 'ninhas me entraram
té o coração direitos.
Nele remorsos havia
60 de amorinhos pecadentos...
Ai, quem tem desses amores
não pode achar bom sossego!
Chovia se Deus tem água,
ventava em todos os ventos,
65 e ensarrapicada⁹⁰ toda
a caminhar não me atrevo;
que o moucho, fita que fita,
me espera naquele penedo;
mas acordei-me da Virgem
70 que sempre comigo levo;
rezo-lhe uma Ave-Maria,
e cobrando novo alento,
como os pássaros do mar,
nadando passo o regueiro;
75 corro a em riba do valado,
brinco embaixo do portelo,
e desde ali berro então
com quantas forças eu tenho:
Não che tenho medo, moucho!;
80 *moucho, não che tenho medo!*

⁹⁰ "Ensopada". Veja-se nota final.

*Arinhos, arinhos ares,
arinhos da minha terra;
arinhos, arinhos ares,
arinhos, levai-me a ela.*

- 5 Sem ela viver não posso,
não posso viver contenta;
que aonde queira que vá
cobre-me uma sombra espessa.
Cobre-me uma espessa nuvem
- 10 tão repleta de tormentas,
tão de solidões passada,
que a minha vida envenena.
Levai-me, levai-me, arinhos,
como uma folhinha seca,
- 15 que seca também me pôs
a calentura que queima.
Ai!, se não me levais pronto,
arinhos da minha terra;
se não me levais, arinhos,
- 20 quiçá já não me conheçam,
que a febre que de mim come,
vai-me consumindo lenta,
e no meu coraçãozinho
também traidora se ceiva.
- 25 Fui noutro tempo encarnada
tal como a cor da cereja;
sou hoje descolorida
como os círios das igrejas,

30 qual se uma meiga chuchona⁹¹
todo o meu sangue bebera.
Vou-me quedando murchinha
como uma rosa que invernã;
vou-me sem forças quedando,
35 vou-me quedando morena,
qual uma mourinha moura,
filha de moura raleia⁹².

Levai-me, levai-me, arinhos,
levai-me aonde me esperam
uma mãe que por mim chora,
40 um pai que sem mim n'alenta,
um irmão por quem daria
o sangue das minhas veias,
e um amorinho a quem alma
e vida lhe prometera.
45 Se pronto não me levais,
ai!, morrerei de tristeza,
soia numa terra estranha,
onde estranha me nomeiam,
onde tudo quanto miro,
50 tudo me diz: estrangeira!

Ai, minha pobre casinha!
Ai, minha vaca vermelha!
Anhos que balais nos montes,
pombas que arrulais nas eiras,
55 moços que atrujais⁹³ bailando,

⁹¹ Vampiro feminino que bebe o sangue das criaturas. Contra elas usam alho, cornos de vaca, de carneiro ou de vaca-loura, ferraduras, figas e dentes de porco bravo.

⁹² *Ralé*. *Ralêa* em Gil Vicente.

⁹³ *Atrujar*, *aturujar*, é lançar os moços o *aturujo*, um grito gutural, forte e prolongado de desafio, nas festas, nos *r gressos* ou ao final das cantigas. Soa como [huhuruhu!].

redobre das castanhetas,
xás-có-rás-chás das conchinhas,
xurre-xurre das pandeiras,
tambor do tamborileiro,
60 gaitinha, gaita galega,
já não me alegras dizendo:
moinheira!, moinheira!
Ai, quem fora passarinho
de leves asas ligeiras!
65 Ai, com que pressa voara,
tolinha de tão contenta,
para cantar a alvorada
nos campos da minha terra!
Agora mesmo partira,
70 partira como uma frecha,
sem medo às sombras da noite,
sem medo da noite negra;
e que chovera ou ventara,
e que ventara ou chovera,
75 voaria e voaria
até que alcançasse a vê-la.
Mas eu não sou passarinho
e irei morrendo de pena,
em lágrimas convertida,
80 em suspirinhos desfeita.

Doces galeguinhos ares,
quitadoirinhos de penas,
encantadores das águas,
amantes das arvoredas,
85 música das verdes canas
do milho das nossas veigas,
alegres companheirinhos,

runrum de todas as festas,
levai-me nas vossas asas
90 como uma folhinha seca.
Não permitais que aqui morra,
arinhos da minha terra,
que inda penso que de morta
hei de suspirar por ela.
95 Ainda penso, arinhos ares,
que depois que morta seja,
e alô pelo campo-santo
onde enterrada me tenham,
passeis na calada noite
100 rugindo entre a folha seca,
ou murmurando medrosos
por entre as brancas caveiras;
inda depois de mortinha,
arinhos da minha terra,
105 hei-vos de berrar: Arinhos!,
arinhos, levai-me a ela!

AO SR. D. CAMILO ÁLVAREZ E CASTRO,
Chantre da catedral de Salamanca⁹⁴

I

- Roxinha qual sol dourado,
garrida qual fresca rosa,
ia pelo monte airosa
co branco pé descalçado.
- 5 Floco de neve pousado,
deslumbrando a luz do dia,
tão branco pé parecia.
- As longas tranças caídas,
com quem os ventos jogavam,
10 ondinhas de ouro formavam
na branca espalda tendidas;
apertadas e brunidas,
que espigas eram cuidara
o que de longe as mirara.
- 15 Tinham as cores do mar
os seus olhinhos dormentes;
mais doces, mais transparentes
ninguém pudera encontrar;
ninguém vê-los, sem amar
20 o coração sem falsia
que por entre eles se via.

Levava na fronte a alma,
nos doces lábios o riso;

⁹⁴ Amigo de Rosalia e de seu homem, ourensano, professor de liceu e correspondente da Real Academia Espanhola.

25 aguinha que o vento riço
pousava no fundo em calma.
Tal como galharda palma,
arqueia-se com folgura
a delgadinha cintura.

30 A par da brisa temp'rada
que entre os salgueiros corria,
ela correndo seguia
uma beirinha encantada;
que ali mansa e sossegada
manava uma fresca fonte
35 cabo da falda do monte.

II

Franca, pura, sem enganos,
canta, canta, garruleira,
ao pé da verde silveira
lavando os seus brancos panos.
40 Ao som dos rumores vagos
que nascem coa manhâzinha,
lava, lava na fontinha.

Junto dela, os passarinhos
gorgolejam que é um contento;
45 faz-lhes festinhas o vento
cos seus irmãos os arinhos.
Os pastores, coitadinhos,
cantam-lhe o doce *a... lá... lá... lá...*
que língua de amores fala⁹⁵.

⁹⁵ *O alalá* é canto popular do leste galego, melancólico, alentado e vagaroso. Geralmente tem a forma de uma copla heptassilábica com o estribilho “ailalá”.

50 Ela honesta está escutando,
mas com suspiros responde,
que alô guarda não sei onde
saudades de não sei quando.
Os paninhos vai lavando
55 e a tendê-los se apressura
num campinho de verdura.

Depois, no rego que passa,
verte uma bágua serena,
filha da escondida pena
60 que o seu peitinho traspassa,
pois que de amores se abrasa
aquela que é fresca rosa
tão amante quão formosa.

Companheiras vão chegando,
65 qual mais a mais bem portada;
jarros de louça vidrada
entre os seixos vão pousando.
Cai a aguinha murmurando,
brancas binchas⁹⁶ se levantam,
70 as meninas cantam,... cantam.

As estrelas vão fugindo,
a espessa névoa enrarece,
a arvorinha que floresce
por entre ela vai saindo.
75 O claro sol vai subindo
por riba do firmamento,
limpo, gárrulo e contente.

⁹⁶ *Borbulhas.*

80 Arredor todo recende
 a aroma de primavera,
 e lá na azulada esfera
 fogo de glória se acende;
 mas a meninha n'atende
 senão à dor, malpecado!,
 que tem no peito encravado.

85 Dão-lhe estranheza os cantares,
 dão-lhe de chorar desejos,
 e, os olhos de báguas cheios,
 pensa nos nativos lares.
 90 Que n'há mais tristes pesares,
 mais negra melancolia
 que a que entre estranhos se cria.

 Passarinhos, verde prado,
 branca lua e sol ardente,
 95 tudo consolo é impotente
 em mal tão desconsolado;
 tudo contente é turvado
 pela peninha sem fundo,
 que tem dela na alma um mundo.

100 Por isso a nena formosa
 foge da alegre fontinha,
 tal como triste ovelhinha
 que treme de dor queixosa.
 Vai sentida, vai chorosa,
 mentres⁹⁷ lhe cantam com sanha:
 105 “Da montanha!, da montanha!”

⁹⁷ Forma arcaica e galega aqui inescusável, equivalente a *enquanto* e ao ant. *mentes*.

E ela, que de tal se estranha,
ferida no que mais sente,
que a maltratam não consente,
e assim lhe opõe à companha:
110 *Em-que che sou da montanha,*
em-que che sou montanhesa,
em-que che sou, não me pesa.

Passa, rio; passa, rio,
 co teu maino rebulir;
 passa, passa entre as florinhas
 de cor de ouro e de marfim,
 5 a quem cos teus doces lábios
 tão doces cousas lhes dis⁹⁸.
 Passa, passa, mas não vejam
 que te vais ao mar sem fim,
 porque entonces, ai pobrinhas!,
 10 quanto choraram por ti!
 Se soubesses que estranheza,
 se soubesses que carpir
 dêś que del vivo apartada
 o meu coração sentiui!
 15 Tal me acodem as soidades,
 tal me querem afligir,
 que inda mais feras me afogam,
 se as quero botar de mim.
 E, ai, que fora das florinhas
 20 vendo-te longe de si
 ir pela verde ribeira,
 da ribeira do Carril!

Passa, passa caladinho,
 co teu manso rebulir,
 25 caminho do mar salgado,
 caminho do mar sem fim;
 e leva estas lagriminhas,
 se hás de chegar por ali,
 pertinho dos meus amores,

⁹⁸ Forma contracta de *dizes*, inescusável pela rima.

30 pertinho o meu existir,
 Ai, quem lagriminha fora
 pra ir, meu bem, junto a ti!...
 Quem fizera um caminho
 para passar, ai de mim!

35 *Se o mar tivera varandas,
 fora-te ver ao Brasil;
 mas o mar não tem varandas,
 meu amor, por onde hei de ir?*

*“Ora, meu menino, ora;
quem vos há de dar a teta,
se tua mãe⁹⁹ vai no moinho,
e teu pai na lenha seca?*

- 5 Eu cha dera, minha joia,
com mil amores cha dera,
até rebotar, meu santo,
até que mais não quiseras,
até ver-te dormidinho
- 10 com essa boca tão feita,
sorrindo todo fartinho,
qual mama de vaca cheia.
Mas, ai, que noite che aguarda!
Mas, ai, que noite che espera!
- 15 Que em-que duas fontes tenho,
estas fontinhas não deitam.
Ora, meu menino, ora;
quanto chorarás por ela!
Sem ter com que te acalente,
- 20 sem ter com que te adormeça,
que só, mas que só quedaste
como uma ovelhinha enferma,
tremendo, meu coitadinho,
como tremem as ovelhas.
- 25 Sem cobertor que te cubra
numas palhinhas te deitam
e neve e chuva em ti caem
por entre as fendidas telhas.
E silva o vento que passa

⁹⁹ *Tua mãe*, aqui e depois, lê-se como composto, em duas sílabas com um acento só.

30 pelas mal juntadas pedras,
e qual cuitelo¹⁰⁰ afiado
no teu corpinho se ceiva.
Ai, quando venha tua mãe!
Ai, quando che a tua mãe venha!
35 Qual te topará, menino,
frio como a neve mesma,
para chorar sem alento,
rosinha que os ventos quebram!...
Ai, mais valera, menino,
40 que quem te deu não te dera!
Que os filhos dos pobres nascem,
nascem pra tamanhas penas”.

Assim se explicava Rosa
no meio da noite negra,
45 ao pé duma negra porta,
toda de lanhas coberta.
Entretanto murmuravam
por entre a robleda espessa
do rio as revoltas águas
50 e os bramidos da tormenta.
Tudo era sombras no céu,
tudo era luto na terra,
e parece que a *companha*¹⁰¹
bailava entre as arvoredas
55 coas chuchonas inimigas,
e coas estricadas¹⁰² meigas.
Entanto, um choro suave
sentir no espaço se deixa,

¹⁰⁰ O mesmo que *faca*. Palavra galega e antiga.

¹⁰¹ Da *companha*, veja-se nota final.

¹⁰² Igual que *esticadas*, *estiradas*, metaforicam. “orgulhosas, solenes”. Ver nota final.

tal como gaita tocada
60 numa alvorada serena;
tal como afastada frauta
quando o sol no mar se deita,
cujo som nos traz o vento
cos cheirinhos da ribeira.
65 No meio da choça escura
que triste Rosa contempla,
uma luz branca se mira
como aurora que começa.
Aroma de frescas rosas
70 os ares da noite incensam,
qual se todas se juntaram
as flores da primavera;
soam cantares estranhos,
soam músicas que alegam;
75 músicas são e cantares
nunca sentidos na terra;
por isso, pasmada, Rosa
pouquinho a pouco se achega
e por uma rachadura
80 prostrada no chão espreita.

Nunca humanos olhos viram
o que viu entonces ela,
que se não morreu então
foi porque Deus n'ó quisera:
85 de resplandecente glória
raios de amor já se espelham
do abandonado menino
sobre a dourada cabeça;
e porque esteja contente
90 e porque mais se entretenha,

cabo os seus peinhos crescem
frescos ramos de açucenas.
Já não dorme em pobre berço,
que outro berço lhe fizeram
95 com as asas os anjinhos
e co seu lume as estrelas.
Nuvens com a cor da rosa
fazem branda cabeceira,
serve-lhe de cobertura
100 um raio de lua cheia
e a Virgem santa, vestida
com vestido de inocência,
porque de fome não morra
e fartinho se adormeça,
105 dá-lhe maná do seu peito
com que os seus lábios refresca.

Mentres o mundo existisse,
Rosa mirando estivera
com tanta glória encantada,
110 com tanta dita suspensa.
Mas uma voz longe se ouve
por entre os olmos da veiga,
que cantando amorosinha
se explica desta maneira:
115 “Ora, meu menino, ora,
logo che darei a teta;
ora, meu menino, ora,
já não chorarás por ela.”

Isto cantaram. Entanto,
120 coa Virgem desapareceram
já os anjinhos, deixando

em derredor noite espessa.
Já se sentem as passadas
por junto da correioira;
125 já saltaram o portelo,
já saltaram a cancela...
A pobre mãe corre, corre,
que o seu filhinho a espera;
mas, quando chega, dormido
130 o seu filhinho contempla.
Diz-lhe entonces, entretanto
que em bicá-lo se recreia:

“Minha joia, minha joia,
minha prenda, minha prenda,
135 que fora de ti, meu santo,
se mãezinha não tiveras?
Quem, meu filho, te limpara;
quem a manutenção che dera?”

“O que mantém as formigas
140 e os passarinhos sustenta.”

Disse Rosa, e escondeu-se
por entre a nebrina espessa.

I

Não che digo nada...

pero vaia!

Passam naquesta vida
 cousinhas tão estranhas,
 5 tão raros feitos veem-se¹⁰³
 neste mundo de trampa;
 tantos milagres velhos,
 tão novas ensinanças,
 e tão revoltos alhos
 10 *que não che digo nada...*

pero vaia!

Meninha bem vestida,
 meninha bem calçada,
 15 que tem roupa de cote,
 que tem roupa de guarda;
 meninha que bem folga,
 meninha que anda guapa,
 e é pobre, malpecado,
 20 como uma triste aranha,
não che digo nada...
pero vaia!

Vejo-te ali entre os milhos,
 vejo-te alô nas branhas,
 25 já no pinhal espesso,
 já na beirinha mansa
 do rio que correndo
 vai entre as verdes canas,

¹⁰³ *Veem* soa monossilábico nas falas galegas e neste verso.

30 e juras que estás soia
que ninguém te acompanha...
Não che digo nada...
pero vaia!

35 Casada casadinha,
que gostas ser falada,
que bailas coas solteiras
nas festas e ruadas
que tens na boca o riso
e que cos olhos falas,
e que ao falar com eles
40 parece que che saltam,
não che digo nada...
pero vaia!

45 Quando mirar te miro
tão limpa e tão penteada
lutar cos rapazinhos
até que em ti se fartam,
e vens depois jurando
que és tu mulher sem tacha,
dizendo as mais não terem
50 contigo comparança,
não che digo nada...
pero vaia!

55 E tu, rosa roxinha,
modesta e recatada,
que falas tão maininho,
que tão maininho andas,
que os pés dos homens miras
para não ver-lhe a cara

e dás que não entendes
60 quando de amor che falam,
não che digo nada...
pero vaia!

Vais pela manhãzinha
à missa coas beatas;
65 depois... (por quê, tu o sabes)
de junto delas largas;
e se na correioira
junto da verde parra
não sei com que gentinha,
70 paras-te ou não te paras,
não che digo nada...
pero vaia!

E tu, rapaz garrido
de tão melosas falas,
75 tão guapo de monteira,
tão rico de polainas,
tão fino de calçado
como de mãos fidalgas,
se me dizes que gostas
80 de trabalhar na branha,
não che digo nada...
pero vaia!

Tu falarás de amores
cousinhas bem faladas;
85 tu lutarás coas nenas
como nenhum lutara;
tu beberás do mosto
até quedar sem fala;

e ter cabeça branca,
quando há hoje uns mocinhos
120 mesmo desde que mamam,
que não che digo nada...
pero vaia!

Já não che val, Farruco,
que vivas em companhia
125 dos anos pensadores
nem da experiência calva,
nem que olho alerta vivas
como a cordura manda;
que, onde menos penses,
130 tamanha lebre salta
que não che digo nada...
pero vaia!

Já sendo noite escura
dizem que é noite clara;
135 estando o mar se reno
dizem que faz borrasca;
e tanto te confundem
e tanto te acovardam,
que em-que falar quiseras
140 tal como Deus che manda,
não che digo nada...
pero vaia!

Se és tu francês, meu velho,
se és da longínqua Austrália,
145 se alô do sol baixaste
ou das estrelas pálidas,
com séria gravidade

quicá che perguntaram,
e tu, pasmado todo,
150 calado murmuraras:
não che digo nada...
pero vaia!

Por isso, meu velhinho,
se de estudar não trata
155 a ciência destes tempos,
que é como a água clara
em-que coa parromeira¹⁰⁴
também tem comparança,
que nisto a ciência estriba,
160 e em ter diversas caras,
não che digo nada...
pero vaia!

Sem entender um ele
verás que bem se amanha
165 honrados e sem honra,
rameiras e beatas;
verás como se ajuntam,
verás como se tratam,
mentres que tu murmuras
170 coa língua duma palma¹⁰⁵.
Não che digo nada...
pero vaia!

Verás cor de cereija
que foi cor de esmeralda,

¹⁰⁴ Chaminé do forno do pão; pedra dianteira desse forno; chaminé da cozinha; Parte alta e afumada da cozinha; depósito de cinza na lareira, borralheira. Etimologia obscura.

¹⁰⁵ Por *palmo*.

175 e aqueles tão azuis
que sangue azul manavam,
manar sangue vermelho
pela moderna usança;
e isto com tal chistura¹⁰⁶
180 e com fachenda¹⁰⁷ tanta,
que não che digo nada...
pero vaia!

Verás que revolturas,
que ricas contradanças,
185 que gaita com saltério,
que pífaros com harpas,
que dengues encarnados
com mantilhinhas brancas,
chapurra que chapurra¹⁰⁸
190 em confusão tão vária
que não che digo nada...
pero vaia!

Tu pensarás que aquisto
é toda uma entrudada;
195 que aqui um levita sobra
e uma jaqueta falta;
que ali se comem lebres
em vez de calabaças,
e tocam frautas onde
200 devem tocar campanas...
Mais não che digo nada...
pero vaia!

¹⁰⁶ De *chiste*. Facécia, gracejo.

¹⁰⁷ Vaidade afetada, afetação do que se dá por muito ocupado.

¹⁰⁸ *Cha(m)purrar* "falar mal misturando idiomas; mesclar líquidos". Origem incerta.

Aprende, meu velhinho,
a ciência bem amada,
205 que sabiamente ensina
tão rica misturança,
se queres ser sabido
em cousas tão estranhas,
pois entre tantas novas
210 as usancinhas ranças...
Não che digo nada...
pero vaia!

*Mas ao que bem quis um dia,
se a querer tem afeição,
sempre lhe queda uma mágoa
dentro do seu coração.*

I

- 5 Alô nas tardes serenas,
alô nas tardes caladas,
dão-se mais duras as penas
que nas brandas alvoradas.
Alô nas tardes sombrias,
10 alô nas tardes escuras,
dão-se mais curtas as risas,
mais negras as desventuras.
Que não há tarde tranquila
para quem remorsos guarda,
15 e mais presto se aniquila
quanto mais a noite aguarda.

II

- Eu bem sei destes segredos
que se escondem nas entranhas,
que rebolem sempre inquedos
20 sob mil figuras estranhas.

Eu bem sei destes tormentos
que consomem e devoram,
que fazem gemer os ventos,
e que mordem quando choram.

.....

25 E em-que ora sorrindo canto,
em-que ora canto com brio,
tanto chorei, c horei tanto,
como as aguinhas de um rio.

30 Tive eu em passados dias
fundas penas e pesares,
e chorei báguas tão frias
como as aguinhas dos mares.

35 Tive tão fundos amores
e tão fundas amarguras,
que eram fontana de dores,
nascida entre penas duras.

III

Ora rio, ora contente¹⁰⁹
vou pelas eiras cantando,
vendo donde vem o vento
40 quando vou levar o gando¹¹⁰.

Ora com grande sossego
durmo na beira das fontes,
durmo na beira dos regos,
durmo na ponta dos montes.

45 *Mas ao que bem quis um dia,
se a querer tem afeição,
sempre lhe queda uma mágoa
dentro do seu coração.*

¹⁰⁹ O antigo e dialetal *contento*, por contente, introduz a surpresa de a voz que canta não ser a feminina da autora, como supúnhamos. Será logo a do seu animus, em sentido junguiano.

¹¹⁰ O dialetal *gando* é preciso para manter a consonância

Castelhana de Castela,
tão bonita e tão fidalga,
mas a quem para ser fera
coa procedência lhe basta.
5 Dizei-me, minha senhora,
que vos mostrais tão ingrata,
se o meu rendimento humilde
vascas de nojo vos causa,
pois quando onde a vós me achego
10 cuspis com ardentes ânsias
e esse mirar de pombinha
volveis em fusca mirada,
tornando em sombria noite
o dia que em sol se banha.
15 Em vão intento, senhora,
saber por que me maltrata
dama duma alma tão nobre,
em-que soberba por fama,
pois n'ê motivo a desprezo
20 sentir-se tão bem amada,
que as mesmas pedras, senhora,
dum bom querer se folgaram.
Diz que na nobre Castela
aos galegos assim tratam;
25 mas deve saber Castela,
que de tão grande se gaba,
que sempre a soberba torpe
foi filha de almas bastardas;
e sendo vós tão sabida,
30 nunca de vós o pensara
que de tão alto baixando

vos emporcásseis na lama.
 Nem que chamando-vos nobre,
 tanta nobreza enfouçárais¹¹¹
 35 imitando os que vaidosos
 no que está débil se assanham.
 Mas vale mais que emudeça;
 tendes condição de ingrata
 e predicar em deserto
 40 da minha terra n'ê usança.
 Se fui culpado em querer-vos
 como nenhum vos amara,
 por ser de terra galega
 e serdes vós castelhana,
 45 em paz, senhora, vos deixo
 coa vossa soberba graça;
 vou-me à Galiza formosa
 onde em juntança me aguardam
 o que não tendes, senhora,
 50 e o que em Castela n'achara:
 campinhos de lindas rosas,
 fontinhas de frescas águas,
 sombra na beira dos rios,
 sol nas alegres montanhas,
 55 caras que nascem sorrindo
 e que sorrindo vos amam,
 e que inda mesmo morrendo
 em sorrisinhos se banham.
 Ali, senhora, contente
 60 cantando o doce *ala-lala*,
 sob a figueira frondosa,
 embaixo da verde parra,
 co'aquelas frescas meninas

¹¹¹ Sujáreis. Veja-se a nota final.

que mel dos seus lábios manam,
65 quando em falar amoroso
meigo nos diz a voz maina.
Com todas as de Castela
nob'líssimas castelhanas
olvidar-vos-ei sem pena,
70 em-que sois vós tão fidalga.
Que alô sabem ser altivas,
mas que não sabem ser vácuas,
e é fácil com doces tomas
olvidar tomas amargas.
75 Destes-mas vós, mi senhora,
com desprezo envenenadas,
inda com fero mais fero
que pelica de laranja;
mas tenho porque me passe
80 aquel sarrápio¹¹² que escalda,
tenho uma dama nos Portos,
outra no Ribeiro de Ávia;
se a dos Portos é bonita,
a do Ribeiro lhe ganha.

¹¹² "Saibo acre"

Queridinha dos meus olhos,
 saberás como estou vivo
 nesta vila adonde adoito¹¹³
 desde que cheguei de Ginzo.
 5 Saberás como a Deus graças
 e ao escapulário bendito
 não afogamos no mare
 como cuidava Jacinto,
 que é tão valente, abofé,
 10 como os alentos dum pito¹¹⁴.
 Saberás como depois
 me puseram mui vestido
 com roupa azul e amarela
 qual andam todos os quintos¹¹⁵,
 15 e logo todos juntados,
 inda mais de vinte e cinco,
 nos passeamos pelas ruas,
 que mesmo me maravilho
 de tão guapos como andámos,
 20 de tão brancos e tão limpos.
 Se me viras, queridinha,
 qual outras que eu sei me viram!
 Cada olhada me botavam
 já de través, já de fito...
 25 E eram meninas graciosas
 com muita salsa¹¹⁶ no bico,
 mas nenhuma deste peito
 pôde arrancar-me um suspiro,

¹¹³ *Costumo.*

¹¹⁴ *Pinto.*

¹¹⁵ *Soldados conscritos.*

¹¹⁶ Gal. *salsa* é "água de mar" (lat. *salsa* [aqua] "água salgada"). Metonímia de *sal* "graça".

que o teu retrato ali estava

30 rabunhando¹¹⁷ passeninho,
que em-que de ti me parti,
prendinha que tanto estimo,
não vim eu só, minha joia,
que tu vieste comigo.

35 Se souberas quanto peno,
se souberas qual me aflijo
quando me acordo nas noites
daqueles teus cantarinhos!...
Ora em ti penso desperto,
40 ora em ti penso dormindo,
e sempre em ti estou pensando
como se fosses feitiço.
Sei-que¹¹⁸ meigalho¹¹⁹ me deste
na festa de São Martinho,
45 amassado cos teus dedos
numa bola de pão trigo.
Mas não o sinto por isso,
que em-que me desses martírio,
por vir de ti, queridinha,
50 como um anho eu admitira-o.

Nada me distrai, Rosinha,
da pena que por ti sinto;
de dia como de noite
este meu coraçãozinho
55 contigo de cote fala,

¹¹⁷ *Rabunhar* "ferir com as unhas".

¹¹⁸ Este *sei que* está gramaticalizado no sentido de "parece-me que". Veja-se nota final.

¹¹⁹ *Meigalho* "feitiço, malefício".

porque eu falar bem o sinto,
um falar tão amoroso
que me estremeço de ouvi-lo.
Ai!, que estranheza me causa,
60 e soidade e martírio,
pois assim qual el che fala
quisera falar contigo,
qual outros tempos ditosos
dos nossos amores finos.

65 Quantas vezes nos juramos,
quando lavavas no rio
ao pé dum alto salgueiro
entre risos e suspiros,
nunca jamais separar-nos,
70 nunca jamais desunir-nos!
Mas aqueles juramentos,
tal como rosas de espinho,
ligeirinhos se espalharam
a um sopro dos ventos frios.
75 Ora, co mar de permeio,
adeus, amantes carinhos!
Nem tu me vês, nem te vejo
alô na beira do rio,
naquelas clarinhas noites
80 de folga pelos domingos.
As amorinhas maduram
nas silveiras dos caminhos,
nascem as florinhas brancas
por entre as canas do milho,
85 o rio passa que passa,
cantam nas polas os xílgaros¹²⁰,

¹²⁰ Sílgaro, xílgaro, o mesmo que pintassilgo.

tudo está verde e frondoso,
tudo está fresco e florido;
tão só nós, Rosa, faltamos
90 naqueles verdes campinhos.

Rosinha, dá-me um consolo
para este pesar que eu sinto.
Ai, que os recordos me matam!
Ai, que acabarão comigo!
95 Diz se inda me queres muito,
manda-mo a dizer pertinho;
diz-me se guardas o pano
que che dei por São *Benito*¹²¹,
que o merquei na quinta-feira
100 por doze quartos¹²² e pico.
Diz-me também se depreendes
pela cartilha de *Christus*¹²³
a ler como me of receste
para ler os meus escritos,
105 que em sabendo algumas letras
depois irás traduzindo.
Eu já lhe perdi o medo
a escreveduras e livros,
pois faço uns *palotes*¹²⁴ netos
110 que eu mesmo me maravilho,
tão grandes como fungueiros¹²⁵
e mais gordos, se não minto.
Adeus, expressões che mando
pelo burro de Camilo,

¹²¹ *São Bento*.

¹²² Moeda antiga de cobre, equivalente a quatro maravedis.

¹²³ Cartilha para aprender as letras, chamada *Christus* pela cruz que levava no rosto.

¹²⁴ Riscos em forma de paus que se fazem para aprender a escrever.

¹²⁵ *Fueiros*.

115 que não sei qual che dirá
 estas cousas que lhe explico;
 mas sabe, minha Rosinha,
 Rosinha de doce *olido*¹²⁶,
 que se tu já ler souberas
120 os palotes que eu perfilo,
 escrevera-che uma carta
 nas asas dum passarinho.

¹²⁶ Peregrinismo por *aroma*, inevitável pela rima.

A Roberto Robert¹²⁷, redactor de La Discusión,
que gosta dos contos e do galego.

I

Alô no currunchinho¹²⁸ mais formoso
que a luz do sol na terra iluminara,
veiga florida e prado deleitoso
que cos campinhos do Éden se compara;
5 alô onde o Sar soberbo e caudaloso
parece que se dorme ou que se para
(tão maino corre entre a robleda escura),
ali nasceu Vidal o sem-ventura¹²⁹.

II

Que repouso! Que luz!... Que garruleiro
10 brando cantar dos vários passarinhos
quando ao sair do sol pelo quinteiro
dourava fontes, lagos e campinhos!
Que livre respirar!... Que prazenteiro
ir e vir dos cabritos juntadinhos!
15 Que frescas, que polidas, que galás
iam co gado as feitas aldeás!

¹²⁷ Roberto Robert (1837-1873), jornalista barcelonês, fundador do *Diario Madrileño* e de *El tío Crispín*. Cronista literário e mordaz poeta satírico, escreveu muito em catalão. Deputado e ministro plenipotenciário na Suíça trás a revolução de 1868. Rosalia simpatizaria com ele por gostar dos contos, da língua dos galegos e pelo seu feminismo.

¹²⁸ *Recantinho*.

¹²⁹ Nota da autora: Eu bem sei que em rigor estas oitavas não são em maneira alguma a glosa dum cantar, e que melhor e com mais propriedade podia chamar-se conto; mas como por agora não penso fazer em galego nenhum livro de contos, ponho-o aqui, uma vez que nestes cantares procurei pintar os costumes dos nossos pobres aldeãos; e sirvam estas oitavas para dar a conhecer um dos mais antigos e mais usados. Sempre me comoveu o relato deste conto singelo, patriarcal, e por isso decidi me a versificá-lo contando com a benevolência dos leitores. São tantos os desditados a quem nas nossas aldeias não se oferece a prova do porco, e sonham com o dia em que, como Vidal, possam dizer aos seus avaros vizinhos: Adiante com o varal!...

III

Nunca o rumor do mundo corrompido,
nunca da louca vida as vaidades,
nem brilho dos honores fementido
20 foram turvar tão doces soledades.
Céu azul, sol de amor, campo florido,
santa paz sem remorso nem saudades,
horas que vão maininhas caminhando:
tal ali tempo e vida iam passando.

IV

25 Como o ventinho da manhã primeiro
no seio das rosinhas se dormia,
e qual depois tolinho e rebuldeiro
pelo espaço imensíssimo subia,
e volvendo a baixar murmuradeiro
30 por em riba das choças rebulia,
nas asinhas levando o fumo leve
que em turvas ondas a subir se atreve.

V

E como ao meio-dia, até o rio,
brisas, ares, pradinhos e arvorado
35 pousavam calorosos e sem brio
qual viageiro sedento e fatigado;
e como do serão o alento frio
de arrulos misteriosos impregnado,
com passinho ligeiro se achegava
40 e ar e rio e florinhas agitava.

VI

Passinho a passo a trabalhada gente
dos campos às chocinhas se volvia,

quando no lar o pote fervescente
coas ricas verças a cachão fervia.
45 As favas e as balocas¹³⁰ juntamente
co toucinho sab'roso nel se via
em companhia amiga e farturenta,
que alegre, que convida e que sustenta.

VII

Depois da frugal ceia, ao carinhoso
50 resplendor do luar claro e suave
iam gozar ao exido de repouso
co avô, que a longa história contar sabe.
O rosário da Virgem proveitoso
logo rezavam com acento grave,
55 e alma e corpo tranquilo se dormia
esperando o fulgor do novo dia.

VIII

Tudo era paz e amor, e água serena,
tudo era claro azul no firmamento.
Nem houve ali soberba que envenena;
60 nem um vão goze, nem fatal tormento,
nem louco rebuldar, nem funda pena,
nem baixo aborrecido pensamento
vidinha tão risonha atormentava,
pois doce e mainamente se folgava.

IX

65 Ninguém naquele lugar pobre se vira,
que uns bem e outros não mal foram seguindo,
e, um que afrouxa demais e outro que estira,
foram-se acomodando e repartindo.

¹³⁰ Batatinhas pequenas, ditas *castanhas da terra*. Foi antes um dos nomes das castanhas.

70 Nenhum da negra fome a mão sentira
o seu peito fortíssimo oprimindo,
não mais que a desditada criatura
que se chamou Vidal o sem-ventura.

X

Órfão dès que nascera, a sorte triste
dera-lhe por herança o desconsolo,
75 coa negra solidão, que ao pobre assiste;
ninguém na terra se topou tão só
de quanto em pó do terrenal existe
inda correndo um polo e outro polo,
que era pobre e dorido entre os doridos
80 e afligido entre os tristes afligidos.

XI

Tinha por casa um cortelhinho escuro,
tinha por leito o chão humedecido,
por cobertor a neve e vento duro
que entrava pelas fendas arrecido¹³¹.
85 Tinha o sustento escasso e mal seguro
que dão de porta em porta ao que é perdido,
que assim lhe dizem –burla não escassa–
ao que por pobre neste mundo passa.

XII

Enjamais¹³² o infeliz dizer pudera
90 “Isto que tenho é meu!”, que a sorte dura
n’inda, por conceder, lhe concedera
um pouco de querer ou de ternura,
nem um pouco de amor, que adonde houvera

¹³¹ Arrefecido, esfriado, inteiriçado.

¹³² Enjamais, de *endejamais* “ainda nunca, ainda jamais”. *Endejamais* foi *ainda* *jamais*.

95 pobreza e soledade e desventura,
 glória, dita e querer correndo passam
 e a entradinha da porta não traspassam.

XIII

 Sempre por dita pra Vidal havia
 caldo e mais pão nalgum larinho alheio,
 e mais a caridade não se abria,
100 que fora um mal matar-lhe outro desejo;
 que se a cousas melhores se afazia,
 e outro vário comer e outro recreio,
 trabalho lhe custara a bom seguro
 comer depois vercinhas e pão duro.

XIV

105 Tal conta a gente corda se botava
 com parcimónia conscienciosa e grave,
 e refrães sábios com afã buscava
 que dizem “nunca dês do que bem sabe”.
 E o compango¹³³ Vidal nunca provava,
110 porque era sobriedade santa e suave,
 segundo a gente de poder dizia,
 em-que ela bem folgava e bem comia.

XV

 Quando dos porcos a matança vinha,
 que amável chamuscar nas limpas eiras
115 ao despertar da fresca manhãzinha!...
 Que alegre fumo entre olmos e figueiras
 cheirando a cocho pelos ares vinha!
 Que arremangar das nenas mondongueiras!
 Que ir e vir desde o banco pra cozinha!

¹³³ *Presigo*, aquilo que se come com o pão.

120 E alô no lar, que fogo!; que larada!;
que rica e que bem feita frijolada¹³⁴!

XVI

Fígado com cebola bem frigida
e uma folhinha de louro cheirosa,
que inda a um morto bem morto dera vida
125 de tão rica, tão tenra e tão sab'rosa.
Raxo¹³⁵ em sorça¹³⁶ cum cheiro que convida,
e o sangue das morcelas substanciosas
em fregada caldeira trasbordando,
a que façam morcelas convidando.

XVII

130 Quadro tão agradável, farturento,
por todo o arredor se repetia
com garrular, e riso, e grã contento,
que sucesso tão grande o requeria.
Mas, porque lhe servisse de tormento,
135 tão só na choça de Vidal n'havia
nem porco, nem mondongo, nem fartura,
que era todo nublado e desventura.

XVIII

Nas frias pedras do seu lar sentado
tão vário movimento contemplava
140 de negra soledade acompanhado:
ninguém festa do porco lhe ofertava.
Que era pobre Vidal e era olvidado,
e a presença dum pobre ali estorvava;

¹³⁴ *Fritada*. Ver nota final.

¹³⁵ Lombo de porco. Talvez de *radere*, *rasu*-. Diferente de rajo "tentáculo".

¹³⁶ Adubo; carne de porco adubada. Veja-se nota final.

por isso entre suspiros repetia:
145 “Ai, quem fora riquinho por um dia!”

XIX

Esses eram de cote os seus desejos,
mas nunca, triste sorte!, se cumpriam;
e todos, todos, de miséria cheios,
anos trás anos sem cessar corriam.
150 Já velho era Vidal e os céus severos
de tão negro sofrer não se doíam,
que inda o porco Vidal nunca provara,
ninguém a tal festinha o convidara.

XX

Tal como era costume, a rica prova
155 vizinhos com vizinhos se trocavam
(inda hoje este costume se renova),
mas a Vidal vizinho não chamavam,
que fora indigna mistura boba
ir a dar onde dom nunca topavam,
160 e por isso Vidal, pobre coitado,
nunca catou morcela, o desditado.

XXI

Mas, ai pícaro mundo!, mundo a aleive!,
quem de teus passos e revoltas fia?
Quem afirmar impávido se atreve
165 que não se pode a noite tornar dia?
Quem em tempo tão rápido e tão breve
aos conhecidos de Vidal diria
que aquela triste, humilde, criatura
ia nadar em ondas de ventura?

XXII

- 170 E assim passou!... Que Aquel que todo mira
além da imensa e transparente esfera
onde cos astros cintilantes gira,
misericórdia de Vidal tivera,
o torpe olvido dos podentes¹³⁷ vira
175 e a pena de Vidal compadecera,
e co seu braço misterioso e forte
trocou dum sopro a temerosa sorte.

XXIII

- Tal pelas portas de Vidal entrara,
como em campo sedento farto rio,
180 de Cádiz veio herança que invejara
o de mais presunçoso senhorio.
Ucha de ouro aos seus olhos relumbrara
dando-lhe desvario, e riso, e frio,
sendo tamanha a dita que sentia,
185 que o coração com ela não podia.

XXIV

- Depois chorou, sorriu, bicou¹³⁸ a terra
inda pelo seu pranto humedecida,
e quanta dita a humanidade encerra
verteu-se do seu peito escandescida.
190 Logo, volvendo em si, quase se aterra
de ver ventura tão sem par cumprida,
e prostrado ante Deus fervente ora
e o seu mistério portentoso adora.

¹³⁷ *Podente* = *Potentado*. Antigo, foi recusado pela homofonia com *puidente* "pudico".

¹³⁸ *Beijou*.

XXV

Cumprido este dever, Vidal, reposto
195 de surpresa tão grave e prazenteira,
põe-se limpo, amanhado e bem composto,
coa gracinha de Deus por companheira.
Qual se lhe admira de o mirar tão posto,
qual lhe diz que é galã por derradeira,
200 e, em-que calvo quedou como São Pedro,
dizem que tem riçado pelo negro.

XXVI

Chama-lhe aquele “amigo”, cousa rara!,
que antes “Vidal!” com sorna¹³⁹ lhe dizia,
e outro lhe volve prazenteiro a cara
205 que noutro o cariz lhe retorcia.
Tal menina de vê-lo se turvara,
tal outra junto del se resolvia,
e sei-que não faltou quem lhe dissera
que feito como um santo se vovera.

XXVII

210 Que é triste o rosto da mortal pobreza
que entre gemidos e entre dores nasce;
té formosura vem quando riqueza
co seu mirar risonho nos compraze;
presta o dinheiro encanto e gentileza,
215 e um Deus o mesmo demo se tornasse
se tomando figura de banqueiro
remexesse dinheiro e mais dinheiro.

XXVIII

Estes mistérios são... eu me confundo

¹³⁹ No sentido de “ironia dissimulada”, não no de “indolência”.

e em vão os explicar me propusera;
220 peró Vidal, filósofo profundo,
que, em-que jamais nos livros aprendera,
a custa própria depreendeu no mundo,
não de mudança tal se surpreendera,
que alô na sua mente a adivinhara
225 quando em ser rico com afã sonhara.

XXIX

Por isso recebeu com cortesia
requebros, agasalho e cumprimento,
que um trás outro humildoso lhe fazia,
escória vil do humano sentimento.
230 Ele a baixeza deles compreendia,
e em-que vácuo nem torpe pensamento
contra gentinhas tais considerava,
forte e séria lição dar-lhes pensava.

XXX

Uma manhã a um santo e bom sujeito
235 um quinho¹⁴⁰ lhe mercou, soberbo quinho!,
tão níveo, tão plant ado e tão repleto
qual nunca o vira ta l nenhum vizinho.
Era curto de perna, o lombo neto,
de rabo até cabeça redondinho,
240 e o coiro tão graxento reluzia
que mesmo de manteiga parecia.

XXXI

“Louvado seja Deus!; Deus cho bendiga!;
Santo António cho guarde!”; assim clamavam

¹⁴⁰ *Porco*. Talvez aférese de *porquinho*. Na história é constante semântica os nomes dos pequenos substituírem os dos porcos adultos.

enquanto o cocho a passo de formiga
245 e o seu dono Vidal sérios passavam.
A falar-lhe a Vidal cada um se obriga
que o porco já mortinho contemplavam
e n'era de perder tão bom bocado
pelas mãos de Vidal morto e salgado.

XXXII

250 Logo o berrido do infeliz paciente
que sofre co cuitelo morte dura
fender os ares no lugar se sente,
pouco a pouco a gorjinha queda muda,
o suspiro final soa estridente,
255 o sangue corre, o matachim já sua,
e naquel grave e crítico momento
é o porco vida e mundo e pensamento.

XXXIII

O defunto ali está refestelado,
cuma cebola na entreaberta boca
260 (que inda parês que a come o desditado);
mas não choreis que a ele só lhe toca
dormir sono tão triste descuidado,
pois as iras do inferno não provoca,
nem glória tem nem purgatório ardente;
265 dormirá sem sentir eternamente.

XXXIV

Não cabe em si Vidal de tão contente;
o cheirinho do porco o enlouquece,
que entre os porcos nascidos é um portento
aquele que ante seus olhos aparece.
270 Certa satisfação, certo contento

no rosto dos presentes resplandece,
que mesmo quer dizer em falar mudo:
“Este é que che é um porco repoludo!”

XXXV

Mas co cocho Vidal a sós se encerra,
275 mentres que a gente aturuhlada mira...
Qual se pasma, qual bufa, qual se aterra,
que nunca tal naquel lugar se vira,
qual outro, lhe jurando eterna guerra,
das voltas que este mundo dá se admira,
280 pois que nunca jamais nenhum vizinho
lhe batera coa porta no focinho.

XXXVI

Era aquele um rifar¹⁴¹ desesperado,
peró Vidal o surdo se fazia;
a noite inteira se passou cerrado;
285 no alvor primeiro do seguinte dia,
cum varal de morcelas carregado,
que pouco mais carr’gado se rompia,
apareceu lavado e reverendo,
a todos co seu porte surpreendendo.

XXXVII

290 El direitinho ao seu fazer marchava
com o passo espaçoso caminhando,
e um sorrir nos seus lábios se topava
que entrudo ia dizendo ou contrabando.
Depois, com voz que às gentes atroava,
295 foi-se de porta em porta perguntando:
–Deram-lhe aqui morcelas a Vidal?

¹⁴¹ *Brigar.*

–Aqui não!!! –*Pois adiante co varal!*

XXXVIII

Assi' as choças correu uma por uma
e o varal inteirinho inda se via;
300 com triste sim não respondeu nenhuma
de quantas em redondo requeria.
Rindo-se entanto à falsa da fortuna
com sonsa voz de burla repetia:
–Deram-lhe aqui morcelas a Vidal?
305 –Aqui não!!! –*Pois adiante co varal!*

XXXIX

Vidal morreu, e o tempo foi passando,
braço que os duros mármore arrasa,
entre geados escombros enterrando
do bom Vidal a solitária casa;
310 mas sempre esta historinha foi ficando;
inda hoje mesmo por provérbio passa,
e quando o nome de Vidal se invoca,
muda sói se quedar mais duma boca.

–Meninha, tu a mais formosa
 que a luz do sol alumiará;
 tu a estrela da manhãzinha
 que em puras tintas se banha;
 5 tu a flor dos floridos cumes,
 tu a ninfa das frescas águas,
 tu como folha do lírio
 branca, pura e contristada.
 Quem és tu, fada sem nome
 10 de tão dormentes miradas,
 de tão dorido sorriso,
 de feiturinha tão cândida?
 Quiçá de mulher nasceste
 sendo tão limpa e tão casta?
 15 Quiçá das brisas da tarde,
 quiçá das brêtemas vagas...
 das borbulhinhas dum rio,
 quiçá duma nuvem branca?
 Ou as espumas do mar
 20 a um raio de sol juntadas
 pousaram-te ao ser da aurora
 numa conchinha de nácar?
 Mas, donde quer que ti sejas,
 tristíssima passionária,
 25 por ti sinto um amor puro
 que pouco a pouco me mata.
 Por ti, de noite e de dia,
 qual vaga sombra encantada,
 perto do teu viver gemo,
 30 gemo cos ventos que passam
 fazendo vibrar sonoras,

sentidas, cordas duma harpa,,
 que com ecos tremedores
 dos meus amores che falam.
 35 Mas diz-me: por que estás muda?
 Diz por que estás solitária,
 diz por que vives nos montes
 cos passarinhos que cantam,
 enquanto choras e choras
 40 ao pé dum olmo sentada
 toda de luto coberta,
 toda coberta de lágrimas.
 –Deixa-me viver nos montes,
 deixa-me estar solitária,
 45 deixa-me cos passarinhos
 que em derredor de mim cantam.
 Deixa-me vestir de luto,
 coberta por tristes báguas,
 e eco de homens não escute
 50 nem som de harmoniosas harpas,
 que esses sons de amor à vida
 rompem as minhas entranhas.
 Se deles, galá, por sorte,
 doce consolo arrancaras
 55 pra uma dor que não tem cura,
 para um mal que não acaba!
 Se ao seu vibrar sonoro
 as tumbas se levantaram
 e o pó que repousa nelas
 60 volto a viver se agitara!...
 Mas, cala, galá;... não toques
 as suaves cordas duma harpa
 que nem dá vida aos que morrem
 ne'as tristes tumbas levanta.

65 Cala, galá, cos cantares
que com paixão de amor cantas,
que os meus amores morreram
e alô entre tumbas me aguardam.
Para mim morreu a dita,
70 morreu também a esperança,
cobriu-se o céu de tristura
e a terra de ásperas plantas.
Deixa-me viver nos montes,
deixa-me estar solitária,
75 deixa-me vestir de luto,
coberta de amargas lágrimas.

*Que a rola que viuvou
jurou de não ser casada,
nem pousar em ramo verde
80 nem beber da água clara .*

*Castelhanos de Castela,
tratade¹⁴² bem os galegos;
quando vão, vão como rosas;
quando vêm, vêm como negros¹⁴³.*

5 –Quando foi, ia sorrindo;
quando veo¹⁴⁴, vinha morrendo
a luzinha dos meus olhos,
o amantinho do meu peito.

10 Aquel mais que neve branco,
aquele de doçuras cheio,
aquele por quem eu vivia
e sem quem viver não quero.

15 Foi a Castela por pão,
e saramagos lhe deram;
deram-lhe fel por bebida,
peninhas por alimento.

20 Deram-lhe, enfim, quanto amargo
tem a vida no seu seio...
Castelhanos, castelhanos,
tendes coração de ferro!

Ai!, no meu coraçãozinho
já não pode haver contento,
que está duma dor ferido,

¹⁴² Imperativo arcaico.

¹⁴³ *Vêm aqui* é monossilábico.

¹⁴⁴ *Veio*. O antigo veo em galego fez-se monossilábico e assim soa aqui.

que está de luto coberto.

25 Morreu o que eu bem queria
e para mim n'há sossego:
tão só há pra mim, Castela,
esta má lei que che tenho.

30 Permita Deus, castelhanos,
castelhanos que aborreço,
que antes os galegos morram
que irem pedir-vos sustento.

35 Pois tão mau coração tendes,
secos filhos do deserto,
que, se amargo pão vos ganham,
lho dais envolto em veneno.

40 Alô vão, malpocadinhos¹⁴⁵,
todos de esperanças cheios,
e volvem, aí!, sem ventura,
cum cabedal de desprezos.

Vão pobres e tornam pobres,
vão sãos e tornam enfermos,
que em-que eles são como rosas,
tratai-los tal qual aos negros.

45 Castelhanos de Castela,
tendes coração de aceiro,
alma como as penas dura,
e sem entranhas o peito!

¹⁴⁵ Veja-se nota final 18. 23.

50 De palha em tronos sentados,
sem fundamentos, soberbos,
pensais que os nossos filhinhos
para servir-vos nasceram.

55 E nunca tão torpe ideia,
tão criminal pensamento
coube em mais fátuas cabeças
ne'em mais fátuos sentimentos.

60 Que Castela e castelhanos,
todos num montão a eito,
não valem o que uma ervinha
destes nossos campos frescos.

Tão só peçonhentas charcas,
detidas no ardente *suelo*,
tens, Castela, que humedeçam
esses teus lábios sedentos.

65 Que o mar deixou-te olvidada
e longe de ti correram
as brandas águas que trazem
de plantas cem sementeiras.

70 Nem árv' res a che dar sombra,
nem sombra que preste alento...
Planura e sempre planura,
deserto e sempre deserto...

75 Isto che tocou, coitada,
por herança no universo,
miserável fanfarrona!...

triste herança foi por certo.

Por certo não há, Castela,
nada como tu tão feio,
que inda melhor que Castela
80 valera dizer inferno.

Por que lá foste, meu bem?
Nunca tal tivesses feito!
Trocar campinhos floridos
por tristes campos sem rego!

85 Trocar tão claras fontinhas,
rios tão murmuradeiros
por seco pó do que nunca
molham as báguas do céu!

Mas, ai!, donde a mim te foste
90 sem dor da minha tristeza,
lá a vida che quitaram,
lá a mortinha che deram.

Morreste, meu queridinho,
e para mim n'há sossego,
95 que onde antes te via, agora
já só uma tumba vejo.

Triste como a mesma noite,
farto desta dor o peito,
peço-lhe a Deus que me mate,
100 porque já viver não quero.

Mas entanto não me mata,

castelhanos que aborreço,
hei, para vergonha vossa,
hei-vos de cantar gemendo:

105 *Castelhanos de Castela,
tratade bem os galegos;
quando vão, vão como rosas;
quando vêm, vêm como negros.*

LA GAITA GALLEGA¹⁴⁶
Eco Nacional
A mi querido amigo D. Manuel Murguía

I

Cuando la gaita gallega
el pobre gaitero toca,
no sé lo que me sucede
que el llanto a mis ojos brota.
Ver me figuro a Galicia
bella, pensativa y sola,
como amada sin amado,
como reina sin corona.
Y aunque alegre danza entone
y dance la turba loca,
la voz del grave instrumento
suéname tan melancólica,
a mi alma revela tantas
desdichas, penas tan hondas,
**que no sé deciros
si canta o si llora.**

II

Recuérdame aquellos cielos,
y aquellas dulces auroras,
y aquellas verdes campiñas,
y el arrullo de sus tórtolas;
y aquellos lagos, y aquellas
montañas que al cielo tocan,
todas llenas de perfumes,
vestidas de flores todas,
donde Dios abre su mano

¹⁴⁶ Publicado em *El Museo Universal* em novembro de 1860.

y sus tesoros agota;
mas, (ay!, como me recuerda
también que hay allí quien dobla,
en medio de la abundancia,
al hambre la frente torva,
**no acierto a deciros
si canta o si llora.**

III

Sueño, y cruzan por mi espíritu
puras, risueñas y hermosas
las sombras de los cien puertos
de que Galicia es señora.
Y lentamente pasando,
como ciudades que flotan,
van sus cien naves soberbias
al ronco son de las olas;
mas, (ay!, como en ellas veo,
con el oro de sus costas,
sus tiernos hijos desnudos
que miran tristes a Europa
pidiendo su pan amargo
a la América remota,
**no acierto a deciros
si canta o si llora.**

IV

(Pobre Galicia!... Tus hijos
huyen de ti o te los roban,
llenando de íntima pena
tus entrañas amorosas.
Y como a parias malditos,
y como a tribus de ilotas

que llevasen en el rostro
sello de infamia o deshonra,
(ay!, la patria los olvida,
la patria los abandona,
y la miseria y la muerte
en su hogar desierto moran.
Por eso, aunque en son de fiesta
la gaita gallega se oiga,
**no acierto a deciros
si canta o si llora.**

V

(Espera, Galicia, espera!
lleva la cruz que te agobia,
regando con sangre y lágrimas
esa vía dolorosa.
(Tendrás sed!... Hiel y vinagre
te darán con mano pródiga,
y, con corona de espinas,
cetro de caña por mofa;
pero los tiempos se acercan,
y cuando suene tu hora,
feliz subirás y grande
a la cumbre de la gloria.
Hoy si la gaita gallega
el pobre gaitero toca,
**no acierto a deciros
si canta o si llora.**

Ventura Ruiz Aguilera, 1860

A GAITA GALEGA
Resposta ao eminente poeta D. Ventura Ruiz de Aguilera¹⁴⁷

I

Quando este cantar, poeta,
na lira gemendo entoas,
não sei o que por mim passa
que as lagriminhas me afogam,
5 diante de mim cruzar vejo
a Virgem-mártir que invocas,
cos pés cravados de espinhas,
coas mãos cobertas de rosas.
Em vão a gaita, tocando
10 uma alvorada de glória,
sons pelos ares espalha
que caem nas brandas ondas;
embalde baila contente
nas eiras a turba louca,
15 que aqueles sons, tal me afligem,
cousas tão tristes me contam,

¹⁴⁷ A resposta opta a forma do respondido. Repete-se por partes para melhor ver:

Cuando la gaita gallega
el pobre gaitero toca,
no sé lo que me sucede
que el llanto a mis ojos brota.
Ver me figuro a Galicia
bella, pensativa y sola,
como amada sin amado,
como reina sin corona.
Y aunque alegre danza entone
y dance la turba loca,
la voz del grave instrumento
suéname tan melancólica,
a mi alma revela tantas
desdichas, penas tan hondas,
que no sé deciros
si canta o si llora.

*que eu posso dizer-che:
não canta, que chora.*

II¹⁴⁸

20 Vejo contigo estes céus,
vejo estas brancas auroras,
vejo estes campos floridos
onde se arrulham as pombas,
e estas montanhas gigantes
25 que lá coas nuvens se tocam
cobertas de verdes pinhos
e de florinhas cheirosas;
vejo esta terra bendita
onde o bem de Deus trasborda
e onde os anjinhos formosos
30 tecem brilhantes coroas;
mas, aí!, como também vejo
passar macilentas sombras,
grilhões de ferro arrastando
entre sorrisos de mofa,
35 em-que mimosa gaitinha

148

Recuérdame aquellos cielos,
y aquellas dulces auroras,
y aquellas verdes campiñas,
y el arrullo de sus tórtolas;
y aquellos lagos, y aquellas
montañas que al cielo tocan,
todas llenas de perfumes,
vestidas de flores todas,
donde Dios abre su mano
y sus tesoros agota;
mas, (ay!, como me recuerda
también que hay allí quien dobla,
en medio de la abundancia,
al hambre la frente torva,
no acierto a deciros
si canta o si llora.

toque alvorada de glória,
eu posso dizer-che:
não canta, que chora.

III¹⁴⁹

40 Falas, e o meu pensamento
mira passar temerosas
as sombras desses cem portos
que ao pé das ondinhas moram,
e pouco a pouco marchando,
frágeis e tristes e soias¹⁵⁰,
45 vagar as naves soberbas
lá na imensidão traidora.
E, ai!, como nelas navegam
os filhos das nossas costas
com rumo à América infanda
50 que a morte com pão lhes doa,
desnudos pedindo em vão
à pátria misericórdia,
em-que contente a gaitinha

149

Sueño, y cruzan por mi espíritu
puras, risueñas y hermosas
las sombras de los cien puertos
de que Galicia es señora.
Y lentamente pasando,
como ciudades que flotan,
van sus cien naves soberbias
al ronco son de las olas;
mas, (ay!, como en ellas veo,
con el oro de sus costas,
sus tiernos hijos desnudos
que miran tristes a Europa
pidiendo su pan amargo
a la América remota,
no acierto a deciros
si canta o si llora.

¹⁵⁰ Sozinhas.

55 o pobre gaitero toca,
eu posso dizer-che:
não canta, que chora.

IV¹⁵¹

Pobre Galiza, não debes
chamar-te nunca espanhola,
que Espanha de ti se olvida
60 quando és tu, ai !, tão formosa.
Qual se na infâmia nasceras,
torpe, de ti se envergonha,
e a mãe que um filho despreza
mãe sem coração se mostra.
65 Ninguém por que te levantes
che alarga a mão bondadosa;
ninguém teus prantos enxuga,
e humilde choras e choras.
Galiza, tu não tens pátria,
70 tu vives no mundo soia,
e a prole fecunda tua
se espalha em errantes hordas,
mentres triste e solitária

151

(Pobre Galicia!... Tus hijos
huyen de ti o te los roban,
llenando de íntima pena
tus entrañas amorosas.
Y como a parias malditos,
y como a tribus de ilotas
que llevasen en el rostro
sello de infamia o deshonra,
(ay!, la patria los olvida,
la patria los abandona,
y la miseria y la muerte
en su hogar desierto moran.
Por eso, aunque en son de fiesta
la gaita gallega se oiga,
no acierto a deciros...

tendida na verde alfombra
75 ao mar esperanças pedes,
de Deus a esperança imploras.
Por isso em-que em som de festa
alegre a gaitinha se ouça,
eu posso dizer-che:
80 **não canta, que chora.**

V¹⁵²

“Espera, Galiza, espera.”
Quanto este grito consola!
Pague-cho Deus, bom poeta,
mas é-che esperança louca;
85 que antes de que os tempos cheguem
de dita tão venturosa,
antes que Galiza suba,
coa cruz que o seu lombo dobra,
aquele difícil caminho
90 que o pé dos abismos toca,
quicá cansada e sedenta,
quicá que de angústia morra.
Pague-che Deus, bom poeta,

152

(Espera, Galicia, espera!
lleva la cruz que te agobia,
regando con sangue y lágrimas
esa vía dolorosa.
(Tendrás sed!... Hiel y vinagre
te darán con mano pródiga,
y, con corona de espinas,
cetro de caña por mofa;
pero los tiempos se acercan,
y cuando suene tu hora,
feliz subirás y grande
a la cumbre de la gloria.
Hoy si la gaita gallega
el pobre gaitero toca,
no acierto...

95 essa esperança de glória,
que de teu peito surgindo,
à Virgem-mártir coroa,
e esta a recompensa seja
de amargas penas recônditas.
Pague-che este cantar triste
100 que as nossas tristezas conta,
que só tu,... tu entre tantos!,
das nossas mágoas se acorda.
Digna vontade dum génio,
alma pura e generosa!
105 E quando a gaita galega
alô nas Castelas ouças,
ao teu coração pergunta;
verás que diz em resposta
que a gaita galega
110 **não canta, que chora.**

I

Vem-te, rapaza;
vem-te, menina;
vem-te lavar
no pedrão da fontinha.

5 Vem-te, Minguinho;
Minguinho, vem-te;
dou-che senão
pelo demo do dente.

10 Que água tão limpa!
Que rica frescura!
Vem-te lavar,
que é um primor, criatura.

15 Valha-me Deus,
que se aguinha n'houvera,
lama este corpo
mortal se volvera.

20 Vinde lavar-vos,
andai ligeirinhos,
a cara primeiro,
depois os pezinhos.

Ai!, que menina!
Que nena preciosa!
Depois de lavada
parece uma rosa .

25 E este menino
que tenho no colo,
depois de lavado
parece um repolo¹⁵³.

30 Ai que tão cuco¹⁵⁴!
Ai que santinho!
Vem aos meus braços,
hei dar-che um biquinho.

35 Olhinhos de glória!
Carinha de meiga!
Aperta-me bem,
coração de manteiga!

40 Corre, corre
a que Antona te peite;
corre, dará-che
uma conca de leite.

Corre, corre,
a teu pai, Mariquinha,
que come cebola
com pão e sardinha.

II

45 Valha-te Deus,
que inda os figos são duros!
Mas que fartinha
em estando maduros!

¹⁵³ *Repolho*. *Repolo* é forma patrimonial, guardada só na Galiza. Dela *repoludo* "robusto".

¹⁵⁴ Aqui é "atulado, bonito", acepção vinda da de "astuto, hábil", cariz atribuído à ave.

50 Ele e mais eu
e a comadre de abaixo
hemos de ter
que alargar o refaixo.

55 Rica figueira,
que Deus te bendiga,
que hás-me, abofé,
de fartar a barriga.

60 Hei!, o dos ovos
que vais de caminho,
quantas duzinhas
topaste no ninho?

Uma não mais!
Não me tenho coa risa¹⁵⁵!
Esse é-che um conto
que vai para a missa.

65 Dá-me cá seis,
que um fricol¹⁵⁶che faria,
que ao mesmo rei
que invejar lhe daria.

70 Já que não quês,
no caminho che colha
vento de vira
cum saco de molha.

¹⁵⁵ *Riso.*

¹⁵⁶ *Guisado* ou *fritada*. Do fr. *fricot*.

III

75 Turra, turra¹⁵⁷,
Jão¹⁵⁸, pela burra!
Mira que Pedro
a cadela che apurra¹⁵⁹.

80 Ai, desditada
de mim que a vejo,
fincar-lhe o colmilho
no triste pelejo!

Diancre¹⁶⁰ de Jão
que não corre nem toa!
Bem haja, amém,
quem os ossos che roa.

85 Churras!, churras!¹⁶¹,
churrinhas!, churras!
Cás-qui-tó¹⁶²,
que escorrentas as burras.

90 Pica, pica,
surinha¹⁶³, pica,
leva-lhe um grão
ao teu filho na bica.

¹⁵⁷ Este *turra* “puxar, atrair para si” enlaça etimologicamente com *turra* “bater com a testa” e, além deles, com *torra* “ressequir por calor”. Ver nota final.

¹⁵⁸ Redução hipocorística de *João*, usual na Galiza.

¹⁵⁹ *Apurra* é “açar”. Do vínculo com *empurrar*, veja-se nota final.

¹⁶⁰ Eufemismo de *Diabo*.

¹⁶¹ *Galinhas*. Afim a *churdo* e *churro*. Ver nota final.

¹⁶² Interjeição para afastar os porcos. Ver nota final.

¹⁶³ Voz para chamar as pombas. Designou as domésticas, de cauda cortada.

Marcha, cão, a ladrar ao palheiro,

95 sei-que che agrada
o demoro¹⁶⁴ do cheiro!

Vai-che¹⁶⁵ co cão,
que do peixinho gosta!
Mas a teu dono
100 o dinheiro lhe custa.

Gáchil!, gáchil!¹⁶⁶
Que dencho¹⁶⁷ de gato!
Como se farta
no prebe¹⁶⁸ do prato!

105 Inda rebentes,
larpeiro¹⁶⁹ rabudo¹⁷⁰!
Que inda na gorja
che apertem um nudo¹⁷¹!

Truca, perico,¹⁷²
110 no gato rabelo
até deixá-lo
quedar sem um pelo.

Que eu, se outra vez

¹⁶⁴ Eufemismo de *demo*.

¹⁶⁵ Como vá [*por Deus co cão!*]. Paralelo de safal, mas com ironia de falsa piedade.

¹⁶⁶ Voz para afugentar gatos. De **gattuli (hic sunt)!*

¹⁶⁷ Novo eufemismo de *demo*.

¹⁶⁸ Molho picante, provavelmente metátese do catalão pebre "pimenta".

¹⁶⁹ Glutão. O étimo de *larpar* "engolir sofregamente" é das mais obscuras que se possam dar.

¹⁷⁰ Quadra lembrar ser epíteto do Diabo.

¹⁷¹ "Nó" em castelhano. Não é possível evitá-lo.

¹⁷² "Turra, carneiro". *Trucar* "turrar, embater o carneiro, e outros animais de corna", cf. prov. e cat. *turrar* "bater, chocar", possível étimo de trocar para Coromines. Qualquer que fosse a etimologia de *turrar* "bater", o galego é do âmago da cultura rural e logo antigo.

Perico é nome dado sobretudo ao carneiro. *Perica* é a ovelha nova que já não mama.

o caminho me atranca,
115 hei de romper-lhe
no lombo uma tranca.
Mau é daquele
que não sabe de missa,
nem entra na igreja
120 nem gasta camisa!

Ai!, que galinha
saltou no valado!
Sei-que quer vir
a comer de prestado!

125 *Isca¹⁷³daí,*
galinha maldita,
isca daí,
não me mates a pita.

130 *Isca daí,*
galinha ladrona,
isca daí
prá cas tua dona.

¹⁷³ Voz para afugentar sobretudo galinhas. No Brasil, para incitar cães. Ver nota final.

- Quando a luinha aparece
 e o sol nos mares se esconde,
 todo é silêncio nos campos,
 tudo na ribeira dorme.
- 5 Quedam as veigas sem gente,
 sem ovelhinhas os montes,
 a fonte sem rosas vivas,
 as árvores sem cantores.
- Medroso o vento que passa
- 10 os pinhos gigantes move,
 e à voz que levanta triste,
 outra mais triste responde.
- São as campanas que tocam,
 que dizem em sons de morte
- 15 ao coração: “Não olvides
 os que para sempre dormem”.
 Que triste! Que hora tão triste
 aquela em que o sol se esconde,
 em que as estrelinhas pálidas
- 20 timidamente relozem¹⁷⁴!
- Ali as montanhas confusas
 de espessas névoas se cobrem,
 e a casa branca em que el vive
 em sombra espessa se envolve.
- 25 Em vão eu miro e mais miro,
 que os véus desta negra noite
 entre ela e os meus olhinhos
 traidoramente se põem.

Que fazes, meu bem, entanto?

¹⁷⁴ Alternância vocálica dialetal que não é possível evitar pela rima.

30 Diz-me adonde estás, adonde,
que te espero e nunca chegas,
que te chamo e não respondes.
Morreste, meu queridinho?
O mar sem fundo tragou-te?
35 Levaram-te as ondas feras
ou te perdeste nos montes?
Vou perguntando aos arinhos,
vou perguntando aos pastores,
às verdes ondas pergunto,
40 e ninguém, ai!, me responde.
Os ares mudinhos passam,
os pastorinhos não me ouvem,
e as surdas ondas fervendo
contra os penedos se rompem.
45 Mas tu não morreste, ingrato,
nem te perdeste nos montes;
tu, quiçá, entanto eu peno,
dos meus pesares te gozes.
Coitada de mim! Coitada!
50 Que este meu peitinho nobre
foi para ti débil junco
que ao menor vento se torce.
E em recompensa tu olvidas-me!
Dás-me fel e dá-me a morte...
55 Que é a paga, desditada,
que à que bem quer dão os homens!
Mas, que importa!, bem che quis...
Querer-che-ei sempre...Assim compre
a quem com grande firmeza
60 vidinha e alma entregou-che.

Cá tens o meu coração,

*se o queres matar bem podes;
peró, como estás tu dentro,
também, se tu matas, morres.*

*Como chove miudinho,
como miudinho chove;
pela banda de Lainho¹⁷⁵,
5 pela banda de Lestrove.*

Como a triste branca nuvem¹⁷⁶
turva o sol que inquieto alumbra!;
qual o cobre e o descobre,
passa, torna, volve e sobe,
10 enriçada branca pluma!

Já, depois, longe espalhada
pelos ares fugitivos,
destingida e assombrada,
nos espaços desatada,
15 cai brilhando em raios vivos.

Misteriosa regadeira
fino orvalho no chão pouosa
com feitinha curvadeira,
remolhando na ribeira
20 flor por flor, chousa por chousa¹⁷⁷.

Semelhando leve gaz
que subtil o vento move,
em flutuantes ondas passa

¹⁷⁵ S. João e S. Julião de Lainho são freguesias do concelho de Dodro, lindeiro com Padrão, na beira direita do Ulha, rio que percorre as branhas de Dodro e de Lainho com o afluente Sar. O concelho de Dodro tem três freguesias, a de Dodro e as duas de Lainho, mais 23 aldeias, das quais a mais importante é a de Lestrove (Ângelo Brea).

¹⁷⁶ A lírica dos versos tolhe privilegiar a rima consoante, que cederá ante os significados.

¹⁷⁷ Qualquer terreno rural cercado, de monte ou lavra. Do latim *clausa*.

25 refrescando quanto abrasa
 o que o sol ardente cobre.

 Como chove miudinho
 pelas veigas de Campanha¹⁷⁸!
 Qual se enxugam de caminho
 os ervados de Lainho!
30 Como a Ponte¹⁷⁹ em sol se banha!

 Para Caldas¹⁸⁰ tudo é escuro,
 céu azul luze na Adina¹⁸¹,
 transparente, limpo e puro;
 da Retém¹⁸² no monte duro
35 nuvem corre peregrina.

 Triste vai, que a terra toca,
 já cos pés de branca neve,
 já coa fina fresca boca;
 triste vai, que aos céus invoca
40 e a bicar¹⁸³ o chão se atreve.

 Triste vai quando se abate
 vaporosa, só e muda,

¹⁷⁸ Freguesia do concelho de Valga, ao sul de Padrão, além do rio Ulha.

¹⁷⁹ Ponte Cesures é concelho da província de Ponte Vedra, lindeiro com Padrão na Ulha. Fora porto medieval de Padrão, mas perdeu a importância ao cegar-se a ria.

¹⁸⁰ Concelho da província de Ponte Vedra ao sul do de Valga.

¹⁸¹ Nome popular da freguesia de S.ta Maria de Íria Flávia, uma com Padrão até 1877. O cardinal Payá dela fez duas, a de Íria Flávia, na esquerda do Sar, e a de Santiago Apóstolo de Padrão, na direita. A igreja de Íria tem importância e longa história, cheia de referências à translação do corpo do Apóstolo. Rodeia-a um adro e cemitério cantado pela poeta em Folhas Novas. Aí teve terra Rosalia até o traslado a Santiago de Compostela. (Ângelo Brea)

¹⁸² O Palácio da Retém era uma casa da família materna de Rosalia em que viveu seu avô, José de Castro. O nome virá de ter sido retém da guarda da velha vila. Edifício de cantaria com varanda a suster nove arcadas, dali veem-se ferrovias, estradas, a ria, a formosa veiga, a serra e os montes frondosos. Chamou-se-lhe também a Casa Grande. (Ângelo Brea)

¹⁸³ *Beijar*.

45 quando maina as asas bate
com um coração que late
ferido por pena ruda.

50 Tal magino¹⁸⁴ a sombra triste
de mamãe¹⁸⁵, soia vagando
nas esferas onde existe;
que ir à glória se resiste
pelos que quis aguardando.

55 Vejo o Souto em parda sombra
revolvendo-se a ramagem,
que por bom do Rei¹⁸⁶ se honra,
onde fero o vento assombra,
ruge, estala de coragem.

60 E o Palácio¹⁸⁷, sério e grave,
quanto em pura luz se banha!
Tal parês pesada nave
que volver ao mar não sabe,
se encalhou na fresca branha.

65 Vejo Valga à beira boa
dum caminho todo prata,
casta virgem candorosa,
sentadinha em chão de rosa,
vestidinha de escarlata.

¹⁸⁴ Aférese popular de *imaginar*.

¹⁸⁵ Veja-se nota final. *Mi má* no original.

¹⁸⁶ Segundo Bouça Brei, *Souto do Rei* era o lugar onde depois se pôs a feira de Padrão, na beira esquerda do Sar, dantes cheia de castanheiros e carvalhos. *Devesa do Rei* no séc. XVIII.

¹⁸⁷ O Palácio de Lestrove, de recreio dos arcebispos de Santiago.

O São Lois¹⁸⁸ vejo brilhando
banhado por tintas puras,
sol e sombras amostrando,
em repouso contemplando
70 montes, águas e verduras.

E o Padrão¹⁸⁹, polinha verde,
fada branca ao pé dum rio,
fruta em flor da que eu quisere,
longe miro que se perde
75 sob um manto de rocio.

Que inchadinha branca vela
entre os milhos corre soa,
misteriosa pura estrela!
Diz-lhe o vento em torno dela:
80 “Ai, pombinha, voa!, voa!”

Faz-lhe arrolo a branda ria
cum remanso murmulhante,
nado na arvoreda umbria
sob um toldo de alegria,
85 ao calor dum sol amante.

Sol de Itália, sol de amor!,
paisagem melhor alumbras?
Tu mais rosas, mais verdor,
melhor céu, mais suave cor
90 vês do golfo entre as espumas?

¹⁸⁸ Aldeia de Ponte Cesures, sobre o Ulha.

¹⁸⁹ Padrão vila rega-a o rio Sar e rodeiam-na os montes Miranda. Na rua de Murgadão é a casa sol renga desse nome, da família dos Castro. A velha rua do relógio hoje leva o nome da poeta. Na igreja paroquial, a passos do areal aonde chegara a barca, sob o altar-mor, está o pilar ou padrão ao qual os discípulos do Apóstolo a amarraram. (Ângelo Brea)

Sol de Itália, eu não suspiro
por sentir-te ardente raio!
Que outro sol temp'rado miro;
docemente aqui respiro
95 num perene, eterno maio.

Nesta terra tal encanto
se respira... Triste ou pobre,
rico ou farto de quebranto,
se encarinha nela tanto
100 quem sob o seu céu se cobre!...

Os que são nela nascidos,
os que são dela mimados,
longe dela estão doridos
porque vão de amor feridos
105 por quem fono¹⁹⁰ amamentados.
Pelos filhos a mãe tira,
surda, triste, pranteadeira,
geme, chora e mais suspira,
e não para até que os mira
110 bem chegar por derradeira.

Pobre mãe, quanto che quero!
Mãe também, ai!, da mãe minha!
O teu chão de amor mais quero
que quanto há grande ou severo
115 em toda a terra juntinha.

Como não, se ora estou vendo,
em paisagem prata e rosas,

¹⁹⁰ *Foram*. Pela medida, é frequente Rosália apelar ao dialetal *fono* por *foram*, nascido por equivalência acústica do antigo e dialetal *forom*.

quanto a vida foi querendo,
cos meus olhos remexendo
120 memorinhas carinhosas?

Bosques, casa, sepulturas,
campanários e campãs¹⁹¹,
que são bagos de doçuras
que despertam, ai!, ternuras
125 que jamais pod' rão ser vãs!

Elas fono as que tocaram
quando os meus ali nasceram;
elas fono as que choraram,
elas fono as que dobraram
130 quando os meus avós morreram.

Elas fono as que alegrinhas
me chamavam mainamente
nas douradas manhãzinhas,
de mamãe coas cantiguinhas
135 e os biquinhos juntamente.

Inda vejo onde jogava
coas meninas que eu queria,
o exidinho onde folgava,
as roseiras que cuidava
140 e a fontinha onde bebia.

Vejo a rua solitária¹⁹²
que em paz banha um sol sereno,

¹⁹¹ *Sinos*. Forma antiga de *campas*. A causa da mudança do tom é controversa.

¹⁹² A rua, de Padrão, é a dantes dita *do Sol* e no tempo de *Rosalía de Rodrigues do Padrão*. No nº 4 da rua, casa da família materna, morou Rosalia de cria, primeiro com a tia, depois com a mãe. (Bouça Brei)

sem que a turve mão contrária,
igual sempre, nunca vária,
145 veiga plana em campo ameno.

E também vejo enlutada
da Retém a casa nobre,
onde a minha mãe foi nada,
qual viuvinha abandonada
150 que cai triste ao pé dum roble.

Ali está, sombra perdida,
voz sem som, corpo sem alma,
amazona malferida
que ao sentir que perde a vida
155 se adormece em surda calma.

Casa grande lhe chamavam
noutro tempo venturoso,
quando os pobres a imploravam
e fartinhos se quentavam
160 ao seu lume carinhoso.

Casa grande, quando um santo
venerável cavalheiro¹⁹³
com tranquilo, nobre encanto,
sob as dobras do seu manto,
165 covilhava o esmoleiro.

Quando os cantos na capela

¹⁹³ Nota da autora: As virtudes verdadeiramente evangélicas deste cavalheiro, tão amado dos que o conheceram, inspiraram-me um livro que não tardarei a publicar com o título de *História de meu avô*. Nele rendo tributo de admiração e amor àquele cuja maior sabedoria consistiu sempre em fazer o bem a olhos fechados e com mão carinhosa.

Tal texto nunca se publicou e seria dos queimados por ordem da autora antes de morrer.

da *Grande casa* ressoavam
com fervor e fé singela,
rico fruto da semente
170 que os varões santos semeavam.

Ora tudo silencioso
causa ali medo e pavora¹⁹⁴,
mora espírito temeroso
nos salões onde o repouso
175 fez um ninho coa tristura.

Risos, cantos, harmonia,
brandas músicas, contento,
festas, danças, alegria,
se trocou na triste e fria,
180 surda voz do forte vento.

No grã pátio as ervas crescem
vigorosas sem cuidado,
e as silveiras que florescem
no seu tempo fruto ofrecem
185 aos meninhos sazonado.

E entre aquel silêncio mudo
que a turvar ninguém se chega,
entre aquel *já fui!* tão rudo,
vê-se inteiro um nobre escudo
190 que a dizer *não sou* se nega.

Claros timbres mostra ufano
cum soberbo casco airoso...
Mas detrás dum sou tão fátuo

¹⁹⁴ Pavor.

195 vê-se o pobre orgulho humano
humilhado e poeiroso.

Trás a calada viseira,
que há uns olhos feridores
que nos miram se dissera;
200 que dizem: tudo é quimera
neste universo de dores.

Casa grande, triste casa,
que daqui tão só eu miro,
parda, escura, triste massa!
Casa grande, passa, passa!...
205 Já não és mais que um suspiro!

Meus avós, aí!, já morreram,
os demais te abandonaram,
os teus lustros pereceram,
e os que melhor che quiseram
210 também de ti se apartaram.

Mês trás mês, pedra trás pedra,
tu te irás desmoronando,
cingida por cintas de hera,
mentres que outra forte medra;
215 que assi' o mundo vai rolando.

.....
.....
.....

Mas que luz, que colorido,
nos espaços se dilata!
Luz o sol descolorido

e arco de íris já nascido
220 longa cinta se desata.

*Como chove miudinho,
como miudinho chove;
como chove miudinho,
pela banda de Lqinho,
225 pela banda de Lēstrove.*

Minha Santa Margarida,
com quem te hei de comparar?
Como tu não vi nenhuma
nem na terra nem no mare.

5 Como tu, Santa bendita,
tão garrida e tão preciosa,
nem brilhou nenhuma estrela,
nem se abriu nenhuma rosa.

10 Nem luzeiro, nem diamante,
nem luinha transparente
luz verteu mais carinhosa
que o teu rosto reluzente.

15 Nem as flores do gilmendro¹⁹⁵,
nem a rosa purpurina,
nem as neves da montanha,
nem fulgor da manhãzinha,

20 nem alegre sol dourado,
nem corrente de água pura,
minha Santa Margarida,
che assemelha em formosura.

Com quem te hei de comparar,
minha Santa Margarida,
se tu foste anjo de amor
pelos anjos escolhida?

¹⁹⁵ Pessegueiro. Deixa-se a forma local por ser voz velha que não dana. Ver nota final.

25 Só a Virgem mais formosa
do que és tu, bendita Santa,
e o teu rosto peregrino
o temido demo espanta.

De ti vivo namorada,
30 em ti penso com fervor,
que eu bem sei que che contenta
este puro e santo amor.

Quem pudera!... Quem pudera
junto a ti viver segura,
35 manancial que mel derrama,
pura fonte de ternura!

Onde tu, longe do mundo,
tão feliz me acovilhara
que jamais ao prazer vão
40 este meu mirar tornara.

Que no monte onde tu moras
tão bom ar lá se respira,
que o que mais do mundo foge
só ali por Deus suspira.

45 *Minha Santa Margarida,
minha Margarida santa,
tendes a casa no monte,
onde o passarinho canta .*

30
ALVORADA¹⁹⁶

Vai-te, noite,—
vai fugindo.—
Vem-te, aurora,—
vem-te abrin-
5 do,—co teu rosto—
que, sorrindo,—
a sombra espanta!!!

Canta!,
passarinho, can-
10 ta—de polinha em pola,—
que o sol se levanta—
pelo monte verde,—
pelo verde monte,—
alegando as er-
15 vas,—alegando as fontes!...
Canta, passarinho alegre,
canta!
Canta porque o milho medre,
20 canta!
Canta porque a luz te escoite¹⁹⁷,
canta!
Canta que fugiu a noite.

Noite escura
25 logo vem

¹⁹⁶ Nota da autora: A maior dificuldade que achei para escrever esta alvorada foi o meu desejo de que saísse em todo regradada à música. Consegui isto, mas foi à custa da poesia; não podia ser doutro modo, quando se dá com um ar tão estranho e tão difícil de acomodar-lhe letra alguma.

A respeito disto, veja-se nota final.

¹⁹⁷ O dialetal *escoitar*, mais arredado da norma que o arcaico *escuitar*, aqui vai pela rima.

e muito dura
co seu manto
de tristura,
com meigalhos¹⁹⁸
30 e temores,
agoireira
que é das dores,
agarimo
de pesares,
35 cobridora
em todo mal.
Sal¹⁹⁹!....

Que a aurorinha
o céu colora
40 cuns alvares
que namora,
cum semblante
de ouro e prata
tingidinho
45 de escarlata.
Cuns vestidos
de diamante
que lhe borda
o sol amante
50 entre as ondas
de cristal.

Sal!,...
senhora em todo mal,
que o sol

¹⁹⁸ *Feitiços.*

¹⁹⁹ *Sal*, imperativo arcaico e popular por *sai*.

55 já brilha
nas conchinhas do areal;
que a luz
do dia
veste a terra de alegria;
60 que o sol
derrete
com amor a escarcha fria.

II

Branca aurora—
vem chegan-
65 do—e às portinhas—
vai chamando—
dos que dormem—
esperando—
o teu fulgor!...

70 Cor...
da alva boa
lhes estende
nos vidrinhos
carinhosa,
75 onde o sol também
suspende,
quando alô no
mar se tende
de fogaj' la-
80 rada viva,
depois leve,
fugitiva,
triste, vago
resplendor.

85 Cantor
dos ares,
passarinho alegre,
canta,
canta porque o milho medre;
90 cantor
da aurora,
alegre namorado,
às meninas diz-lhe
que já sai o sol dourado,
95 que o gaiteiro,
bem lavado,
bem vestido,
bem penteado,
da gaitinha
100 acompanhado,
à porta está!...
Já!...

Se explicando
que te explica,
105 r e p e n i c a , r e p e n i c a
na alvorada
bem amada
das meninas
110 cantadeiras,
bailadoras,
rebuldeiras;
das velhinhas
alegrinhas;
115 das que sabem
bem ruar.

Arriba!,
todas, rapazinhas do lugar,
que o sol
120 e a aurora já vos vem a despertar!
Arriba,
arriba!, toleirona mocida',
que atrujaremos,
cantaremos o *ala... lá!!!...*

- Eu cantar, cantar, cantei;*
*a graça não era moita*²⁰⁰,
 que nunca (disso me pesa)
 fui eu meninha graciosa.
- 5 Cantei como mal sabia
 dando-lhe reviravoltas,
 qual fazem os que não sabem
 diretamente uma cousa.
 Però, depois, passeninho,
- 10 e um pouco mais alto agora,
 fui botando as minhas cântegas²⁰¹
 como quem não quer a cousa.
 Eu bem quisera, é verdade,
 que mais boniteiras foram.
- 15 Eu bem quisera que nelas
 bailasse o sol com as pombas,
 as brandas águas coa luz
 e os ares mainos coas rosas;
 que nelas claras se vissem
- 20 a espuma das verdes ondas,
 do céu as brancas estrelas,
 da terra as plantas formosas,
 as névoas de cor sombria
 que alô nas montanhas rolam,
- 25 os berros do triste moucho,
 as campainhas que dobram,
 a primavera que ri
 e os passarinhos que voam.
 Canta que te canta, mentres

²⁰⁰ Dialetal *moita* a causa da rima.

²⁰¹ Do lat. *canticum*, palavra diferente de *cantiga*. Esta é de origem céltica segundo Coromines

30 os corações tristes choram.
Isto e bem mais eu quisera
dizer com língua graciosa;
mas onde a graça me falta
o sentimento me sobra,
35 em-que este tampouco abasta
para explicar certas cousas,
que às vezes por fora um canta
mentres que por dentro chora.
Não me expliquei qual quisera
40 pois sou de explicança pouca;
se graça em cantar não tenho
o amor da pátria me afoga.
Eu cantar, cantar, cantei;
a graça não era moita.
45 Mas que fazer, desditada,
se não nasci mais graciosa!

POEMAS ACRESCENTADOS NA SEGUNDA EDIÇÃO DE
CANTARES GALEGOS

32

*Minha Santinha, minha Santaça,
minha carinha de calabaca:
hei de emprestar-vos os meus pendentos,
hei de emprestar-vos o meu colar;
5 hei de emprestar-cho, cara bonita,
se me depreendes²⁰² a pontear.*

—Costureirinha cumprimenteira,
sacha no campo, malha na eira,
lava no rio, vai apanhar
10 tojinhos secos entre o pinhal.
Assim a nena trabalhadora
os ponteados aprende agora.
—Minha Santinha, mal me quiser
quem me aconselha que tal fizer.
15 Mãos de senhora, mãos fidalgueiras
têm todinhas as costureiras;
boca rainha, corpo de dama,
cumpre-lhe a seda, fogem da lama.

—Ai rapazinha!, ti tem-lo teio²⁰³:
20 Sedas que dormem entre o centeio!!!²⁰⁴
Fugir da lama quem nasceu nela!
Deus cho perdoe, pobre Manuela.

²⁰² Tanto *aprender* quanto *depreender* tomaram em galego também o sentido “ensinar”.

²⁰³ *Teio* “doença neurológica de ovelhas e cabras que lhes faz dar voltas e cair”. Metaforicamente “arrebato alucado das pessoas passionais”. Nesta frase folclórica, pela música, mantém-se a arcaica segunda forma do artigo e o ti sujeito.

²⁰⁴ Frase de duplo sentido, apesar do timbre fechado de seda. Veja-se nota final.

Lama com honra não mancha nada,
nem seda limpa a honra emporcada.

25 –Santa Santaça, não sois cumprida,
dizendo cousas que fazem fñida.
Falai-me só no das moinheiras,
daquelas voltas revirandeiras,
daqueles pontos que fazem ora
30 de afora adentro, de adentro afora.

–Costureirinha do carvalhal,
colhe uma agulha, colhe um dedal;
cose os buracos desse teu cós²⁰⁵,
que andar rachada n’o manda Deôs.
35 Cose, menina, tantos furados
e ora não penses nos ponteados.

–Minha Santaça, minha Santinha,
nem tenho agulha, nem tenho linha,
nem dedal tenho, que alô na feira
40 roubou-mo um guapo da faldriqueira,
dizendo: “As perdas dos descuidados
fazem o lote dos apanhados²⁰⁶”.

–Costureirinha que guapos trata!
Alma de cobre, colar de prata.
45 de moços rindo, velhos chorando...
Anda, menina, cuida do gando.
Cuida das ervas do teu erval,
terás agulha, terá dedal.

²⁰⁵ Nas falas galegas, também “parte da camisa feminina que vai dos ombreiros à cintura”.

²⁰⁶ Aqui “arranjados, hábeis”, acepção vinda do castelhano.

50 –Deixai as ervas, que o que eu queria
era ir qual todas à romaria.
E ali com ares dar cada volta!
Os olhos baixos, a perna solta!,
pés ligeirinhos, corpo direito;
peró, Santinha,... não lhe dou jeito!

55 Não vos metais a predadora,
bailadorzinha fazei-me agora.
Vós desde arriba andai correndo;
fazei os pontos e eu apreendo.
Andai, que peno pelos penares...
60 Mirai que o peço chorando a mares.

–Ai da menina! Ai da que chora!
Ai, porque quiere ser bailadora!
Que quando durma no campo-santo
os inimigos far-lhe-ão espanto,
65 bailando em riba das ervas mudas
ao som da negra gaita de Judas.

E aquel corpinho que noutros dias
tanto truara²⁰⁷ nas romarias
ao som dos ventos mais desatados
70 rolará logo cos condenados.
Costureirinha, n'hei de ser, n'hei,
quem che deprenda tão lesa lei.

–Ai que Santaça! Ai que Santona!
Olhos de meiga, cara de mona,
75 pôr n'hei de pôr-che os meus pendentos,

²⁰⁷ "Tanto se divertira". *Truar* surge aqui, donde parecem tirá-lo os dicionários. Talvez cruzamento de *ruar* com *truão*.

pôr n'hei de pôr-che o meu colar,
já que não queres, já que não sabes,
apreender-me a pontear.

Disse-me anteontem o cura
que é pecado...

Mas aquel de tal fundura,
como o fazer desbotado?

5 Dá-lhe que dá-lhe o argadilho²⁰⁸,
 noite e dia,
e pensa e pensa naquilo,
porfia que te porfia...

10 Sempre malha que te malha,
 *enchendo a cunca*²⁰⁹,
*porque o que o diante*²¹⁰*trabalha*
diz que acaba tarde ou nunca.

Que, mais digo: “Arrenegado!,
 Demo fora!” ,
15 mais o demo endemoncrado²¹¹
me atenta depois e agora.

Mais ânsia tenho, mais sinto,
 rematada²¹²!,
que não me queira Jacinto
20 nem solteira nem casada.

Porque deste ou doutro modo
a valer digo,

²⁰⁸ Dial. por *argadelo*. É ao cast. *argadijo* o que *argadelo* ao cast. *argadillo*.

²⁰⁹ *Conca, tigela*.

²¹⁰ Eufemismo de *Diabo*.

²¹¹ Eufemismo por *endemoninhado*.

²¹² Equivale a “sem remédio”.

dormindo ao pé dum carvalho
em riba da erva luzida.

50 Arrimei-me passeninho²¹⁶
à sua beira,
e suspirava maininho²¹⁷
como uma brisa mareira.

E tinha a boca entreaberta
como um neno
55 que mirando o céu desperta
deitadinho entre o centeio.

E as guedelhas enriçadas
lhe caíam,
qual ovelhas em manadas,
60 sobre as florinhas que abriam.

Meu Deus! Quem florinha fora
das daquelas!...
Quem as ervas que em tal hora
o tinham pertinho delas!

65 Quem geada, quem orvalho
que o molhou!
Quem aquel mesmo carvalho
que coas polas o abrigou!

70 Enquanto que o contemplava
se moveu,
e pensei que me afogava

²¹⁶ *Devagarinho.*

²¹⁷ *Maino, calmo.* Deverbal de *amainar*.

o coraçãozinho meu.

Bate que bate, batia
sem parar;
75 mas eu tremendo dizia:
“agora lhe hei de falar.”

E volveu a rebulir
mui passeninho,
ai!, e botei a fugir,
80 ligeira pelo caminho.

Depois, chora que te chora,
envergonhada,
disse: Se não me namora,
não lhe direi nunca nada.

85 E não me namora, não;
maldiçoado²¹⁸!
Enquanto o meu coração
quer-lhe em-que seja pecado.

E vai trás outras mocinhas
90 tão contente,
e eu com umas cadeinhas
prendi-o ao meu pensamento.

E quer queira, quer não queira,
está comigo,
95 e ao cabo e à derradeira,
com el me atenta o ‘nimigo.

²¹⁸ Aférese de *amaldiçoado*.

Sempre malha que te malha
enchendo a cunca!

É é que o que o demo trabalha
100 *acabará tarde ou nunca.*

Por isso, em-que o cura quer
que é pecado,
mal que tanto mal me fez
nunca o darei desbotado .

I

Que tem o moço?

Ai, que terá?

Põe-me agora uma cara de inverno,
depois na fiada, sorrisos de tal!...

5 Quer que baile com el no moinho,
e lá pela vila nem fala quiçá...

Que tem o moço?

Pois... que terá?

10 Umaz vezes, cãozinho de cego,
por onde eu andare²¹⁹ seguindo-me vai
nem há sítio no que eu não encontre
um Brás com ceroulas e os socos na mão.

Ai, que mocinho!...

Ai, que rapaz!...

15 Noutro instante, mirai que fachenda!...
atrujos²²⁰ que assombram o mesmo lugar.
Brrr!!!, parece que passa soberbo
mandando nos homens su real *majeſtad*²²¹.

Mocinho, és tolo?

20 Ai!, se o serás?

Eu não posso entender, meu amor,
que arinhos te levam, que arinho te traz,
nem tampouco qual jeito che quadra,
tratando-se, moço, do teu namorar.

²¹⁹ A paragoge livre era tão comum como no italiano antigo. Aqui é licença métrica.

²²⁰ Grito de exultação ou desafio. Para *atrujar*, *aturujar* veja-se a nota.

²²¹ *Su real majestad* é deliberadamente castelhano, como nota o possessivo, não inconsciente, como é usual. Sendo parte do conteúdo, cumpre respeitar a vontade da autora.

25 Ai! Deus me livre
 de ti, bom Brás!

 Que no meu entender te comparo
 ao mesinho de março marçal:
 pela manhã carinha de rosas,
30 *pela tarde, cara de cão.*
 Que má juntança
 fazemos! Ai!!

II

 Que diz a meiga?,
 o que a traidora?
35 Coração que enlutado te cobres,
 com negros desprezos que a falsa che doa,
 por que vives sofrendo por ela?,
 por que, namorado, de pena saloucas²²²?
 Se ela é bonita,
40 ela é traidora.

 Diz, com mímica de mim, que não sabe
 que arinhos me viram, veleta mal posta...
 Que cho digam, rapaza, os teus olhos,
 que agora me chamam, depois me desbotam²²³.
45 Que em-que és bonita,
 és-me traidora.

 Se umas vezes amante che falo,
 e se outras renego de ti,... pecadora!,
 quando as águas repousam serenas,

²²² *Soluças*. Forma dialetal do vulg. *suggluttium* com cruzamentos incertos na parte final.

²²³ *Expulsam*. Aqui *desbotar* caiu na esfera de *botar* "deitar", não na de *boto* como na língua comum. A obscuridade etimológica de *boto* e *desbotar* firma a sua origem expressiva.

50 se o vento que as manda rebole entre as ondas?
E tu bem sabes
que és revoltosa.

Sou cãozinho de cego em querer-che...
Tal burla merece quem ama sem conta,
55 pois cos socos na mão ou sem eles
às portas do inferno seguindo-te fora.
Tal estou tolo,
tal és graciosa.

Que de março marçal tenho a cara!...
60 Quiçá que assim seja, mas tu, minha joia,
também és qual raiola de março,
que agora descobre, que agora se entolda.
Símiles somos,
nena formosa.

I

Se a ver-nos, Marica, anteontem vieras
 à festa do Seixo²²⁴, na beira do mar,
 tu riras, Marica, qual nunca te riste
 debaixo dos pinhos do verde pinhal.

- 5 À sombra dos pinhos, Marica, que cousas
 chistosas passaram!, que rir toleirão!
 Relouca de arriba, relouca de abaixo,
 iamos, vinhamos²²⁵, e o bombo... pom!... pom!
 As cócegas brandas, as lutas alegres,
 10 os berros, os brincos, os contos sem fel,
 todinhos canecos, alegres todinhos...
É a nossa senhora detrás do tonel.

II

- Coitada!, que festa brandida perdeste!...
 Cantaras, beberas, dormiras, e assim
 15 num feixe miraras rolar juntamente
 mocinhos e velhos daqui para ali.
- Coa vista turvada, cos olhos dormentes,
 sorrindo, comendo, pifando e bem mais,
 que apertos, que olhadas tão chuscas²²⁶ trocavam
 20 as nenas de génio cos moços de Cais²²⁷!

²²⁴ Aldeia na freguesia de Santiago de França, no concelho de Mugar dos, que celebra as festas de S. Roque e de Santiago, na beira-mar, pelo estuário do rio Seixo (Ângelo Brea).

²²⁵ *lamos, vinhamos* com a arcaica e dialetal pronúncia paroxítona.

²²⁶ Engraçadas, chistosas, com matiz às vezes depreciativo.

²²⁷ Forma popular por *Cádis*.

Debaixo dos ricos para-águas²²⁸ de seda
que abertos formavam tamanho rodel,
todinhos chispados²²⁹, que cousas diziam!
E a nossa senhora detrás do tonel.

III

25 Mas ela, de cote tão grave e soberba,
tão fina de ouvido, tão curta de mãos,
surdinha ficara falando por sete,
com pobres e ricos, com porcos e cães²³⁰.

30 Meu amo, folgado de tanta largueza,
que n'era costume na dona tal ver,
também, minha joia!, saltando da burra,
pim! pá!, rio arriba botou-se a correr.

E a dona sorria com olho entreaberto,
comendo castanhas e vinho com mel...
35 Que festa, Marica!... Todinhos canecos...
E a nossa senhora detrás do tonel.

²²⁸ Castelhanismo por *guarda-chuvas*, inescusável pelo ritmo e medida.

²²⁹ *Todinhos chispados* = canecos, alegres, um tanto embriagados.

²³⁰ A perda da consonância, de *mans* com *cans*, não nos autoriza alterar o texto.

POEMAS ACRESCENTADOS NA TERCEIRA EDIÇÃO

36

Sábado à noite

Marica pilha a roca.

- Nha mulher, pilha essa roca
e deixa-te de ir à missa;
5 pensa que não tens camisa
 e fia uma maçaroca.
 –Luns²³¹ das almas, meu hominho,
 deixa-me guardar o dia.
 Se eu fiare, que diria
10 no outro mundo meu paizinho?
 Pois... martes de Santo António
 tampouco hei de trabalhar,
 pra que o santo me livrar
 das tentações do demónio.
15 Quarta feira... Não digo eu!
 O homem de Nossa Senhora,
 São José... de fiar ora
 não me quisera no céu.
 É quinta!... N'há que falar.
20 Santíssimo Sacramento!
 Com todo comedimento
 o dia che hei de guardar.
 E a sexta! Recordação
 da agonia de Jesus?
25 Passá-lo-ei ao pé da cruz,
 maginando²³² na Paixão.
 E tu, bem-aventurado

²³¹ Segunda-feira.

²³² Aférese popular de *imaginar*.

sábado da Virgem santa,
 quem tua festa quebranta
 30 deve estar excomungado.
 Mas, desde as doze até uma
 entre sábado e domingo
 traz cá essa roca, Mingos,
 que essa n' é falta nenhuma.
 35 Se viras como o rocio
 me entra por entre os farrapos!
 Acocha-me co' esses trapos,
 que estou tremendo de frio.
 –Não vejo trapos nem toldo
 40 com que te possa tapar;
 arrima-te ao pé do lar
 ou mete-te entre o *rescaldo*²³³.
 –Sei-ca²³⁴ tenho calentura...
 Bruu!, sei-ca vou morrer.
 45 –Não te aflijas, nha mulher,
 que che irei catar o cura.
 –Mais quisera um cobertor;
 sinto calofrios... tantos...
 –Pois que te cochem²³⁵ os santos,
 50 que n' há coberta melhor.
 Folgaste noites e dias
 só por i-los a bicar,
 e devem-te ora cochar
 nas tuas postremarias.
 55 Deste modo *Jão sem Terra*
 coa sua mulher falava,
 quando viu que se quedava,

²³³ Castelhanismo por *rescaldo*, inescusável pela rima.

²³⁴ Var. arcaica do *sei que* gramaticalizado visto na nota 117. Veja-se nota final 22. 43.

²³⁵ Entre outras aceções, em galego é *abrigar*.

mal-pecado!, feita terra;
e cuns codessos tapando-lhe
60 o triste coiro despido,
disse-lhe então (eu duvido
se chorando, se cantando-lhe):

*Ei ti, minha guardadora
dos dias-santos e das festas,
65 como che reluzem ora
as carnes por entre as gestas!*

Compadre, dê que um vai velho
o mesmo sol lhe faz frio;
cada regueiro é-lhe um rio,
um boi cada escaravelho.

5 Pesa-me o lombo que pasma,
peró que inda Deus me leve
se é que não tenho uma sede
que me faz volver a asma!

10 E bem, já que estamos perto
de nha²³⁶ casa... Compadrinho,
vinde provar o meu vinho
e botaremos um neto²³⁷!....

—Entra tu diante! —Não! —Sim.
Tu que és mais velho. —Qual mentes!
15 —Pois que cho digam os dentes.
—Tenho mais mós eu ca ti²³⁸.

Mas entremos os dous juntos
e acabou-se o *del-com-dela*²³⁹;
mede seis netos, Manuela,
20 que trago enxutos os untos;

enche o jerro²⁴⁰ do canteiro

²³⁶ Aférese popular de *minha*.

²³⁷ *Neto aqui* é "medida de vinho de perto do meio litro". Eco semierudito do lat. *metrum*.

²³⁸ *Ca ti*, arcaico e galego, equivale ao moderno *que tu*. Veja-se nota final 3, 7.

²³⁹ Este *del-com-dela* "discussão, porfia; retesia" não foi recolhido pelos lexicógrafos, alvez por atribuir-lhe mais conteúdo erótico do que tinha. Veja-se nota final.

²⁴⁰ *Jarro*.

e não enchas co da Ulha,
que é tão só pra meter bulha,

tsenão co'aquel do Ribeiro.

.....

25 Colô, colô! –Bem nos preste,
porque sem estes consolos
caminháramos mais soios
os velhos do que anda a peste.

–Tem um piquinho!... –Que nória!
30 Com pique ou não, compadrinho,
depois de Deus, viva o vinho!
–E haverá vinho na glória?

Colô, colô! –Cousa boa!
Coa-se como *xarabe*²⁴¹!
35 –Meu compadre, o que bem sabe
corre sem trigo nem broa.

–O vinho de quente passa,
mas é melhor o que eu tenho.
–Como quê? –A prová-lo, denho,
40 vais vir ora à minha casa.
–Isso pouco a pouco, amigo.
Melhor que o meu não o passo!
–Pois botemos outro *vaso*²⁴²

e vem-no provar comigo.
45 –Bem dizes. –Pernas... arriba!
Peito, já estás aquecido;

²⁴¹ Castelhanismo por *xarope*, inescusável pela rima.

²⁴² *Copo*.

podemos um ponteado
bailar cum pé numa criva.

–Que não che me leve o denho...

50 Ele²⁴³ andamos ou n'andamos?
Uma vez parês que vamos
e outras magino que venho.

–Deixa-te disso, Farruco,
que eu vou como uma pedrada,
55 e inda assim nesta escampada
ouvirei cantar o cuco.

–Não o penses que, abofelhas²⁴⁴,
à minha porta chegamos;
mas tem tino, porque entramos
60 no cortelho das ovelhas.

–Mentes!... eu vou indo a fio
cara a bodega, larpeiro!
–Mas deixa-me entrar primeiro,
que me faz mal o rocio.

65 –Valha-me Santa Luzia...
Todo o vejo tão turvado;
diz-me aqui, de reservado:
É de noite ou é de dia?

–Se o sei que bote mais canhas²⁴⁵!

²⁴³ O *ele* *expletivo*, geral na língua coloquial europeia, é talvez rasto do artigo neutro.

²⁴⁴ *A fé, a boa fé*. Veja-se nota final.

²⁴⁵ *Cãs*. Forma arcaica bissílaba, de *cãas* com *l* anti-hiático.

70 Però, secreto cho digo,
 deste não ver, meu amigo,
 devem ter culpa as pestanas.

 Ora senta-te e bebamos;
 tenho uma sede!... –Hem!, que tal?
75 –Se não me fizesse mal...

 –Mal! Tão fortes como estamos?
 Sabe que gorecha²⁴⁶.. pois,
 explico-me?... –Por sabido!
 –O bebido vai bebido
80 e se um quer mais... ate Angróis.

 –É que este teu vinho!, denho!...
 é do que um pode beber;
 peró, compadre, a meu ver,
 é-che melhor o que eu tenho.

85 –N’é verdade isso!... –Que não?
 Tornas ora a vir comigo
 e dirás, se és meu amigo,
 se não é muito mais bom.

 –Pode!;... mas à tua adega
90 diz-me quando chegaremos;
 tenho uma sede dos demos...
 e a mais penso que lostrega²⁴⁷.

 –O que há, meu companheirinho,
 não são lôstregos nem rolhos;

²⁴⁶ *Gorechar* e *gorentar* “agradar, causar prazer, nomeadamente as comidas e bebidas”.

²⁴⁷ *Lampeja*. Também há lôstrego.

95 é que tens lume nos olhos
e a gorja pede-che vinho.

Ei!, move esses pés ligeiro,
que estamos ao pé da pipa,
e bebe, que diz Filipa
100 que a sede avolve²⁴⁸ o coalheiro²⁴⁹.

—Hem!... Deus o pague que é forte;
bebi quanto me botaste.
Tens um vinho que, carache,
faz ressuscitar a morte.

105 —E logo sim? Nhá, que denho!
Nem o dum padre *benito*²⁵⁰.
—É bom, mas o dito, dito:
inda é melhor o que eu tenho!

.....
E indo e vindo, no caminho
110 tanto os compadres beberam
que nunca jamais volveram
a provar água nem vinho.

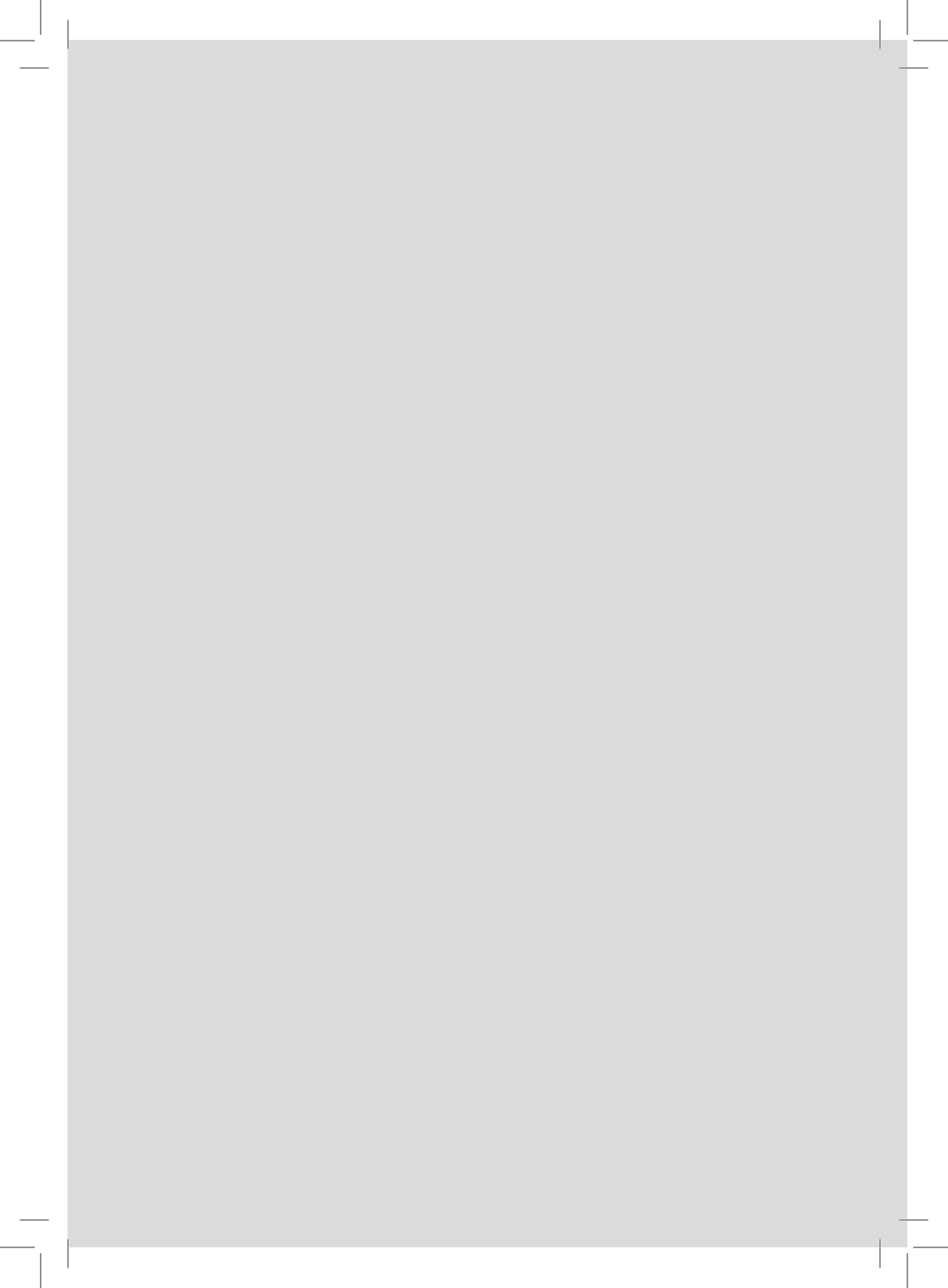
Co ventre como uma uva
trás de tanta e tanta prova
115 levaram-nos para a cova
desde o mesmo pé da cuba.

²⁴⁸ *Avolver*, var. de *volver* nas aceções "turvar, enlodar; obscurecer".

²⁴⁹ *Abomaso*, *coalheira*.

²⁵⁰ Castelhanismo por *Bento*.

≈≈≈





NOTAS COM TEXTOS ORIGINAIS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES.

Quase inoportuna, sai a questão fulcral do nome da nossa poeta. Difere do *Rosália* canónico em Portugal, que é do lat. *Rosália* “festa das Rosas” (M. L. 7376). Rosalia, tom no I, é outro, nome duma santa siciliana do séc. XII. Para Emidio De Felice, tal Rosalia adapta o ant. fr. *Rosceline* ou *Roceline*, de origem germânica, levado à ilha pelos normandos, que nada tinha com rosas. Contudo, ao cabo delas se entendeu; também se viu aí o hebreu Lia. Da Itália passou à França como *Rosalie*, oxítono, e daí provavelmente veio para a família que lhe pôs o nome.

1. HÁS DE CANTAR, QUE CHE HEI DE DAR ZONCHOS

Rosalia escreve numa quadra os versos folclóricos que glosa, mas ritmo e medida são os de um dístico de versos de moinheira, aqui de ene-assílabos (decassílabos castelhanos) de rima assoante e tom obrigado na 4ª sílaba. Os de moinheira ou gaita galega podem diferir no número de sílabas (8 ou mais) pois o que importa é o ritmo de quatro tons.

O poema de Rosalia começa igual, com um hemistíquio por linha como se fossem versos curtos. Mas logo deixa o metro, já na primeira das quatro partes do poema. Coexistem versos de moinheira, postos em duas linhas, com lídimas quadras de pentassílabos, que no resto são norma. A maioria de versos curtos pede manter o arranjo original.

9 *canta, dareiche*
8 *dareiche unha proya*
13 *dareiche unha proya*
33 *Dareiche un mantelo,*
34 *dareiche un refaixo.*

41 O *pido* do original é dialetal. Apesar de suspeito de castelhanismo, também soa no Norte português.

65 *grana* , por *grã*, é obrigado pela medida e rima interna do verso.

67 ; *Que ricos mandiles!*

70 *de cor colorado!*

O género feminino de *cor* exige concordar *colorado* com justilhos, logo pluralizado.

71 *Tan vivos colores*

73 *De velos tan váreos,...*

75 *De velos bulindo...*

99 *Ánxeles* no original. *Ángelos* é latinismo com uso na língua antiga.

101 *xa en forma de pombas,*

102 *xá en forma de niebras.*

Sem sinalefa em *já* e *em*, o melhor é tirar as conjunções alternativas.

103 *Cantart'ei*. Raro caso de pronome mesoclítico no galego escrito atual. Aqui *te* pode ser objeto indireto, o que sugeriria o mesoclítico dever-se à influência do português moderno antes que a tradição local. Mas *cantar* admite duas construções, de direto e indireto. Ainda que uma parte do galego não usa *che* para o indireto e outra confunde, a distinção, que é arcaísmo inofensivo, predomina. Aduzirei a historinha que contava minha mãe: “Uma mulher tinha três filhas moças que por tatejas não conseguiam homem. Por remediá-lo, a mãe convidou um moço a comer. Para não revelar o defeito, recomendou-lhes não dizerem palavra. Prometeram, mas, além de gagas, as coitadas eram parvinhas. Estavam todos assentes arredor do pote, elas muito compostas e a mãe a falar nas mil maravilhas que as filhas sabiam fazer, quando o pote pega a ferver. A primeira delas disse:

Mimale, o pótele févele!

A segunda responde:

Sácalo têtolo e mêtela colefra.

Ao que a terceira diz:

Por que tafaliache?
Ti que tafaliache
não te casache;
eu, que não tafaliei,
CASA-CHE-MI-EI.”

“*Mi-madre*, o pote ferve (ou “ferve-lhe”). “Saca-lhe o testo e mete-lhe a colher.” “Por que ti falache? Ti que falache não te casache; eu, que não falei, CASAR-CHE-ME-EI.”

Minha mãe viera de catorze anos com a família para Buenos Aires em 1936. Procediam de Santa Maria de Oia, Ponte Vedra, entre Baiona e a Guarda, na foz do Minho. Cabe pensar na vizinhança de Portugal, mas os traços linguísticos são nitidamente galegos do norte: o castelhano *mi-madre*, a desinência *-che* na 2ª pessoa do perfeito de indicativo, o pronome *che* de objeto indireto, mesmo o *ti* sujeito, que é também do Norte de Portugal mas menos nos tempos modernos.

O conto testemunha o pronome mesoclítico no galego médio e mesmo no moderno recente. A invisibilidade na literatura não nota falta de uso, sim a dificuldade que as pessoas escolarizadas em castelhano têm para refleti-lo na escrita. Ao menos na tona, o uso declinaria no séc. XIX, com a difusão dessa escola. A própria historinha mostra a denigração do traço linguístico, posto em boca de gente que fala mal. Dessarte ficou empeçonhada a mesma fonte de informação; os testemunhos do galego moderno foram recolhidos sempre por pessoas educadas em castelhano,

carentes de qualquer formação linguística, e certamente isentos da impronta duma formação em português.

- 113 *Encanta si rie,...*
- 120 *marmuxos*
- 145 *oiresme cantando*
- 147 *Quen queira me chame,*
- 148 *quen queira m'obrige.*
- 166 *no voso sufrir*

A rima pede substituir o castelhanismo *sofrir* por um sinônimo da

3ª

conjugação. Perfeito não há.

2. NASCI QUANDO AS PLANTAS NASCEM

- 9 *Desque te quixen, ingrato,*

Quis > quijem: Nos falares galegos há um fenómeno que nem é da língua medieval escrita nem se deve à influência castelhana: a nasalação da sílaba final das 1^{as} pessoas do singular do pretérito perfeito.

A ideia óbvia seria ver aí uma propagação da desinência tónica em -l dos verbos débeis das conjugações 2ª e 3ª, desde casos com sílaba final nasal: *comer* > *comi* > *comim*. Ora, este fenómeno na altura do séc. XVIII, quando há já documentação abundante, abrange todos os verbos, mesmo os fortes (*quijem*, *pujem*) e os da primeira conjugação (Sarmiento *amein*, por *amei*; nasalação depois perdida). Isto parece-se com as 3^{as} pessoas desse pretérito perfeito no galego, que foram nasaladas, pelo que na ênclise tomam as formas nasaladas do pronome pessoal de objeto direto (*no*, *na...*): *comeu-no*, *por comeu-o*. Surge de novo a ideia de um fenómeno de ditongos ou vogais *oxítonos*. Mas aqui a analogia é mais clara, e mais recente, que nas 1^{as} pessoas, como mostra a circunstância de o galego da extrema montanha lucense não participar do traço na 3ª. Ao cabo, na 1ª a amplitude e carácter estrutural não tem razão visível e não há analogia que possa explicá-lo.

A hipótese que proponho não podia ter surgido antes de desvendar-se a pasmosa persistência do céltico final na cornija cantábrica até os arredores do ano 1000, que na etimologia de *Orraca* tem uma datação assaz precisa. A invisibilidade desse resto na cornija cantábrica, sobretudo na montanha galega, é um facto inaudito e quase escandaloso, capaz de humilhar a segurança de linguistas e historiadores.

As desinências célticas da 1ª pessoa na voz ativa tinham sempre som nasal. As primárias em -MI (no essencial presentes e perfeitos) propagaram-se da flexão atemática à temática, como em arménio e índio. E as secundárias (doutros tempos) eram em -M. Toda hipótese de substrato tem de ser rigorosamente perscrutada e fundada. Restam muitas perguntas por responder. Como passar ao perfeito e não ao presente? Como não tingiu nenhum testemunho escrito medieval? Àquilo cabe retorquir que a conjugação românica já tinha no presente a desinência -O, inequívoca e suficiente. A segunda pede o exame exaustivo dos textos nos originais, mas a resposta talvez esteja na cultura latina dos que sabiam escrever. Ao cabo, o que fica, com eloquente urgência, é a pergunta pela origem desse enigma.

Em posição átona o fenómeno tem frequência escassa: *quijem*, *fijem*, etc. Na tónica vê-se muito mais; o reflexo em textos folclóricos não teria efeitos estéticos graves: *comim*, *bebim*, *partim*. Mesmo pudera ser objeto de uma regra especial que evocasse a grafia medieval -ī, o que não danaria a imagem gráfica da língua comum: *comī*, *bebī*, *partī*. Tal uso gráfico só tocaria as 1as de perfeito *oxítonas*. Nas paroxítonas é melhor omitir o traço, apesar do uso firme, mercê do pendor fonético a perder o traço e a prol da língua comum. Grafias como *quíje* ou *fíjī* seriam complicações excessivas, sobretudo em textos acantoados como os folclóricos.

Che: Outro é o pronome che. As falas galegas, por usar muito o *tu*, e *querer* “amar” diferir no regime de *querer* “buscar”, precisam distinguir *te* e *che*. No velho *querer bem a*, *bem* foi primeiro substantivo, depois sentido como advérbio, e ao cabo elidido, mas guardando o regime transitivo indireto. Tirso resgatou o folclórico *Quero-lhe bem ao filho do crego*. Isso passou ao *quero-lhe a ele*, no tratamento de confiança a *quero-che a ti*.

No caso presente o pronome *te* mudaria o significado. É um exemplo das hesitações linguísticas de Rosalia. Ou dos editores? A métrica do verso exige aqui e agora a inclusão desse *bem* arcaico.

12 *miña gloria e meu vivir.*

Pomos *existir* pela rima.

18 *con ese teu maldecir.*

Mau pedir é coerente com o verso seguinte. Não se trata de um “praguejar”, mas de um “mau dizer pedidos, dizer maus pedidos”.

3. DEUS BENDIGA TODO, NENA

5 *que, anque andiven moitas terras,*

6 *que, anque andiven moitas vilas,*

7 *coma ti non vin ningunha*

Do lat. *quōmodo* só veio *como*, mas com pronome pessoal de termo de comparação sói ouvir-se *coma*, refletido falsamente no galego oficial acastrapado como forma única. Tal *coma* nasceu da analogia do *ca* comparativo, ele de lídimo étimo latino: *quam*. *Coma* não tem; na verdade é *como a*. O falante sente *coma* e *ca* serem analisáveis: *como a* e *que a*, que pedem pronomes oblíquos. Na edição da Caixa Ourense de 1986 optei *coma* e *ca* por coerência. Ora penso que a escassa frequência de *coma*, não geral na língua coloquial (mas expandido pela normativa castelhanizante), a escassez de *ca* e a ordem de valores defrontados, pedem banir *coma* mesmo na transcrição de falas locais e só usar *como*. Para refletir o uso local melhor será escrever *como a*. Fica no ar o caso de *ca*. De momento, nas transcrições da fala popular pendo a deixar *ca*, antepondo o diacrónico ao sincrónico.

13 *sos falangueira*

A forma contracta *sos* não é problema.

14 *fangueira e ben cumprida*

Falangeiro é velho castelhanismo por *afagueiro*, cruzado paretimologicamente com *falar* ou *falador*.

21 *foras*. No poema amiúdam as populares formas verbais contractas: *sôs* (*sois*) por *sodes*, *sabês* (*sabeis*) por *sabedes*, etc. Às vezes pode haver confusão, ao coincidir a forma popular contracta de 2ª pl. com a forma da 2ª sg.: *foras* (*fôreis*) por *fôrades*, *morreras* (*morrêreis*) por *morrêrades*. Interessa muito o testemunho da sobrevivência do *voseio* na Galiza do séc. XIX.

23 *morreras*
 24 *chiarías*
 32 *pelegrina,*
 37 *estonces,*
 45 *sabés*
 57 *Dirés*
 59 *emprestouvos hastr'agora.*
 70 *que antre tiniebras pousaban,*
 71 *que antre tiniebras vivían,*
 76 *en todas partes se cria;*
 78 *outros de sangre runxida.*

Sangre, castelhanismo cru, com género feminino, não deixa mais via que mudá-lo por *carne*, o que não me faz feliz. *Carne* dá semanticamente muitas denotações de *sangue*, não todas, e evoca harmónicos diversos. É um caso de tradução a que estamos obrigados. *Rungir* “requeimar, tostar”, só galego, é talvez cruzamento do local *renger* (por *ranger*) com *rugir*, os dous através da acepção “crepitar”.

89 *qu'o mundo da malos pagos*
 94 *em todas partes...* supõe haplologia de *em todas as partes...*

Tirado o apóstrofo nestas elisões, so resta explicitá-lo por didática.

97 *Falás*
 98 *e calquera pensaría*
 135 *dormirés*
 139 *comerés*
 141 *¡Bendito sea Dios, bendito!*

Todo o verso está em castelhano, e cumpre traduzir tentando manter medida, ritmo e colorido vocálico.

4. CANTAM OS GALOS PRÓ DIA

“A cantiga glosada é uma das mais belas e antigas do cancioneiro popular galego, o clássico tema da alva que surpreende os amantes. Rosalia pôde recolhê-la do romance de Pastor Díaz *Una cita*, que a inseriu muitos anos antes.” (F. Bouça Brei, na sua edição dos *Cantares*, Galáxia, 1970)

7 *hastr’as nosas maus unidas*

11 *si ca lingua me desbotas*

Desbotar em português comum é “perder a cor”. Não tem etimologia definitiva, mas em geral tira-se de *boto*. No galego documentado sentese como uma variante de *botar* “lançar, repelir”. Logo parece atinado substituir *desbotas* por *rebotas*, mal que no galego mais recente haja pendor a especializar *rebotar* (que no essencial tem os mesmos significados da língua comum) na acepção derivada “cheirar mal”.

20 *por enriba dos pinares.*

Pinhares, em vez de *pinhais*, é obrigado pelo cast. *pinares* do original.

Com licença, cabe admitir uma forma esporádica de cunho regular.

23 *se mais que a mel eres doce*

27 *vaite d’onda min, meiguiño,*

A respeito da “preposição” *onda*, ver o dito de *coma*, em 3. 7.

33 *que sol’onda ti, meniña,*

42 As condições especiais da língua deturpada que herdara Rosalia impõem o uso do apóstrofo fora dos poucos casos admitidos no Acordo Ortográfico. Outras elisões, sempre esporádicas, solicitam-no. Parece duro grafar *metá* em vez de *meta’*.

45 *qu’ así sorrind’ entre sonos*

46 *coidaba qu’eras un ánxel,*

Aí *anje* vai como alomorfo licencioso de *anjo* para manter a rima.

51 *mais fuge...*

O arcaico imperativo *fuge* vive ainda nos falares galegos.

5. NOSSA SENHORA DA BARCA

Em 1853, aos dezasseis anos e junto de Eduarda, irmã do poeta Pondal, Rosalia assistiu à romaria da Barca, hóspedes do Sr. Leandro Abente, médico da vila de Mogia e tio do poeta. Infelizmente, na romaria as duas amigas contagiaram-se o tifo, morrendo dele Eduarda.

O poema pinta a festa da Nossa Senhora da Barca, no santuário sito na ponta de Xavinha ou da Barca, paróquia de Sta. Maria de Mogia do concelho desse nome. A capela atual data de 1719, construída no lugar da primitiva, talvez dos sécs. XI ou XII. A romaria celebra-se o 2º domingo de setembro (se cai no dia 8, adia-se ao 15). Reúne atos religiosos e profanos numa inextricável síntese de elementos xamânicos, pagãos e cristãos.

(Ângelo Brea)

19 Traduzimos *pranchadiñas* por *passadinhas*.

20 *Relumbrean* pode ser um esporádico *relumbreiam*, tirado de *relumbrar* com mudança de sufixo.

23 ¡*Canta maxesa nos homes!*

Quanto à tradução do castelhanismo *majeza*, a mudança semântica no séc. XIX pode confundir. *Guapeza* (ou *guapice*) ainda era “valentia alardeadora” já com os harmónicos de elegância airosa, em equilíbrio instável, instabilidade que não é o estado arcaico de português e castelhano americanos. Os falares galegos já pegavam a sofrer a mudança havida na Europa.

26 *pinos que os montes ourean,*

Pinos por *pinheiros*, é antigo em galego-português e poderia julgar-se autóctone se se admite que nele vive um adjetivo *pino*, talvez de origem diversa. V. no DCECH, de Coromines, sub *empinar*. Contudo, parece melhor pôr *pinhos*.

27 Trocamos *cogolliños*, irredimível castelhanismo, por *botonzinhos*.

40 *fillas da pagana Grecia,*

Pagana não é *pagã*. Pondo *paganal* mudava-se o ritmo dos acentos. Não há outro que pôr *grei grega*, o que apela à velha acepção “nação” de *grei*, talvez exagerando a aliteração que o verso já tinha.

48 *canto enriva de si levan;*

49 *fillas de reinas parecen,*

Rainha tem uma sílaba demais. Talvez quadrasse destacar a palavra do texto original, mas a ironia a surgir não parece apropriada. A elisão da vogal pretónica é decerto uma licença, mas pode mostrar como curioso título de legitimação (assaz relativo) a circunstância de *Rinha* existir na toponímia, ao menos paretimologicamente, no concelho de S.^{ta} Maria de Oia, Ponte-Vedra, onde uma paróquia leva esse nome. Aí supõem ser o arcaico *reinha*, sentido diminutivo, e fala-se imprecisamente numa que dantes ali se teria retirado.

54 *brancos e cor de sireixa,*

Nos falares galegos ainda vivem as velhas formas *cereija* e *cerei-jeira*.

62 *e pechuguiñas de cera.*

Pechuguiñas não é outro que eufemismo de *peitos*, velados pudicamente no decote com um castelhanismo. Ao cabo da série dos adornos do seio, antes suspeitei tratar-se duma rara joia que Proust esquecera, e busquei em vão. Nessa pedra deveram tropeçar outros leitores e editores. Estes, quer deixam a palavra sem tocar nem explicar, quer a traduzem por *peituguinhas*.

Ora, apesar dalguns léxicos, *peituga* não é lídima palavra tradicional.

Coromines provou o cast. *pechuga* ser um deverbal de *apechugar*, e este vir de **apechiugar* (< **PECTIFICARE*). *Peituga* só pode entrar na língua a título de empréstimo, nunca por via de contrabando, bem que algum parente já velho tenha, como *peitogueira*.

O que fazer? Respeitar o original? Traduzir? Pois que de eufemismo se trata, não parece haver dano. Substitutos perfeitos não há e seriam eufemismos também. O respeito ao génio de Rosalia é o critério final.

- 65 *sayas de vivos colores*
72 *sobre a rumbosa cadeira.*
74 *non hay como tales nenas,*
82 *fire como cen saetas.*
87 *Son as de Laxe unhas mozas...*

Não é tempo de mudar à grafia de *laje*, *lajem* ou *lájea*, aqui topónimo? É certo vir do célt. *LAGEN “folha ou lâmina de metal”, por metonímia “folha de pedra” na Hispânia, “folha de terra” na Irlanda (*Leinster* < *LAGEN S TÍROS). Se couberem dúvidas na etimologia, para fundar a grafia chega o termo ter entrado a fazer parte do baixo-latim *lagna*, com inúmeros testemunhos em toda a história da língua. Suponho que a atual grafia com J se deve ao propósito de simplificar, havida conta da variante *laja*, que não pode escrever-se doutro jeito.

- 88 *Vaya unhas mozas aquelas!*
89 *Soio com velas de lonxe*
90 *quitaselles a monteira,*
106 *e pelas agudas linguas*
110 *anque un pouquiño soberbas*
116 *Quisquilheira* virá do adj. *quisquilhoso*, provavel castelhanismo.

Coromines duvidava este vir do lat. *quisquillae* “bagatelas”. Apesar da incerteza, se *quisquillae* fosse o étimo, o surgir de *quisquilheira* teria melhores títulos.

- 161 *con tanto caraveliño*
164 *que corr’e se sarandea*
170 *con rosquilliñas d’ almendra;*
171 *os de mais alá sandías*
172 *con sabrosas siriguelas,*
173 *mentras tanto qu’ algún cego*
185 *angelinhos* é diminutivo do erudito *ângelo* de que já falamos.

193 *e mentras dormen os homes*
201 *cal nun ceo, polas naves*
215 *choven estonces presentes,*
216 *choven estonces ofertas*
220 *ós pés da sagrada Reina,*

6. FUI UM DOMINGO

Poema de assunto mitológico ou “feérico”. Este, *Acolá em riba, Arinhos, arinhos, ares*, em *Cantares*, e *Gigantescos olmos, mirtos* em *Folhas Novas*, têm assunto pagão, mais ou menos velado ou disfarçado em ingénua mistura sincrética. É paganismo anterior à lei cristã, inconsciente.

O tópico do “moinho, lugar de prazer da gente moça” envolve-se numa viagem fantástica, de notas xamânicas, pré-inquisitoriais, quase de concurso a *aquelarre*, já dos versos de moinheira que inspiraram este poema:

*Fũ ao moinho do meu compadre;
fũ polo vento, vim polo are.
[Esta é-che cousa de encantamento,
ir polo are e vir polo vento.]*

Os de Rosalia são também versos de moinheira, de medida regularizada (nas moinheiras flutua) em eneassílabos, que a seguir veremos nesse arranjo, que Rosalia não quis escolher, talvez para sugerir a velocidade que o verso curto salienta. Assim soa quase como um poema da *Edda*.

Fũ um domingo, fũ pola tarde,
co sol que baixa trás os pinhares,
coas nuvens brancas, sombra dos anjes,
e coas pombinhas que as alas batem
com um batido manso e suave,
atravessando vagas celagens,

mundos estranhos que em raios partem
ricos tesouros de ouro e diamante.
Passei os montes, montes e vales;
passei planuras e soidades;
passei os regos, passei os mares
cos pés enxutos e sem cansar-me...
Colheu-me a noite, noite brilhante
cũa luinha feita de jaspes,
e fũ com ela caminho adiante,
coas estrelinhas para guiar-me,
que aquel caminho só elas sabem.
Depois a aurora co seu semblante
feito de rosas veio alumiar-me,
e vỹ estonces entre a ramagem
de olmos e pinos acovilhar-se
branca casinha co seu pombale
onde as pombinhas entram e saem.
Nela se escuitam doces cantares,
nelas garulham moços galantes
coas rapazinhas doutros lugares.
Todo é contento, todo é folgare
mentres a pedra, bate que bate,
mói que te mói, dá-lhe que dá-lhe,
com lindo gosto fai-lhe compasses.
Nom há sitinho que mais me agrade
que aquel moinho dos castanhares
onde há meninas, onde há rapazes
que ricamente sabem luitare;
onde rechinam até cansar-se
moços e velhos, nenos e grandes,
e, em-que nom querem que alô me baixe,
sem que o soubera na casa *naide*,
fũ ao moinho do meu compadre;

fũ polo vento, vim polo are.

4 De *pinhares* veja-se a nota 4. 20.
6 *ánxeles*. Põe-se *anjes*, alomorfo de *anjos*, por licença
como em 4. 46.

7 *cas palomiñas*.

Metáfora de “borboleta” traduzível, logo castelhanismo inecessário.

17 *Pasin os montes,*

19 *pasin llanuras*

23 *cos pés enxoiros*

29 *e fun con ela*

33 *que aquel camiño*

38 *veu a alumbrarme,*

39 *e vin estonces,*

42 *acobexarse*

44 *con palomare*

55 *mentras a pedra*

57 *mole que mole,*

68 As lutas de que amiúde fala Rosalia é um dos velhos desportos esvaídos com o séc. XIX. As doutros povos atlânticos de substrato céltico têm mais documentação. No espaço hespérico só sei da *luchada* canária, que decerto vem da mesma tradição ocidental. As etapas finais que Rosalia regista notam uma erotização (fundada na arcaica igualdade dos sexos na sua prática, em contraste com a cultura vitoriana do mundo urbano) que aceleraria o declínio.

7. UM REPOLUDO GAITEIRO

É o arquétipo de sedução do que todas se namoram. No estribilho declara seu apetite de dom-joão, matizado com um assomo final de remorso. O tom geral é de evocação histórica com cores costumistas.

São décimas espinelas, de rima *abbaaccddc*, aclimadas em português pelo poeta satírico da Bahia Gregório de Matos (séc. XVII).

2 *de pano sedan vestido,*

Parece o *panos de seda* frequente nos textos medievais. Mas nem o *pano sedan* é de seda, nem alhures há ecos de **saetānu-*, que na fala ourensana de Curros daria um desnasalado *sedao*, e ele põe *sedan*. Catalanismo têxtil? O cat. *sedenc* “de seda” soa [sædɛŋ] ou [sædɛŋk] em Barcelona. Não há apoios para esta construção. Ao cabo cuido o mais provável ser um pano trazido de Sedan, nas Ardenas, pelo que deveria grafar-se *sedã*, como os veículos.

4 *cariñoso e falangueiro,*

23 *todas por el se morrían;*

34 *“Quérote” lle repetía...*

42 *e para xunta de el corrían*

45 *probes palomas, buscaban*

56 *quixo a todas enganar,*

8. QUIJE-CHE TANTO, MENINHA

1 *Quixente tanto, meniña,*

Quixente: As falas galegas notam-se pela nasalização da 1ª pess. sg. do pretérito perfeito dos verbos das conjugações 2ª e 3ª. No séc. XVIII atingia a 1ª: *amein* (*amei*) no P. Sarmiento. A língua antiga e a atual portuguesa não registam o traço, talvez solidário com a nasalidade das formas do pronome pessoal oblíquo trás a 3ª pess. desse pretérito perfeito: *comeu-no*, por *comeu-o*. A analogia em geral tem muito aqui, sobretudo na extensão à 3ª, como prova a circunstância de o galego da montanha lucense não ter o último traço.

A meu ver aqui há uma pasmosa pegada do substrato céltico, a surgir incrivelmente tarde. Agora sabemos que o céltico viveu nos “montanheses” ao menos até o séc. X, e nos Ancares talvez vários séculos depois. No traço não creio que possa ver-se mais que um fianho de um sistema já caduco, que seria a desinência primária -MI, da 1ª pess. da

conjugação céltica antiga. No indo-europeu era a desinência da flexão atemática, no céltico estendida analogicamente à temática. Tal abundância marcava fundamentalmente o sistema verbal. Através do substrato brindaria mais uma prova da incrível persistência do céltico remanente, ainda no galego médio.

Ora bem, a querer refletir-se esse traço da fala galega local, em textos de intenção folclórica, seria útil evocar as velhas grafias -*ẽ*, -*ĩ* e -*ũ* para notar a nasalidade sem dano da imagem da língua comum, mas só nas 1^{as} de perfeito *oxítonas*. Nas *paroxítonas* seria melhor omitir o traço, apesar da firmeza do uso, a favor da língua comum e mercê do pendor fonético a perder o traço.

Altera-se a reintegração do *quijem* local a causa da métrica: “*Qui-jeche...*” sem nasalidade escrita em vez de *quis*.

Che: Cumpre tratar aqui também do traço galego arcaico quase geral na Galiza do estado espanhol. Pela persistência da 2^a pessoa singular, o risco da distinção dos pronomes *te* e *che* tem grã frequência de uso, sobretudo para distinguir *querer* “amar” de *querer* “buscar”. Na Idade Média *querer-lhe bem a alguém* significava *amá-la*. *Bem* primeiro era substantivo e objeto direto, mas pronto se entendeu como advérbio, cf. o it. *ti voglio bene*. Tirso, no séc. XVII, na sua comédia *La gallega Mari-Hernández*, regista o folclórico dístico de versos de gaita galega:

Quero-lhe bem ao filho do crego;
quero-lhe bem pelo bem que lhe quero.

Não é o mesmo *Quero-te aqui às nove* do que *Quero-che de coração*. A distinção é também portuguesa, mas a redução da 2^a do singular mingou radicalmente o rendimento da distinção. Nos falares galegos, o “leísmo” castelhano interfere o sistema, que contudo ainda predomina. A regra é que ao dativo *che* do trato familiar corresponde o *lhe* de respeito, entanto que ao acusativo *te* familiar tem par nos pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* e *se*. Os castelhanofalantes europeus têm dificuldade para aplicar a regra pelas alterações no emprego desses pronomes.

6 *rosa do xardín de Dios, Veja-se a nota 1. 22.*
 9 *falín*
 13 *mentras que ti me escoitabas*
 16 *refrexaban traiciós.*
 19 *décheme un caraveliño*
 20 *gardín*
 21 *¡Negro caravel maldito*
 22 *que me fireu de dolor!*
 24 *j* *o caravel afondou...!*
 26 *como o caravel levou".*

9. CAMPANAS DE BASTAVALES

Cume lírico da poesía rosaliana, em tercetos de heptassílabos. Apesar do étimo latino *vasta valles*, a escrita antiga constante com B-pede abandonar a que pus na edição dos *Cantares* de 1986. Terá paretimologia de *bastar*.

13 *Soio media me deixaron*
 34 *Queixumbrosa e retembrando*
 35 *por antr'e verde espesura,*
 36 *por antr'o verde arborado.*
 38 *por riba da veiga llana,*
 50 *mentras tanto corre a lua*
 69 *baixo a sombra do ramaxe.*

10. VI-TE UMA CLARA NOITE

3 *poñendo as frescas herbas*

O dialetal *ponhendo* vem de **põiendo*, quer dizer de **põier*, variante da antiga forma *põer* com I anti-hiático.

21 *E foron ¡ay!– testigos*
 25 *Pero dempois con outros*
 26 *mais majos e galans*

32 *cabo do romeiral*

Não confundir este *romeiral*, castelhanismo por *rosmaninhal*, com o *romeiral* sinónimo de *romãzeiral*. Aqui trata-se da labiada.

34 *en triste soledá,*

40 *lama fan.*” A forma contracta da 3ª pess. do presente de indicativo de *fazer* é geral nos falares galegos e aqui obrigada pela rima.

51 *poñendo as frescas herbas*

65 *Mais anque dir eu diga.*

Dir está em Cuveiro, Valadares, *Vocab. Popular Galego Castelán*, e a gramática de Carvalho Calero. Sairia regressivamente dos contractos dos futuros de indicativo (*dir-ei*, *dir-ia*), como viu J. L. Pensado. Não normativizável, devo dizer que existe. O infinitivo ressuscita esporadicamente na língua popular. Ouvi-o a minha mãe, de Sta. M.ª de Oia. Lembro tê-lo dito nas aulas de galego de E. Blanco Amor em Buenos Aires; mas nem ele nem os alunos o conheciam.

Aqui se respeita o ritmo do original, com tons na 4ª e 6ª sílabas.

11. SANTO ANTÓNIO BENDITO

Quase todas as estrofes são seguidilhas canónicas, com escassa variação: quadras de hexassílabos e tetrassílabos de rima nos pares, com estribilho de dous tetrassílabos de rima diferente e um hexassílabo livre.

A quadra folclórica de que Rosalia parte tem forma diferente, um hexassílabo e três tetrassílabos, rimados também nos versos pares.

2 *dádeme un home,*

O arcaico imperativo não contracto *dade* tem algum curso nas falas galegas, mas não é geral como quiseram os primeiros intentos normativos isolacionistas. A quadra popular que inspirou Rosalia é que tem a forma arcaica, mas ela no seu poema usa a contracta: 6 *dai-me*,

9 *Dai-mo.*

23 *que zamb'ou trengo*

53 *cal volo pido*

Pudera ficar *qual vo-lo pido* pela existência dialetal da forma verbal mesmo em português, mas não é do espírito da edição, não crítica, mas didático-normativa, num equilíbrio que se sabe quase impossível.

12. ACOLÁ EM RIBA

Hendecassílabos emparelhados, que Rosalia põe como pentassílabos, talvez para sugerir velocidade de vertigem, cf. o fundo “feérico” do poema. A rima emparelhada prova a métrica, aliás ininteligível. A estrofe final, tradicional, requer estudo à parte, na forma e no fundo. A forma difere: são quatro versos de moinheira, escritos partidos, também de rima emparelhada. No fundo, a natureza misteriosa da *meninha morena* não procede dos versos tradicionais, doutro tom, menos fantástico e mais erótico.

Do fundo muito caberia dizer. Aí fala o *animus* de Rosalia. A *meninha morena* é uma fada, amada pelo *animus*. Eis uma das múltiplas ocasiões em que a nossa poeta universal desce às profundidades do inconsciente para resgatar arquétipos. Sem prefabricação nenhuma, que os grandes vultos da psicologia profunda ainda não tinham nascido.

Os tipos itálicos dos versos finais (*eu lha vestira, eu lha calçara*) de todas as edições deveram passar ao resto da estrofe, desde *Ai, se seu pai...* Nela só o desejo do *animus* é disparador da inspiração. A estrofe é folclórica, de tom diverso tocado pudicamente por Rosalia, que altera um original

**Ai, que por tê-la comigo na cama*. A certeza de ser folclórica não chega para mudar a tipografia, ante a intervenção de Rosalia. Urge os folcloristas debruçarem-se aqui. Ângelo Brea comunica outra versão popular: *Que eu lha vestira, que eu lha calçara, / que eu a deitara comigo na cama*”

13 *Xa envolta se mira*

Pela medida nesta edição é preferível substituir *já*, aqui e no 17.

17 *Xa erguida na punta*

41 *Se esconde outras veces*

A lei de Mussáfia não se aplica hoje, apesar de o galego ser arcaico.

- 53 *¡Qu'hermosa parece,*
54 *que chore, que xima;*
56 *disperta, dormida!*

Ângelo Brea atinou no cerzido deste verso, que contém a rima. Chega inverter a ordem dos adjetivos: *dormida, desperta!*

13. ADEUS, RIOS; ADEUS, FONTES

Quadras e quintilhas de heptassílabos. Além da quadra folclórica, o poema tem três partes: seis quadras, depois quatro quintilhas, afinal quatro quadras, as duas últimas escritas como oitava. A rima vai nos versos pares.

- 10 *pinares que move o vento*
Pinhares é variante esporádica de *pinhal*.
20 *(adiós, para sempre, adiós!*
56 *Miña terra, (adiós!, (adiós!*

O arranjo ou tradução parte da locução básica *A Deus me vou*, com ênclise do pronome no nome tónico *Deus*.

14. EU BEM VI ESTAR O MOUCHO

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos versos pares.

- 20 *antr'os toxales espesos,*
Pela métrica acrescenta-se o rípio *mais*.
22 A rima pede o dialetal *famento* (por *faminto*), do ant. *famiento*.

37 *Arrepoinhar* é verbo denominativo de um **arrepoinha*, por sua vez do lat. vulg. **horripilīna* “arrepio, eriçar de pelos”, logo da família de *horripilāre* e *arrepiar*. **Horripilīna* > **arre-peīa* > **arrepoīnha*, com labialização da vogal pretónica e conservação do -P- surdo pelo sentimento de *arre-* ser prefixo.

58 *hastr'ó corazón dereitos.*

Vai *té*, aférese vulgar de *até*, para manter o ritmo.

59 *en el remorsos había*

65 *e ensarrapicada toda*

Cruzamento local de *salpicar* com os prefixos românicos *en-*, *ça-*/
sa- (*sub-* + célt. *stā-* > *tsa*) e *re-*, todos de função ao cabo expressiva.

15. ARINHOS, ARINHOS ARES

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos versos pares.

Não vejo estudos da natureza destes ares, decerto não meros ventos. Têm interesse no estudo do folclore mítico, creio. Dos casos em que Rosalia fala neles deduz-se serem seres míticos espirituais (*ar* = *spiritus*), cabalmente antropomorfizados. Neste caso são bons, e maus noutras, quando servem a definir as doenças da medicina popular.

10 *tal preñada de tormentas,*

11 *tal de soidás preñada,*

24 *tamém traidora se ceiba.*

Aqui talvez se tenha cruzado *cevar* “alimentar” com o *ceivar* “soltar” galego e nortenho. Na dúvida cumpre respeitar o texto.

26 *com'á color de sireixa;*

30 *a miña sangre bebera.*

79 *xa em lágrimas convertida,*

80 *xa em sospiríños desfeita.*

Antes pus *ja* sem acento para a crase com *em*. Será melhor tirar rípio.

101 *antr'as brancas calaveras*

16. ROXINHA QUAL SOL DOURADO

Eis uma das chaves, quase secreta, da identidade galega. Inicia-se num *locus amoenus*, como diz Ângelo Brea, com uma rapariga (Galiza)

que descalça vai lavar os pés à fonte. Fala-se depois no seu canto. A natureza parece participar dele e respondem-lhe os pastores... Mas chegam umas companheiras (outras identidades culturais). Em ouvindo-lhes os cantos, a rapariga sente grã saudade e abandona o lugar. É que as outras a acusam de ser *da montanha*, rústica, de cultura velha e desprezível. Ela, aliás, julga motivo de honra. É o poema da transculturação, que aflige Galiza, com intermitência, de há dous mil anos, nas duas versões do trânsito do céltico para latim e românico (que durou mil anos) e a do galego-português para castelhano, de quinhentos, que ainda podemos reverter.

Estrofes de sete heptassílabos com rima consoante e esquema *abbaacc*, como na redondilha de Camões que inspira o poema, *Descalça vai para a fonte / Lianor pela verdura. / Vai formosa e não segura*. É dado, a meu ver certo, que essa cantiga suscitou em Rosalia a imagem de uma Galiza sonhada, quase inimaginável, soberana, e que dela parte o estro.

Quanto aos versos folclóricos glosados, Bouça Brei diz que os tercetos populares rimam o primeiro verso com o terceiro, e que Rosalia trocou a ordem para ter os dous versos emparelhados necessários no fim da estrofe de sete. Daí a conjectura (não lhe constavam os versos populares) de que o original diria:

Em-que che som montanhesa,
em-que che som da montanha,
em-que che som nom me pesa.

E acrescenta que, ao cantar, virariam-no numa copla de quatro versos, adiantando ao começo o segundo, que é livre.

Em-que che som da montanha,
em-que che som montanhesa,
em-que che som da montanha,
em-que che som nom me pesa.

3 *iba polo monte hermosa.*

É difícil remediar *hermosa*. Substitui-se pelo mais próximo possível.

5 *Copo de neve pousado,*
18 *naide os poidera encontrare;*
19 *naide...*
23 *nos doces lábios a risa;*
24 *auguiña que o vento enrisa, 25 pousaba no fondo en cal-*

ma.

Trás mudar *risa* por *riso*, o único jeito de cerzi-lo foi rimá-lo com *vento riço*, o que elimina a subordinada de relativo e faz de *vento* o sujeito de *pousava*: “aguinha que o vento riçado pousa no fundo...”, em vez de “aguinha riçada pelo vento que pousa no fundo...” *Pousava* passa de intransitivo de *aguinha* para transitivo de *vento*. Que Rosalia nos perdoe, que queremos o que ela.

27 *cimbr[e]ase con folgura.*
29 *Ó par da brisa temprada*
40 *Ó son dos romores vanos*

Perde-se a rima consoante, mas parece melhor *vagos* que *vãos*.

63 *tan amante como hermosa.*
69 *brancas binchas se levantan*

Bincha “borbulha; empola; bexiga” é de origem incerta, parente talvez de *bexiga*. O clássico *vēsīca* não é o étimo das formas românicas, que supõem um *vessīca* também documentado. Ainda há *vensīca*, que precederá a *vessīca*. Ernout-Meillet vinculam ao scr. *vastih* “bexiga” (ie.**wnst-is*) e ao alto alem. ant. *wanst* “pança, barriga” (ie.**wonst-*). Em *vensīca* pode analisar-se *-īca* (que é céltico; ver o que Coromines diz aí), o que deixa a base **wens-*, associável às das palavras sânscrita e germânica. Logo cabe supor outra forma com sufixo diminutivo *-cula* (ou céltico *-TL*), quer dizer, **venscula* (ou célt. **WENSTL*). O grupo *-NSC-* em latim era instável, o que leva a preferir a base céltica. A respeito disso, veja-se a etimologia de *gancho* de Coromines. Quanto ao I tónico de *bincha*, lembre-se o E breve céltico ter sido fechado. Além disso, em data românica

o E tónico travado com nasal final fecha sempre, e ainda mais seguido de palatal.

79 *a olido de primadera,*
80 *y aló na azulada esfera*
81 *fogax de gloria se encende;*

Fogagem de glória que rompe a medida. E a elisão é dura demais.

84 *que ten no peito encravado.*

Encravado concerta com *dor*, aqui masculino pelo castelhano *dolor*. Antes pus *de encravo*. Agora sigo o critério de Ângelo Brea e deixo *encravado*, concertado com *peito*: *a dor do encravado peito*.

97 *pola peniña sin fondo / 98 que hay no corazón abondo.*

Se vai *fundo*, não pode ficar *avondo*, aliás resgatável. *Pôr que tem dela na alma um mundo*, em aposição, é cirurgia dolorosa e desesperada.

99 *Por eso a meniña hermosa,*
109 *e así lles contesta huraña*

Huraña é castelhanismo irremível, a que Rosalia se viu obrigada pela rima difícilíssima. O valor antigo da palavra lá foi “forasteiro”, e depois cobrou o de “arisco, tímido”. Algo do plexo dava certo, mas põe um matiz ambíguo no poema. O repto desafiante dos versos folclóricos glosados é de leve apagado pelo qualificativo. Ora, mudar o que pôs a autora, ainda que seja por tirar castelhanismo, não dá novamente nenhuma felicidade. Só alenta pensar no que ela hoje decidiria.

17. PASSA, RIO, PASSA, RIO

Heptassílabos narrativos com rima assoante nos versos pares.

6 *dis, por dizes, é popular e inevitável na rima.*
12 *e souperas que sofrer*

Vai *carpir*, em vez do original *sofrir*, impossível na língua. Puderam ir *punir, curtir* e poucas outras. *Sentir* está perto demais do *sentiu* próximo. Não é feliz, mas necessário.

30 *pretiño do meu vivir.*

Ao pôr *existir*, pelo castelhano *vivir*, deve sair uma sílaba; optou-se fazer advérbio a locução preposicional *perto de*.

32 *pra ir, meu Ben, unda ti!...*

18. ORA, MEU MENINHO, ORA

A quadra folclórica é uma cantiga de berço. O poema de Rosalia segue a tradição das Cantigas de Santa Maria, frequentada mesmo por poeta em ideias tão distante como Manuel Curros Henriques. Heptassílabos narrativas de rima assoante nos versos pares.

1 –“*Hora, meu meniño, hora,*

Em todas as edições, vê-se o *ora* repetidamente escrito com H, como se fosse uma insólita palavra de sentido obscuro, o que testemunha a crise dos falares galegos. Não é outro que o advérbio *ora*, sinônimo de *agora*, interjecionalizado para acalentar a criatura cheia de fome.

3 *se tua nai vay no muiño,*

Tua nai (e *tua mãe*) é composto, de duas sílabas e um só acento.

12 *cal ubre de vaca cheya*

21 *que soyo, soyo quedaches*

23 *tremando, malpocadiño,*

A interjeição *malpecado!* “mau diabo!”, adquiriu o valor adverbial de “infelizmente”. Nas falas galegas, perdida a memória da interjeição e parcialmente do advérbio, passou a adjetivo, com valor de “coitado”.

24 *com’as ovelliñas treman.*

42 *nacen para tales penas”.*

50 *e os berridos da tormenta.*

53 *A Companha, Hoste, Estantiga* ou *Estadeia*, antes foi de certo bando diabólico e aéreo de longa tradição, como notam os nomes. No contexto cristão *recente* interpreta-se como procissão de defuntos. Mas a especulação cristã popular ocupou lugar similar ao da racionalização materialista posterior, e o fenómeno alucinatório era-lhe independente. Em *The Bible in Spain* de Borrow, há testemunho tanto ou mais importante que os do P. Sarmiento. O mais claro é o do cap. 29, no que o

guia descreve a *Estadea* e depois a explica. Cumpre separar descrição de explicação. “Ergueu-se uma névoa muito espessa. De pronto pegaram a brilhar *acima de nós*, entre a névoa, muitas luzes; ao menos mil. Ouvia-se um chio tremendo e as mulheres caíram de bruços a gritar: *Estadea! Estadea!* Eu também caía e gritava: *Estadinha! Estadinha!*” O guia crê-se obrigado a explicar: “A *Estadea* são as almas dos mortos que andam acima da névoa com luzes nas mãos.” A separação é clara, e a realidade da experiência alucinatória *coletiva* é certa pelo *chio tremendo*, característico de imagens arquetípicas aparentadas (V. *Wotan* de C. G. Jung). Além da racionalização, a cavalgada do bando aéreo diabolico em forma pura vê-se no atestado no cap. 27, *in fine*: “A crermos aos galegos, os *demos das nuvens* perseguiram os ingleses na sua fuga e atacaram-nos a trovões e golpes de água quando pugnavam por remontar as reviradas e alcantiladas veredas de Foncevadão.”

56 *e cas estricadas meigas.*

No galego *estricado* (e o sinónimo *estarricado*) “esticado, esticado” tem valor metafórico de “orgulhoso; que mostra gravidade”, que será o do caso. *Estricar* “esticar” é fruto do cruzar-se *estirar* (étimo fusco qual o de *tirar*) e o ant. *estricar*, erudito medieval para “desenredar (cabos)”. Daí com anaptixe **estiricar* e os dissimilados **esterricar* e *estarricar*.

61 *tal como lexana frauta*

69 *olido de frescas rosas*

79 *e por unha regandija*

Regandija cruza cast. ant. *rehendija* e galego *reganha*.

80 *postrada no chan axexa.*

O galego *axejar* ou, melhor, *assejar* “espreitar” cruzou o sinónimo antigo *asseitar* com *ensejar*.

86 *raios de amor se refrexan*

89 *e porque esté máis contento,*

93 *Xa non dorme en probe cuna,*

95 *cas alas os anxeliños*

97 *nubes de color de rosa*

98 *fanlle branda cabeceira*

Pudera substituir-se o *contracto fan* por *dão*. É mais fiel tirar só o pronome. Das formas *contractas* de *fazer*, vivas no galego, veja-se Helmut Ludtke, no Boletim de Filologia XIV, Lisboa, pp. 317 a 321.

121 *os anxeliños, deixando*

128 *que o seu filliño lle espera;*

19. NÃO CHE DIGO NADA

O dito glosado é uma locução popular de falsa reticência, antes que lúdima cantiga como alhures. É um eneassílabo de ritmo trocaico dividido por reticências, com rima interna. Repetido ao cabo das estrofes, num terço delas muda para decassílabo iâmbico. Pela ambígua medida, suponho melhor dispô-lo em duas linhas escalonadas.

A exclamação *pero vaia!* é dura de entender na Lusofonia; os elementos vêm do castelhano, ingressados no tempo do isolamento: conjunção *peró*, arcaica, virada átona como em castelhano, e interjeição *vaya* [*por Dios*], para despedir um esmoleiro, usada com desprezo irónico, e da que vêm o cast. *bah!* e o galego *boh!* Com hesitação, pelo meu cativo conhecimento das falas coloquiais portuguesas, proporia como equivalência *ora, safá!*, que mantém o ritmo. É-me difícil sentir se reflete o conteúdo expressivo. No caso presente, não é possível mudar muito.

Dessa frase nasce uma sátira de vinte e uma estrofes de oito hexassílabos com rima assoante nos pares. Somado o refrão, cada estrofe traz dez linhas de versos. A pintura dos tipos satirizados é testemunho interessante de uma época e de um lugar.

2 *Aqui pero átono. Nas falas galegas sói manter a oxitonia.*

18 *meniña que anda maja,*

Veja-se nota final 5. 23.

19 *y é probe, malpocado,*

Veja-se nota final 18. 23.

23 *Véxote aló antre os millos,*

A sinalefa entre *alô* e *entre*, em boa pronúncia é dura. Mudar *alô* por *ali* permite uma sinalefa mais fácil de tom menos local.

49 *e dis que as mais non teñen*

Novamente topamos com as formas contractas de *dizer*. Talvez aqui não tenhamos traído Rosalia.

58 Para Bouça-Brei, o original *para non verlle á cara* quer dizer “para não verem-lhe a cara [dela]”, com *ver[em]-lhe* por *mirarem-lhe*.

59 *e fas que non entendes*

65 *dimpois... (por qué, ti o sabes)*

79 *cando me dis que gustas*

89 *pero cóos teus sudores*

118 *e ter caniñas brancas*

134 *dinche que é noite crara;*

135 *xa estando o mar sereno*

136 *che dim que fay borrasca;*

144 *si eres da lonxe Australia,*

160 *y en ter distintas caras,*

170 *ca lingua dunha coarta.*

O castelhano *cuarta* “palmo” deve substituir-se. Pela rima é preciso o neologismo *palma*.

210 *as costumiñas rancias...*

20. MAS AO QUE BEM QUIS UM DIA

Quadras de heptassílabos com rima consoante, o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto. A quadra glosada só rima nos pares.

7 *fanse mais duras as penas*

O contracto *fan* cede ao *dão*, semântica e fonicamente próximo.

11 *fanse mais cortas as risas*

Ver a nota anterior. *Risas* é inevitável.

13 *Que non hay sera tranquila*

Sera “tarde” pode ser regressivo de *serão*, sob o modelo do italiano *sera*. Estava já no séc. XVII. Aqui é melhor pôr *tarde*.

17 *Eu ben sei destes secretos*

19 *que rebolen sempre inquietos*

Inquietos é a única forma portuguesa dicionarizada, mas *inquietos*, par popular ou semierudito, de sons tão próximos, é tradicional e vivo nas falas galegas. Aqui serve a manter a consonância perfeita com *segredos* (o original tem *secretos*, castelhanismo como substantivo).

20 *baixo mil formas estrañas.*

A moderna preposição castelhana *bajo* “sob” não corresponde a *baixo*, só nome. É original difícil de arranjar. Antes pensei na aférese e elipse de *debaixo de mil*: ‘*baixo ‘mil...* Mas era um abuso de apóstrofes.

23 *dos que fan xemer os ventos,*

24 *dos que morden cando choran.*

35 *qu’eran fonte de dolores,*

37 O dialetal e antigo *contento*, por *contente*, deixa-se a causa da rima.

40 O dialetal *gando* é necessário na música da estrofe.

21. CASTELHANA DE CASTELA

Heptassílabos narrativos de rima assoante nos pares. Este e o poema 25, *Castelhanos de Castela*, fazem um par “politicamente incorretos” que o génio de Rosalia vira em género autónomo, invectiva anti-imperialista visceral. Aos castelhanos de bem não agravam, só aos imperiais.

4 *ca procedêcia lle abasta* Parece melhor o inequívoco *basta*. Que não muda nada, nem música, nem métrica, nem significado.

5 *Desime, miña señora,*

9 *pois cando onda vós me achego*

23 *Din que na nobre Castilla*

O *diz que* impessoal pode render o *dizem* que a língua normativa pede.

24 *así os gallegos se trata;*

Assim aos ou *assi aos* têm três sílabas. *Aos galegos assim tratam* é o melhor que imaginamos.

26 *que de tan grande s’alaba,*

34 *Enfouçar* vem aqui a primeira vez. Será de Padrão. Parece metátese de *ençoufar* (e *ençoufiar*), mais frequente (cf. Crespo Poço, de Padrão e Várzea; para A. Otero, de S. Jurjo de Piquim). São “sujar, tisonar, manchar, emborrar”. *Ençoufar* é também “avolver, enturvar”. Se é anterior *ençoufar*, houve cruzar paretimológico com *foçar* e *focinho*. Sem descartar o mero desenvolver de *foçar*, pela labilidade dos sons átonos. À margem do étimo, cabe destacar o grafema Ç do texto. Será derivado do lat. *sulphur*, par do cast. ant. *açulfar* (G. de Segovia, séc. XV) e a *çulfa*, *çulfo*, *çulfe* (DCELCI, 353, 7b). Logo *ençoufar*, base de *enfouçar*, seria “enxofrar, sulfatar” e viria de **çoufo*, vocalização serôdia de **çolfo*, que vai com as formas castelhanas de G. de Segovia e com o italiano *zolfo*. Pois que em português o grupo lat. -*ul-* sói dar -*o-* ou -*u-* (*enxofre*, *doce*, *ensosso*; *mungir*, *cume*) e **çolfo* tem -*ol-*, é coerente supor esse **çolfo* ter vindo de fora em data moderna, quando o L velar ainda podia vocalizar.

Aqui regular fora *enfouçáreis*, mas a rima pede o dial. *enfouçárais*.

36 *no que está débil se ensañan.*

O par castelhano de *assanhar*, *ensañar(se)*, tomou a acepção “encarniçar-se” ausente do étimo, o hápax *insaniare*. Ainda mal, é justo o que está no texto, com matiz de “deleite sádico”. Apesar disso, parece preferível pôr *assanham*.

37 *Pero mais val que enmudeça,*

38 *pois tés condicion de ingrata;*

Talvez Rosalia tinha este *tés* por variação alomórfico de *tendes*; aliás teríamos uma inusitada mudança de tratamento, de 2ª plural para 2ª singular. *Tendes* muda a coordenação, não a música e o sentido.

41 *Si fun curpabre en quereros*

47 *e voume á Galicia hermosa*

61 *baixo a figueira frondosa*

Baixo não é preposição na nossa língua. Veja-se 20. 20.

66 *meigo nos din em voz maina.*

Para manter a música muda-se o sujeito: *meigo nos diz a voz maina*.

68 *nobrisimas castellanas*

69 *olvidareivos sin pena,*

72 *pero non saben ser vanas,*

O arcaico *vãas* foi a opção anterior. Parece melhor *vácuas*.

75 *Déchesmas vós, mi señora,*

Mi señora é caso difícil, vedada a tentação do velho *ma senhora*.

80 *aquel sarrápío que escalda,*

Sarrápío parece da mesma origem de *sarro*. Tem várias aceções; aqui é “saibo acre”.

22. QUERIDINHA DOS MEUS OLHOS

Missiva de um recruta em heptassílabos com rima nos pares.

3 *nesta vila donde adoito*

17 *nos paseamos pólas calles,*

O velho castelhanismo *calhe* “rua estreita” é inecessário aqui.

18 *que era mesmo um adimiro*

Adimiro é forma vulgar anaptíctica por *admiro*. Perde-se o tom rude, mas Rosalia escusa.

19 *de tan majos como ibamos,*

Ibamos paroxítono no original. *Ibamos* ou *iamos* são paroxítonos de tradição latina, mas minoritárias, logo não recomendáveis. Substituiu-se por *andámos*, forma com acento meramente diacrítico, para notar o pretérito, não para indicar abertura.

28 *poido arrincarme un sospiro,*

29 *...ali estaba* deve ler-se com sinérese.

31 *que anque de onda ti partin,*

33 *non vin soyo, miña xoya,*

34 *que ti viñeche comigo.*

41 *e sempre en ti estou pensando,* com sinérese em *ti estou*.

43 *Seique meigallo me deche*

Os galegos *seica* ou *seique* equivalem hoje a *parece-me que*, se afirmativos, e a *acaso...?*, se interrogativos. Ao usá-los para refletir a fala local, será melhor grafá-los *sei-ca* e *sei-que*. É eco da distinção que o

latim fazia entre as conjunções a introduzir subordinadas com verbos meramente volitivos (*ut*) e as que iniciavam as de verbos *declarandi* (*quod* ou *quia*). É traço arcaico galego. O uso extenso só subsistiu nas línguas românicas influídas pelo grego: romeno e dialetos da Itália do Sul (Rolhfs, *Estudios sobre el Léxico Románico*, Gredos, Madrid, 1979, pp. 246 a 249).

- 50 *Como un año recibírao.*
69 *xa nunca mais separarnos,*
70 *xa nunca mais desunirnos!*
89 *solo nós, Rosa, faltamos*
92 *para este dolor que eu sinto.*
110 *de que eu mesmo me adimiro.*
118 *olido deve ficar a causa da rima.*
120 *os palotes que eu escrevo,*

23. ALÔ NO CORRUNCHINHO MAIS FORMOSO

Conto em 39 oitavas heroicas, como as de *Os Lusíadas* de Camões.

- 2 *que a luz do sol na terra alumeara,*
4 *que os campiños do Edén se acompañara;*

Este *Edén* tem a pronúncia oxítone castelhana. Na nossa língua, *Éden* é paroxítono como no hebreu. O caso pede um arranjo possível. O decassílabo camoniano leva o tom na 6ª sílaba, que se logra com o reto regime de *comparar* e o troco do mais-que-perfeito por presente.

- 18 *nunca da louca sociedadá as vaidades,*
43 *mentras no lar o pote sarpullente*
47 *en compañía amigable e farturenta*
59 *nen houbo ali a soberba que envenena,*
60 *nin vano goce, nin fatal tormento,*
66 *que uns ben y outros non mal foran vivindo*
73 *orfo ende que nacera, a sorte triste*
76 *naide na terra se topou tan solo*
77 *de canto en polvo terrenal se viste*

Dous problemas: *polvo* e *viste*, castelhanos por *pó* e *veste*. Pôr aspas ao sintagma castelhano *polvo terrenal se viste* incorporaria uma nota estilística irónica ausente do original.

84 *que entraba polas fendas arresido.*

Arrecido “inteiriçado pelo frio”, só galego, de *arrecer*, documentado

desde o P. Sobreira (séc. XVIII). Para Coromines, de **(ar)rīgēscere*.

87 *que así lle din com bulra non escasa*

89 *En jamás o infeliz decir poidera*

Estranhava a Bouça Brei aqui Rosalia usar esse *en jamás* do que tanto se mofara, como castrapo dos que retornavam à terra. Além da parte que lhe toca aos editores na separação e na ausência do ditongo final, o que aí há é o galego *enjamais*, redução de *endejamais* “ainda nunca”, por sua vez redução de *ainda jamais*, como viu Coromines

93 *nin un pouco de amor, que donde houbera*

Para evitar a sinalefa eis o dicionarizado *adonde*.

94 *pobreza, e soledad e desventura,*

99 *y mais a caridá non se estendía,*

106 *con parsimonia concençada e grave,*

108 *dos que din “Nunca dés do que ben sabe”.*

110 *porque era sobriedá santa e saudabe,*

Rosalia aqui privilegia a música (ritmo, aliteração e *rima*; eis *sau-dabe* morfologicamente mutilado). Nesta edição impõe-se a mesma ordem de valores, não tanto o exato conteúdo semântico, se subsiste algum contacto. *Suavidade* e *saúde* têm-no.

119 *¡Qué ir e vir dende o banco hastra a cociña!*

121 *Frijolada é fricolada* alterada pela proximidade de *frigor*. Por sua vez, *fricolada* é intensificação de *fricol*, adaptação do francês *fricot*. Este nasce no séc. XVIII, e *fricol* aparece em Rosalia.

123 *y unha folliña de laurel cheirosa,*

126 *Sorça (sorsa)* sai aqui. Murguia glosa “adubo”, mas passou logo como o cast. *adobo*, que na América é “carne adubada”. Os léxicos galegos definem: 1º) “chacina, carne de porco picada e adubada

para fazer chouriços”, e 2º) “carne adubada em tarteira para comê-la assada”. O valor primeiro de “adubo” transparece no texto: *raxo* em *sorça*.

Por entender-se o *sorsa* do original ser forma do galego ocidental (que não interdentaliza o S pré-dorsal), a forma em geral dicionarizada foi a homóloga do galego restante, o que interdentaliza, mais prestigioso pelo acordo com o castelhano. Daí escrever-se em geral *zorza* /ʔOÅLR?A/. Na zona compostelana, C. Garcia regista o /SÓRSA/ rosaliano e também /SÓRŠA/. No Ogrove interdentalizante, M.^a do Carmo Henríquez Salido regista /SOÅLR?A/. Nesta última vemos o Z- (?) inicial do *zorza* dicionarizado, que é frequente, ser fruto de assimilação regressiva. Aníbal Otero, no *Vocab. de S. Jorge de Piquim*, põe *zorza* na entrada, mas recolhe a var. /ŠOR?A/ de V. de Tavoada, que escreve *jorza*. Não põe marca de abertura aos O tónicos, dando a entender serem fechados. Aí acusa o peso do transmontano *surça*, que cita de C. de Figueiredo. Este contradiz outros testemunhos e a minha experiência.

As sibilantes das formas galegas flutuam entre três soluções: S prédorsal, ? interdental e S pré-palatal. Para reduzi-las a unidade é preciso partir do S pré-dorsal, algures conservado, alhures substituído depois por ?, enquanto noutras partes passava primeiro a apical e depois a palatal. Logo a grafia *sorça*, já de C. de Figueiredo, será a correta. A forma do Ogrove que interdentaliza (/SOÅLR?A/) e a lucense de V. de Tavoada assinalam claro que no tocante à consoante inicial ainda são frequentes as soluções não interdentais, sem contar as propriamente “sesseantes” e as transmontanas. Às avessas, o Ç interno, cifra de todas as pronúncias, admite qualquer decodificação, “sesseante”, interdentalizante ou africada (como supomos ser a transmontana).

A palavra não é velha na língua. Não cabe a qualificação de “ant.” que de Figueiredo lhe põe a *sorça*; será “desus.”, para notar precedência a respeito do *surça*: os timbres abertos do galego atual são-no menos que os abertos dos falares portugueses, que não sofreram interferências. Ao passar a palavra ao português do norte, o O aberto galego pôde ser interpretado como neutro ou mesmo fechado. Cabe imaginar que o isolamento e uma opinião ultracorreta completaram a deriva.

Também não se vê no galego do XVIII. Pelo que sei, não está no P. Sarmiento e contemporâneos. O labor léxico em campo galego então foi notável. É razoável pôr a origem entre o fim do séc. XVIII e os anos da invenção dos *Cantares Galegos*, que primeiro o testemunham.

Será fruto do convívio de galegos e ingleses nas guerras napoleónicas, empréstimo do ingl. *sauce* /SÕS/ “liquid preparation taken as a relish with articles of food (XIV)”, “piquant addition (XVI)”, que vira do fr. *sauce* “molho” (< lat. *salsa*). Houve aí galegos a aprender algo de inglês e ingleses a aprender algo da fala local. A sequência /-OR-/ em inglês realiza-se [Ō] aberto. Às avessas, o fonema /Ō/ aberto pode ver-se como realização de /-OR-/. Na boca do galego que quisesse falar inglês, o adubo pelo inglês chamado *sauce* /SÕS/, soava /SORS/. Adubos ou molhos há muitos, mas o dos chouriços, de que gostariam os ingleses, havia um só. Daí triunfar o nome específico, retalhando parte do genérico *adubo* (ou do vizinho *molho*). Antes de arraigar adiu o morfema de género feminino, talvez por *comida*, pelo castelhano *salsa* “molho” ou qualquer outra voz feminina afim. Teatro do empréstimo seria algum ponto das Rias, Altas ou Baixas. Depressa terá espalhado produzindo as variações nas sibilantes antes referidas. As palavras emprestadas são regularmente instáveis, de mudança acelerada, fonética e semântica. Assim na Galiza e em Trás-os-Montes. No fonético afetaram-se as sibilantes galegas, por uma banda, e as vogais transmontanas, pela outra.

127 *y a sangre das morcillas sustanciosa.*

Sendo *sangue* masculino, concordamos o adjetivo com *morcelas*, o que não dana o sentido.

128 *en fregada caldeira rebotando,*

Rebotar é mera confusão com o cast. *rebosar*, cruzado com o galego *rebordar*, por *transbordar*, *trasbordar*.

131 *por toda a vecindá se repetía*

135 *solo na chouza de Vidal n’había*

141 *naide á festa do porco o convidaba.*

145 *“¡Ay, quen fora riquiño um soyo dia!”*

146 *Tales eran decote os seus deseos,*

- 150 *Xa era vello Vidal, y os duros ceos*
 153 *nin naide a tal festiña o convidara.*
 159 *ir a dar donde daiba non topaban = ir dando...*
 162 *Mas ay, pícaro mundo, mundo aleive!*

Enquanto palavra viva, não só literária ou jurídica, *aleive* foi substantivo e assim cumpre continuar. No castelhano, da locução *a aleve* (= à *traição*) saiu por crase o adj. *aleve*. A palavra castelhana é a que aí há. Para nós *aleive* é sinónimo de *traição*, donde o adjetivo *aleivoso*. Ora, de *aleive* pode vir a locução *a aleive*, paralela da castelhana antiga, e da qual há algum testemunho antigo. Sobre tal base o verso pode ficar com a mesma música e leve mudar do sentido: *mundo a aleive* vem ser *mundo [afeito a comportar-se] a tração*.

- 177 *trocou dun sopro a temerária sorte.*
 180 *aló de Cais harencia que envidiara*
 181 *o mais encopetado señorío.*
 198 *cal s'ademira d'o mirar tan posto,*
 201 *dinlle que tem risado pelo negro.*
 205 *que nantronte o caris lle retorsía.*
 211 *que entre ximidos e dolores nace,*
 212 *y hastra a hermosura ven cando riqueza.*

A aférese de *até* é obrigada. Frequente no português moderno, também era no galego antigo nas formas bissílabas *tee* e *iêê*.

- 213 *compraze, com E paragógico pela rima.*
 224 *que aló no seu caletre a adiviñara*
 231 *y anque vano nin torpe pensamento*
 232 *contra xentiñas tales meditaba,*

235 *Quinho* em galego é sinónimo de *porco*, nascido talvez da voz para chamá-lo. A tensão do grito dá aférese: *porquinho* > *quinho*. E apócope: *quinho* > *quim*. A economia articulatória fez o trânsito de *quinho* para *quiroy*, como sabem bem os técnicos do canto.

- 239 *ate átono para a crase.*
 242 *(Alabado sea Dios; Dios cho bendiga!*
 243 *¡San Antonio cho garde!"; así escramaban*

254 *o suspiro postrer soa estridente,*

O proclítico *postrer* nunca foi nosso. Sim *postreiro*, castelhanismo antigo e escusado perante *postremo*. Por medida e ritmo cumpre pôr sinónimo bissílabo e oxítono.

258 *O difunto alí está repantigado,*

261 *pero non o chores que a el solo toca*

265 *el dormirá insensible eternamente.*

266 *Non cabe em si Vidal de tan contento,*

267 *o cheiriño do porco lle enlouquece,*

272 *que mesmo quer decir en linguax mudo:*

273 *“Este si que che é un porco repoludo!”*

Alteração clara dos editores. O grã sentido rítmico de Rosalia não admitia *Este si...*, que rompe o decassílabo. Apesar da escola castelhana, sabia isso se dizer *Este é que che é...* Sem entender, mão alheia foi.

274 *Mais co coche Vidal soyo se encerra,*

279 *das voltas que dá o mundo se adimira,*

Ouso tirar a sinalefa em *dá o* e a anaptixe de *adimira*. Ainda bem, pôde manter-se ritmo (acentos 2^a, 6^a, 8^a e 10^a) e medida.

286 *cun varal de morcillas ben cargado*

287 *que a pouco de cargado se rompía,*

310 *mais sempre esta historiña foy quedando,*

313 *muda sole quedar máis de unha boca.*

24. MENINHA, TU A MAIS FORMOSA

Heptassílabos narrativos com rima assoante nos pares, sobre o tradicional tema da “rola, emblema da fidelidade além da viuvez”.

Em geral neste e noutros poemas, o popular *ti* (ou *tu*) faz sinalefa com a vogal seguinte.

1 *–Meniña, ti a mais hermosa*

9 *¿Quén eres,...*

23 *Mais, d’onde queira que seas,*

33 *que con ecos tembradores*

- 39 *mentras ti choras e choras*
 55 *para un dor que non ten cura,*
 59 *y o polvo que nelas mora*

25. CASTELHANOS DE CASTELA

Diz Bouça Brei que a cantiga popular glosada por Rosalia foi publicada em agosto de 1858 em *La Época* de Madrid nesta variante: *Castelhanos, em Castela/ estimai bem os galegos;/ quando vão, vão como rosas,/ quando vêm, como negros*". Fora a incorreção política do racismo, própria de um tempo que ainda não reconhecera a problemática nos extremos do séc. XX, a quadra tradicional é linguisticamente mais correta.

2 O arcaico *tratade* aparece às vezes antes por decalque do cast. *tratad* do que por tradição. Mas aqui, na quadra é tradicional e obrigado.

- 4 *vêm aqui é monossílabico.*
 14 *e saramagos lle deron;*
 16 *peniñas por alimento*

Vai-se a rima entre aquele *deram* e este *alimento*, mas é melhor que perder a força expressiva da quadra. O mesmo nas quadras vv. 49-52.

- 23 *qu'está de dolor ferido,*
 25 *Morreu aquel que eu quería*
 26 *e para min n'hai consuelo.*

Transparece o sintagma folclórico do castelhano *para mí ya no hay consuelo*. Cabe traduzir ou destacar nos tipos. O destaque acresceria uma nota expressiva que o original não tem e que enervaria o verso. Se quadra verter, tem-se que dar com a palavra que verta *consuelo*.

Sossego dista de perfeito, mas não sei de nada melhor.

- 28 *a mala lei que che teño.*
 32 *qu'ir a pedirvos sustento.*
 36 *dádesllo envolto em veneno.*
 40 *con un caudal de despreços.*

44 *tratádelos como negros.*

A atualização morfológica atenua a incorreção política, que, repito, não era igual então. De passagem alitera-se.

49 Eis a versão do *Álbum de la Caridad*. As edições posteriores põem

En trós de palla sentados, versão que cabe duvidar fosse a de Rosalia. *Trós* “assentos” não existe; é um hipervernaculismo dos que pululam nas falas galegas modernas (nos registos escritos). Certo o hápax *trõo* vir nas Cantigas de Santa Maria, mas decerto não passará de licença versificatória, como prova os pares românicos serem sempre vozes eruditas, bem que regularmente antigas. *Trono* “assento” aparece inúmeras vezes na língua antiga e continua a ser a só realmente viva. Menos existe o *trós* “feixe, molho” que pegou a correr nos dicionários a partir de uma má leitura da segunda versão. Também não cabe confundir *tronos* “assentos” com o aberrante *trono* “trovão; trom” que no galego dalguns decalca o cast. *trueno*.

50 *sin fundamentos, soberbos,*

A rima perde-se nesta edição. Veja-se os vv. 14 e 16.

61 *Solo peçoñosas charcas*

62 *suelo*, por de Castela, pode ficar com destaque. Traduzir não é fácil.

68 *de prantas cen semilleiros.*

69 *Nin arbres que che den sombra,*

77 *En verdad non hai, Castilla,*

82 *¡Nunca tal houberas feito!*

87 *por seco polvo que nunca*

89 O pronome oblíquo é traço galego em *onde a mim*, grafado usualmente *onda mim*.

90 *sin dor do meu sentimento,*

A reintegração plena pede rima assoante em EA nos versos pares.

91 *y aló a vida che quitaron,*

Em boa medida este texto seria octossílabo (eneassílabo castelhano).

92 *aló a mortíña che deron.*

Ver o verso anterior.

94 Ver nota do v. 26. Não há tradução perfeita, mas *sossego* recobra muito do campo significativo e expressivo do cast. *consuelo*. Aliás, *sossego* difere semanticamente do homólogo cast. *sosiego*.

98 *farto de dolor o peito,*

A GAITA GALEGA

5 *que ante de min cruzar vexo*

12 *que cán nas tembrantes ondas;*

13 *en vano baila contenta*

17 *que eu podo decirche*

28 *donde o ben de Dios rebota*

29 *e dond'anxiños hermosos*

33 *grilós de ferro arrastrando*

34 *antre sorrisas de mofa,*

44 *fráxiles, tristes e soias,*

46 *aló nunha mar traidora.*

Mar nunca é feminino na língua e poucos sinónimos deste género há.

60 *cando eres, (ay!, tan hermosa.*

64 *nay sin corazón se noma.*

Noma decalca o cast. *nombra*, quer dizer, *nomeia*. Cumpre substituir.

67 *naide os teus prantos enxuga,*

84 *mais é unha esperanza louca;*

88 *c'á cruz qu'ó seu lombo agobia,*

98 *de amargas penas tan fondas.*

102 *se acorda concorda elipticamente com cantar.*

108 *verás que che di en resposta*

26. VEM-TE, RAPAÇA; VEM-TE, MENINHA

Como outras vezes (v. g. no primeiro poema) seguiríamos a sugestão de Carvalho Calero de editar estes versos como o que são: *quase* todos de moinheira ou gaita galega, com cada hemistíquio escrito como um verso. Mas o *quase* determina não tocar a decisão de Rosalia. Aí copila frases folclóricas e fórmulas infantis merecedoras de estudos monográficos.

4 *no pilon da fontinha*

É forçoso deixar o castelhano *pilom* em estado cru? Bem pode ir aqui o desusado *pedrão*. Mudado para *padrão* e especializado em aceções particulares, ficou disponível e não vejo razões que tolham aplicá-lo.

38 *a que Antona te peite;*

Obrigado pela rima, *peite* parece decalcar o cast. *peine*. Logo o correto seria o geral *penteie* ou o dialetal *peiteie*.

Mas suspeito que, na difusão de *peitear*, e deste **peitar*, o que há é o resultado final nos falares galegos do *peitar* “pagar (tributo, suborno)”, que, debilitado como *pagar* em “satisfazer”, veio fundir-se com *peitear* “pentear”. *Peitear* acantou *pentear*, bem documentado na Galiza, e *peitar* “satisfazer” apagou-se sendo “satisfazer penteando”.

Ao cabo, o melhor será deixá-lo como está e interpretá-lo assim: *Corre a que Antona te peite, que te brinde a satisfação do penteado*. Não é obstáculo hoje no português geral *peitar* ser “pagar suborno”.

62 *¡Non me teño ca risa!*

66 *fricol* vem do francês *fricot* “guisado”.

69 *quês*, forma popular por *queres*, está em Gil Vicente.

73 e 74 *–¡Turra, turra, / Xan, pola burra!*

M. L. Wagner alumiou as obscuras relações do galego *turrar* “pu-xar, atrair para si” com o português geral *turrar* “bater com a testa”. Para abreviar diga-se na base estar o vulg. **torrãre*, por *torrêre* “ressequir”. *Tor-rar*, além da acepção principal, cobrou provavelmente a de “atordoar(-se) pelo sol”, depois simplesmente “atordoar(-se)”. Disto testemunha o castelhano de Berceo *turrado* “atontado”. O vocalismo, propagado desde as formas átonas, não é problema. Ora, há uma explicação do silêncio posterior das fontes e da dispersão semântica. *Turrar* “atordoar” (o U mos-

tra a desvinculação com *torrar* “ressequir”) era voz de vilões, aplicada às suas lutas, desportos isentos de qualquer prestígio e logo indocumentados. Variantes americanas das lutas populares, ainda mal vistas, têm o lance importante do golpe de cabeça, aplicado prendendo o adversário e puxando-o violentamente. Eis os dous aspectos do lance separados, “atordoar o adversário batendo-o com a cabeça” e galego predominante “puxar, atrair para si” (“investir de cabeça” também se usa). Falta encher o vazio dialetal: eis o platino *atorrante* “vagabundo, que vive sem trabalhar”, de *atorrar* “estar quieto”, canário “id.”, salvadorenho *aturrado* “tolhido, impedido”, que como diz Coromines, abonam uma palavra americana dos falares hispânicos ocidentais.

76 O galego *apurrar* “açar” é irmão de *empurrar*, cuja acepção prima, antes que “empuxar”, é “impingir, obrigar a aceitar”. Os dous vêm do lat. *porrigere* “estender (adiante)”. O asturiano *apurir* “alcançar (ao que é distante)” regista a mais velha forma românica. Daí os metaplasmos **apurriar* e **empurriar*, donde os atuais *apurrar* e *empurrar*. Para “açar” em galego registam-se, entre tantos, *apupar*, *enriçar* e *empurrar* (que também é “impingir”).

85 *Churro* e *churdo* têm igual origem pré-romana. Coromines assinala o rumo, mas freia a pesquisa a incerteza do exato sentido original: “ruim”?, “sujo”?, “tostado”? O que pode dizer-se com segurança é que o étimo teria a forma *TSURRO-, de R geminado, não múltiplo.

87 *Cás-qui-tó!* serve para afastar porcos. *Cás* reduz o freq. *cache!* ou *coche!*, que também serve para chamá-los. *Qui* e *quim* são reduções do já visto *quinho*, logo vocativo, e *tó!* serve em geral para deter qualquer animal (ovino, bovino, suíno ou cãida).

90 Na edição anterior preferi grafar *çurinha*, influído pela história dos pares castelhanos: *çurita-zurita*, *çurana-zurana*, etc. Além do vínculo histórico dessas palavras e aquém da incerta etimologia, ora é claro que quadra grafar com S-. *Surinha* é singelamente o adj. *suro*, -a “sem rabo ou cauda”, sem par conhecido no castelhano histórico, que só tem derivados especiais. As *surinhas*, de cauda cortada, são as que, tolhidas de voar, só podiam ser domésticas.

98 *que o peixiño lle gusta!*

Gusta é castelhano inaturável. Parece agora melhor perder a rima e substituí-lo pela forma *gosta* com o regime próprio.

108 *nudo* (por *nó*) mantém-se pelas razões de 26. 49.

117 (*Malo de aquel...*

125 Para Coromines *isca* viria do lat. *exeat*, de *exīre*, com par provável no catalão. Do imperativo *exi* veio *exe* no cast. ant. e parece haver galego *is*, com abonações insuficientes.

132 *Cas*, redução proclítica de *casa*, abundou no séc. XIII e continuou a existir ao menos até o séc. XV nos textos formais. Popularmente perdurou, na Galiza e no Norte. Tal qual dantes, hoje pode ou não levar *de*: *ir cas da mãe* ou, como neste caso, *ir cas a mãe*.

27. QUANDO A LUINHA APARECE

14 *que tocan en sons de morte,*

Perde-se o cavalgamento, mas melhor verbo rege *em sons de morte* e abre-se o espaço deixado pelo anómalo *din*.

15 *y ó coraçon din: "N-olvides*

20 Vai *relozem* (no original *relosen*) pela rima OE, apesar de *reluzir* não alternar vogais. Mesmo nos falares galegos o normal é *relu-*
zem, sem prejuízo da presença analógica de *relozem* nalgum caso.

21 *Aló as montañas confusas*

25 *En vano miro e máis miro,*

26 *qu'os velos da negra noite*

29 *¿Qué fas ti mentras, meu ben?*

30 *Dime dónd'estás, en dónde,*

55 *¡Que este é o pago, desdichada,*

57 *Mais ¡qué importa!, ben te quixen...*

58 *Querreite sempre... Así compre*

61 *Aí téis o meu coraçon,*

Há uma sílaba demais. Em quadra folclórica cabe, teoricamente, pôr mão e regularizar com cá em vez de *aí*. No ambiente prosódico castelhano, Rosalia (ou os editores) não notaria o pormenor.

64 *tamén si ti o matas, morres.*

28. COMO CHOVE MIUDINHO

Anterior a 1862, como todos os da primeira edição do livro, é também o último dos seus grandes poemas líricos, além dos folclóricos ou nacionais. Foi escrito em momento crítico, para fins do verão de 1862, em Lestrove, nas *Torres da Ermida* da tia Maria de Castro (avó materna de Alexandre Pérez Lugim), onde se retirara trás a morte da mãe, a 24 de junho desse ano. A voz que fala é a dela mesma sem disfarce nenhum. Com projeção romântica, na paisagem lê seu passado, partindo da quadra popular que fala no seu torrão. Diz Bouça Brei, “a cantiga glosada é bem popular no vale de Padrão, ainda que mais correta que a rosaliana é a versão que diz: *pelas branhas de Lainho*, não só por ser menos monótona mas porque põe Lainho “pela banda de Lestrove”, como é certo”. Mais exata sim, mais monótona não, com o seu melancólico paralelismo.

Como chove miudinho, / como miudinho chove;
pelas branhas de Lainho, / pela banda de Lestrove.

Mas a sua grandeza estriba, como diz Poullain, em que do entorno somente parte. Às vezes, o pretexto da paisagem não serve a descrever o estado de ânimo, mas para contrastá-lo. O orvalho galego, em Santiago triste, em Padrão é alegre nas primeiras estrofes (vv. 16 a 25). Mas já vêm memórias melancólicas. Uma nuvem veloz confunde-se com a memória da mãe, sem se saber quando duma passa à outra, para cair na conta da identificação no verso 46. Depois, torna a pintar a paisagem em intuito objetivo, e a animação que lhe imprime atinge alto grau poético, novamente comprazido. A terra própria é consolo e encanto. Mas a terra é mãe, e torna a evocar-lhe a carnal. Foge da melancolia na memória do

amor, e reverte a memórias infantis gratas. Na casa dos avós volve para a mãe (*viuvinha abandonada, amazona malferida*). Tempera a dor com o orgulho de um idealizado passado familiar de virtudes modélicas, o que acaba por trazer o recorde da sua decadência, em acentos grandiosos, que têm importante chave de interpretação no popular e doestado romance *A Casa da Troia*, de P. Lugim, seu parente por parte de mãe.

O poema, como uma sinfonia, entrecruza motivos diversos, e conclui com um hino à luz, rubricado com um *arco de íris* que ao cabo quer significar o retorno da paz.

Além da quadra folclórica modulada, o poema consta de 44 quintilhas de heptassílabos com rima consoante, aqui difícil de manter, de esquema *abaab*.

6 Não se pode manter a rima consoante sem trair o sentido do original. Isto hoje não é tão crítico como seria no tempo da autora. Em vez de *abaab*, teremos *abccb*, sem grande dano.

7 *truba o sol que inquieto aluma;*

Aluma decalca o cast. *alumbra*, mas não existe. *Alumbrar* é castelhanismo que entrou na língua geral há tempo; logo cabe recorrer a ele.

8 *cal o crube y o descrube,*

9 *pasa, torna, volve e sube,*

13 *desteñida, sombrisada,*

23 *en frotantes ondas pasa.*

29 *os herbales de Laño!*

O adj. *ervados*, algo incidental, quadra pela medida e o ritmo.

32 *ceo azul lose na Adina,*

De novo a alternância vocálica a invadir analógica e modernamente, os verbos em *-zir*. Tem remédio fácil, sem dano, adindo E paragógico ao normal *luz* (3ª sg. de pres. de indicativo de *luzir*).

47 *de mi máa, soya vagando*

Mi má é castelhano da Galiza, a língua de Rosalia com a mãe. O que nota a fundura do ponto de partida quando decidiu virar. O cancro que a levou é a lazeira desesperada da língua na Galiza do séc. XIX.

Lídimo é *mamãe*. Restitui-lo? Deixar o testemunho em poema de certo autobiográfico? A etimologia pode guiar. Há poucos estudos e a documentação não é antiga: Moraes, 1813. Hoje *mamãe* é brasileiro e galego. Em Portugal a forma é *mamã*, que, apesar de Machado, cuida vir do fr. *maman*, que no castelhano também levou a substituir, no séc. XVIII, o velho *máma* pelo atual *mamá*.

Na língua infantil, prima articulação é *má*: abrir a boca deixando ir o ar por aí e pelo nariz, e vibrando as cordas vocais, quer dizer, oclusiva labial sonora, oral e nasal, e vogal máxima. Esse som vira signo ao associá-lo o infante à primeira pessoa que conhece, a mãe. Assim nas mais das línguas: daí indo-europeu **mātér* e latim *māter*, com sufixo doutra origem. Do latim veio-nos *madre*, hoje acantado a aceções particulares. Aí de novo influiu a língua infantil (não de infantes, mas de falantes incipientes) ao reduzir *madre* a **ma'e*. Ditongado e nasalado, isto chega a *mãe* já antes do séc. XIII.

Diz-se *maman*, *mamá* e *mamãe* virem da fala infantil por duplicação. O cast. *mamá* é o velho *mama* (lat. *mamma*) influído no séc. XVIII pela forma francesa. *Mamãe* será outro. Não é o lat. *mamma* (haveria eco, sem documentos; é geral na România), e o ditongo não é francês. Ser brasileiro e galego (*mamaí*) é indício de antiguidade medieval. A meu ver, virá duma forma nova, o medieval **ma mãe* “minha mãe”, com possessivo proclítico átono e reduzido: lat. *mea* > *mia* > *mha* > *ma*. **Ma mãe* foi *ma-mãe* ao desaparecer esses proclíticos átonos.

Mi má não seria outro que a tradução ao castelhano da Galiza de **ma mãe*, cuja análise foi consciente longo tempo. *Mi* é claro; *má* adequa *mãe* tirando-lhe o ditongo. Isto antes de *mãe* ser substituído no oeste galego pelo dialetal *nai*, cruzamento com *nana* (Coromines). Se esta fosse edição crítica, deixar *mi má* seria obrigado. Mas sendo de clássicos da língua, os valores da língua e da palavra poética primam.

- 52 *revolvendo o seu ramaxe,*
53 *que por bon do Rey se nombra.*
55 *roge e estala de coraxe.*

Em boa prosódia excede a medida.

61 *Vexo Valga á beira hermosa*

66 *A San Loys vexo brillando*

71 *Y a Padrón,...*

73 *froita en frol da que eu quixerde,*

Bem que se dane a rima consoante, *quixerde* não existe. Sem trair a autora, só cabe adir E paragógico a *quiser* para atenuar a mudança.

75 *baix'un manto de resío.*

80 *Palomiña, (voa!, (voa!*

Acerca de *palomiña*, veja-se 6. 7.

83 *que nas da arboleda umbría*

84 *Vaixo un toldo d'alegría,*

87 *¿Ti paisax mellor alumas? Ver o dito no verso 7.*

100 *quen baix'o seu céu se crobe!...*

105 *por quen fóno amamantados.*

113 *O teu chan de amor prefiero.*

Em vez do cast. *prefiero*, é legítimo pôr a equivalência coloquial de *preferir*, que é *querer mais*: *mais quero*.

117 *nun paisax de prata e rosas,*

Aqui é preciso substituir *de prata e rosas* por uma aposição.

122 O ant. *campã* vive em Sárria (Crespo Poço) e no dim. *campainha*.

125 *que en xamais podrán ser vanas!*

162 Com dó pomos *cavalheiro* em vez do *cavaleiro* que o corpo pede.

164 *vaixo os priegues d'o seu manto,*

165 *cobexaba ó pordioseiro.*

167 *ressoavam*, como *semeavam* em 170, é aqui voz trissílabas.

169 *rico fruto da semilla.*

Não se pôde manter a rima em *-ela*.

187 *qu'a trubar naide alí chega,*

193 *Mais detrás dun son tan vano*

200 *neste mundo de dolores.*

- 202 *que de aqui tan soya miro,*
205 *Ti xa n'és mais que un sospiro!*

29. MINHA SANTA MARGARIDA

- 13 *xilmendo.*

O P. Sarmiento traz *gil-mendo* e *gil-mendo*, paretimologias dos nomes *Gil* (proclítico de *Egídio*) e *Mẽendo*, *Mendo* (de *Hermenegildus*). É paralelo botânico de *meimendo* (*milimindrum* em S. Isidoro). Logo é provável étimo **silimindrum*, pré-romano céltico, antes **silomindron* “fruto da pevide, da semente”. Sendo pêssego, fruto que a tem de grã tamanho, a hipótese não parece fantasia. Mas, ao ser etimologia incerta, deve respeitar-se a grafia do P. Sarmiento, única de certa tradição.

- 25 *Solo a Virxe é mais hermosa*
26 *qu'eres ti, bendita Santa,*
37 *Onda ti, lonxe do mundo,*
42 *tan bom aire se respira,*

30. ALVORADA

O intuito de sugerir graficamente a música da *alvorada* vela haver, sob o arranjo gráfico, uma estrutura métrica diversa da impressa, velada mas nem por isso menos real. A música das *alvoradas* é folclore fixado e pareceria prestar pouco sugeri-la, salvo a forasteiros. Ora, alterar nas três estrofes críticas a disposição que Rosalia pôs seria traí-la. A cadência sugere um balanço, uma ênfase de solene conjuro mágico. A 1ª estrofe pode ver-se assim, com três heptassílabo e um tetrassílabo.

Vai-te, noite, vai fugindo.
Vem-te, aurora, vem-te abrindo
co teu rosto que sorrindo
a sombra espanta!!!

A 2ª, trás um cavalgamento na rima, sete pentassílabos:

Canta!,
passarinho, canta
de polinha em pola,
que o sol se levanta
pelo monte verde,
pelo verde monte,
alegrando as ervas,
alegrando as fontes!...

A 3ª alterna quatro heptassílabos e três monossílabos:

Canta, passarinho alegre,
canta!
Canta porque o milho medre,
canta!
Canta porque a luz te escoite,
canta!
Canta que fugiu a noite.

A 4ª tem treze trissílabos e um monossílabo:

Noite escura
logo vem e
muito dura
co seu manto
de tristura,
com meigalhos
e temores,
agoireira
que é de dores,
agarimo

de pesares,
cobridora
em todo mal.
Sal!...

Na 5ª há catorze trissílabos:

Que a aurorinha o
céu colora
cuns alvares
que namora,
cum semblante
de ouro e prata
tingidinho
de escarlata.
Cuns vestidos
de diamante
que lhe borda o
sol amante
entre as ondas
de cristal.

A 6ª, quatro heptassílabos e três tetrassílabos alternados:

Sal!... Senhora em todo mal
que o sol já brilha
nas conchinhas do areal;
que a luz do dia
veste a terra de alegria;
que o sol derrete
com amor a escarcha fria.

A 7ª é de três heptassílabos e um trissílabo:

Branca aurora vem chegando
e às portinhas vai chamando
dos que dormem esperando o
teu fulgor!...

A 8ª, um monossílabo e sete heptassílabos:

Cor...
da alva boa lhes estende
nos vidrinhos carinhosa,
onde o sol também suspende,
quando alô no mar se tende
de fogaj' larada viva,
depois leve, fugitiva,
triste, vago resplendor.

A 9ª é complexa. Rosalia, pelo ritmo rápido que quis sublinhar, pôs versos curtos: 4 bissílabos, 2 pentassílabos, 1 hexassílabo, 2 heptassílabos, 6 trissílabos, 2 monossílabos e 1 tetrassílabo. Mas além do ritmo, pode haver outros metros. Respeitando a vontade da autora, cabe ver possibilidades:

Cantor dos ares, passarinho alegre,	- decassílabo de gaita galega
canta,	- monossílabo
canta porque o milho medre;	- heptassílabo
cantor da aurora, alegre namorado,	- decassílabo de gaita galega
às ninas diz-lhe que já sai o sol dourado,	- dodecassílabo de gaita galega
(ou às meninas diz-lhe que já sai o sol dourado	- pentassílabo e heptassílabo
que o gaiteiro bem lavado,	- heptassílabo
bem vestido, bem penteado,	“
da gaitinha acompanhado,	“
à porta está!...	- tetrassílabo
Já!...	- monossílabo

Na 10ª estrofe (penúltima; 4ª da segunda parte) cabe ler os versos tanto como sete heptassílabos quanto como catorze trissílabos.

A 11ª tem quatro dodecassílabos ou alexandrinos românticos:

Arriba todas, rapazinhas do lugar,
que o sol e a aurora já vos vem a despertar!
Arriba!, arriba!, toleirona mocidá',
que atrujaremos, cantaremos o ala...lá!!!

- 31 *agoreira*
32 *de dolores,*
39 *cuns arbores*
71 *d'alba hermosa*
75 Na métrica que aqui vê tribissílabos, é preciso separar
também.
79 O mesmo em *larada*. E apócope de *fogagem*.
93 Se sob as *meninhas* se agachasse *nenas* ou *ninas*, a linha
às *ninas diz-lhe que já sai o sol dourado* seria um verso longo de gaita
galega.
116 *Ruar* “andar na rua a divertir-se ou cortejar” desde Sobreira,
XVIII.
123 Divisão pela música: *que atru-/jaremos*, Sem acento não
é verso.

31. EU CANTAR, CANTAR, CANTEI

- 3 *que nunca (delo me pesa)*
7 *cal fan aqués que non saben*
O *aquês* do original é forma popular de *aqueles*, esporádica e
analógica. Em Portugal às vezes na forma *aqueis*.
11 *fun botando as miñas cántigas*
Onde a tradição da palavra *cantiga* se perdeu, houve confusão
paretimológica, na Galiza frequente nos escolarizados. Mas é certo existir

cântega, palavra semi-erudita e ao cabo paretimológica. A documentação é de fins do séc. XIX (Valadares).

22 *da terra as prantas hermosas,*

23 *as niebras de cór sombriso*

31 *Esto e inda máis, eu quixera.*

Na leitura rígida sobra uma sílaba.

37 *que ás veces por fora ún canta*

O pronome indefinido *um* é menos frequente que *uma pessoa* para aludir em 3ª pessoa ao sujeito que fala. Mas a frequência no castelhano invade as falas galegas. Aqui rompe o ritmo dos acentos.

38 *mentras que por dentro ún chora.*

32. MINHA SANTINHA, MINHA SANTAÇA

Quase todos eneassílabos de gaita galega, pareados no poema de Rosalia. No original cada hemistíquio numa linha; aqui põem-se os dous numa.

11 *Así a meniña traballadora*

Na encruzilhada de deixar *assi'* ou substituir *meninha*, opta-se pelo segundo, menos irregular e mais atual.

12 *os punteados deprende hora.*

É ocioso manter o hiato que produz *ora*, remediável com *agora*.

17 *boca de reina, corpo de dama,*

Se se quer evitar o castelhano *reina*, não há outro que fazer *rainha* um ocasional determinante ou adjetivo.

18 *cumpre-lhe depende de corpo; fogem, de costureiras.*

19 – *¡Ay, rapaciña, ti tél-o teo:*

Mantém-se a assimilação do verbo com o artigo em *ti té-lo teio* para destacar a música da frase folclórica. Noutro contexto quadra grafar *tu tens o teio*. *Teio* “doença neurológica de ovelhas e cabras que lhes faz dar voltas e cair”. Metaforicamente “arrebato alucado das pessoas passionais”. Como se disse, *Tu tens o teio* é frase cunhada que, na forma local *ti tê-lo teio*, entra em cantigas populares, como

Meninha, ti tê-lo teio;
dormes fora muitas noites
por causa do parrafeio.

20 Aqui e alhures Rosalia repete locuções populares de duplo sentido: *Se é das que dormem entre o centeio e sedas que dormem entre o centeio*. Bouça Brei hesitava como grafar. Optou *sedas que dormem entre o centeio* pelo paralelo dos seguintes versos, lama e seda limpa. Outro é a questão do timbre aberto de *se é das...* perante o fechado de *sedas*. Além de certas perdas do sistema fonológico no galego médio, ainda está em debate como o lat. *saeta* pôde dar *sêda*.

25 sos do original é a forma contracta popular *sôs* (por *sois*).

26 *decindo cousas que fan ferida*.

Não é evitável a forma contracta *fan*, que grafamos *fã*.

27 *Falaime solo das muiñeiras,*

29 *de aqueles puntos que fan agora*

34 *que andar rachada no-o mando Dios.*

Deôs é alteração por licença do tom do arcaico *Deos* bissílabo.

40 *rouboumo un majo da faltriqueira,*

Outra vez *guapo* pelo castelhano *majo*.

43 *Costureiriña que a majos trata!*

45 *Mocidá rindo, vellez chorando...*

49 *–Deixade as herbas, que o que eu quería*

51 *¡Y ali com aire dar cada volta!*

55 *Non vos metades pedricadora,*

58 *facede os puntos, y eu adeprendo.*

60 *Miray que o pido chorando a mares.*

64 *os enemigos faranlle espanto,*

68 *tanto truara nas romerías,*

Truar “divertir-se” aparece aqui, e daqui parecem tirá-lo os dicionários. Será cruzamento de *ruar* com *truão*.

72 *quen che deprenda tan mala ley.*

Deprenda “ensine” é trissílabo

33. DISSE-ME ANTEONTEM O CURA

Poema de estrofes complexas. Parecem ser de três heptassílabos e um trissílabo ou tetrassílabo, este como segundo verso. A razão do arranjo é que há quatro rimas nas estrofes: *abab*, diferentes em cada uma. Mas na verdade, o primeiro heptassílabo e o seguinte verso curto compõem um hendecassílabo, como nota a oscilação do curto entre trissílabos e tetrassílabos. O arranjo gráfico é convencional e direito inalienável da estética da autora. Para respeitá-lo, pomo-los em linhas diversas, mas na posição que ao curto lhe caberia se fossem juntos.

1 *Díxome nantronte o cura*

O *nantronte* original cruza *noutrontem* com *antontem*. O *noutronte* dialetal, sem nasalidade final, foi a primeira ideia.

5 *Dalle que dalle ó argadelo,*

No original *argadelo* rima com *naquelo* do v. 7. *Argadilho* e *naquilo* guardam a rima. *Argadilho* é homólogo do cast. *argadijo*, entanto que *argadelo* é par do cast. *argadillo*.

10 O dialetal *cunca*, por *conca*, é preciso pela rima.

12 *din que acaba tarde ou nunca.*

Com *diz* não se perde música, mas vai-se parte do carácter pessoal.

13 *Canto mais digo: “Arrenegado!”*

Quanto mais é alteração certa dos editores ao não entender a sintaxe; não é heptassílabo. O finíssimo ouvido de Rosalia nunca cai nisso.

17 *Mais ânsias teño, mais sinto,*

22 *a verdá digo,*

24 *como m’atenta o enemigo.* A leitura literal adiria uma sílaba. Sob o texto escrito transparece o virtual com o galego popular *nemigo*, de cunho arcaico.

29 *Nin podo atopar feita,*

33 *Din que pares lagarteiro*

35 *se é verdá, jmeu lagarteiro*

48 *enriba da herba mollida.*

Foi preciso pôr voz trissílaba que rimasse em *-ida*. Porque *mollida* é o castelhano *mullida*, do verbo *mullir* “amolecer; afofar”. No galego há só rastros do lat. *mullire*: os substantivos *molida*, *molido*, são diversas almofadinhas. Mesmo há *molir* verbo, mas só é “pôr calço entre os silhares da construção”.

52 *como brisa mareeira. Mareeira* está pelo adj. *mareira*, trissílabo.

69 *Mentras que assí o contempraba*

70 *rebuleu*

83 *dixen: “Se ele non me namora,*

87 *Mentras o meu coraçon*

88 *quérelle anque sea pecado.*

93 *E que queira que non queira,*

95 *y á postre y á derradeira.*

A locução adverbial *a la postre* é só castelhana.

101 *Por eso, anque o cura dixo*

A rima entre os dialetais *dixo* e *fijo* é difícil de substituir. Escassas são as alternativas, se se quer guardar o sentido. Ao cabo optamos a assonância de *quer* “julga” com *fez*.

103 *mal que tanto mal me fixo,*

34. QUE TEM O MOÇO?

A luta dos sexos – que quer armistício – tem genial reflexo nestas estrofes. A pergunta lamurienta e surpreendida expressa-se em dous tetrassílabos seguidos. Entre estes pares, quatro versos longos contrastam em conteúdo e forma: a um eneassílabo anapéstico contrapõe-se um hendecassílabo seguinte, e de novo. Excetuam-se os dous versos folclóricos glosados, situados quase no cabo da primeira metade: *pela manhã, carinha de rosa, pela tarde, cara de cão*, um eneassílabo diferente e um heptassílabo.

6 *y aló pola vila nin fala quisais...*
 10 *por onde eu andare seguíndome vay*
 11 *nin hay sitio dond'eu non atope*
 12 *un Bras con cirolas y os zocos n aman.*
 18 Apesar do X em *maxestá*, é claro aqui o sintagma caste-

lhano *su real majestad*

31 *¡mala xuntanza*
 33 *¿Qué di a meiguiña,*

Para manter medida e ritmo, ante a sinalefa em *di a*, cumpre tirar adesiência diminutiva.

34 *qué di a traidora?*
 46 *eres traidora.*
 49 *¿Cales auguas repousan serenas,*
 63 *iguales semos,*

Forçado fora pôr o arcaico e trissílabo *iguaes*. O adj. *símile* tem igual medida e ritmo, além de aliterar.

35. SE A VER-NOS, MARICA, ANTEONTEM VIERAS

Quadras de hendecassílabos com rima nos pares. Com acentos na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas, estes hendecassílabos não são outro que o verso de arte maior restaurado, logo com cesura entre os dous hemistíquios.

1 *Si a vernos, Marica, nantronte viñeras*

Em *nantronte* cruzaram-se *noutrontem* e *antontem/anteontem*. Parece melhor optar o primeiro, mais regular que *nantronte*.

8 *íamos, vinhamos,...* com pronúncia dialetal paroxítona.
 11 *todiños peneques,*

Peneque “bêbedo” era então voz de gíria, vinda do gascão através do aragonês, e hoje é castelhano. *Caneco*, além de vivo no meu galego familiar, é mais próximo do sentido presente: “alegre pela bebida”, como nota o hemistíquio a seguir.

12 F. Bouça-Brei diz desconhecer a cantiga donde Rosalia tomou o refrão, mas que o certo é que a senhora aludida não é a Virgem

Maria, como creram editores póstumos, mas a dona citada na terceira parte. Contudo, também é certo a falsa equação arraigar no poder mítico do arquétipo. Chega reler, à luz do poema, o episódio de Tom Bombadil e a Senhora Baga-d'ouro, de *O Senhor dos Anéis* de Tolkien. 13 Aqui confundira-me. Os léxicos galegos definem *brandida* como “copiosa; ostentosa”, o que antes cri ser o fruto do lat. *blandīta*, part. de *blandior*, -*īris* “louvaminhar, favorecer”, verbo de origem obscura, talvez céltica. Agora, cuido ser simplesmente o particípio de *brandir* “agitar”, sem excluir um possível cruzamento com o verbo latino.

18 ...*pifando e inda máis,*

Aqui sobra uma sílaba.

27 *xordiña quedara falando por sete,*

Aqui não pode ir *quedar*: a senhora fala por sete, o que não é quieto.

35 *¡Que festa, Marica!... Todiños peneques.*

Ver o dito no verso 11.

36. SÁBADO A NOITE

Este e o poema seguinte salvaram-se da queima de inéditos que Rosalia ordenou antes de morrer.

Gira arredor do *Deus dá nozes mas não as parte*. Doesta a preguiça e a devoção passiva. *Marica* é arquétipo da preguiçeira. O homem, *Jão sem Terra* de alcunha, *Mingos* de nome, é tão arquetípico quanto ela Heptassílabos. A rima *abba* muda cada quatro versos.

7 *Luns*, antigo, preservou-se na Galiza, em coexistência com *segunda* (-*feira*), certamente pelo peso do castelhano.

15 *Mércores... ¡Non digo eu!*

Mércores tem a mesma explicação que *luns*, mas aqui é substituível.

19 *¡ É xueves!... N-hay que falar.*

Aqui é claro *xueves* não ser relíquia medieval, mas castelhanismo.

23 *¡Y o viernes!* Ver o dito em 19. O *venres* que alguns tentam reviver não existiu. Correu algo *vernes*.

25 *Pasareino ó pé da crus,*

Sem mudar ritmo e medida, cumpre pôr *passá-lo-ei*, sem a nasalidade galega média que troca a segunda forma do pronome pessoal pela da terceira. A resistência a grafar os pronomes mesoclíticos não procede dos falantes ingênuos, senão da escola castelhana que tolhe a construção natural através da dificuldade gráfica.

31 *Mais, dende as doce hastra a unha*

32 *antre o sábado e o domingo*

Os artigos mudam a medida.

33 *tráeme acá esa roca, Mingo,*

40 *com que te poida tapare,*

42 O castelhano *rescoldo*, em vez de *rescaldo*, por mor da rima.

43 A respeito de *sei-ca*, veja-se 22, 43.

52 *só por i-los a bicare* = “só por ir bicando neles”

54 *...postrimeirías.*

O arcaico *postremaria*, derivado de *postremo*, pode ressuscitar-se.

60 *o triste coiro desnudo,*

61 *díxolle entonces (eu dudo*

64 *d'os días santos e d'as festas.* Há-se ler *días-santos* com um só acento como trissílabo.

65 *¡como che relosen hora*

66 *as carnes por antre as xestas!*

Apesar da morte de Marica, o arquétipo não morre e ressuscita curiosamente. Rosalia, a quotidiana filha do seu século, às vezes parece não advertir o ambíguo conteúdo erótico de certas locuções tradicionais. A Rosalia génio muitas vezes transcende as circunstâncias, e outras a luz consciente hesita e vela o que a voz popular declara.

37. COMPADRE, DÊS QUE UM VAI VELHO

Heptassílabos com rima *abba* como no poema anterior.

11 O tratamento de 2ª pl. mudar-se-á no resto para 2ª sg.

16 *teño máis moas que ti.*

Provável é Rosalia ter posto o popular *ca ti*.

18 *e acabouse o del-con-dela;*

O composto *del-com-dela* (*dele-com-dela*) “discussão, porfia; retesia”, talvez só local, não foi recolhido pelos lexicógrafos talvez por sentirem-lhe mais conteúdo erótico do que decerto tinha. O sentido é claro no contexto. A dialética de géneros que a análise interna sugere, junto do contexto, integram-se nas galegas e minhotas *cantigas de retesia* “as improvisas que moças e moços cantam competindo, retorquindo com gracejo escarninho”, donde o sinónimo *retesia* “porfia verbal”. Suponho que o género, de delicioso arcaísmo, o tempo se terá encarregado de varrê-lo. Mas existiu, com muitos paralelos no mundo.

27 *andivéramos mais solos*

45 *–Dis bem. –¡Ñas pernas... arriba!*

46 *Peito, xa estás calentado*

56 *seica oirey cantalo cuco*

57 *Abofelhas* será eufemismo de *abofé*, julgado ímpio. Talvez de **a boa fé lhas* [digo], *as palavras, as cousas, que digo*.

58 *xa á miña porta chegamos*; Como em 56, quadra tirar um rípio.

70 *Pero, en secreto cho digo,*

74 *(Eh!,)qué tal?*

80 Como outras vezes, pomos *té* aferético pela crase. Angróis é lugar próximo de Santiago.

87 *e disme, se és meu amigo,*

89 *–¡Poida!...; mais á tua bodega*

94 *Lôstrego* é de **lustricu-*, e este de um **lustrum* “lume, luz”, que gerou *lustrô*, *-as*, *-ãre*, talvez com influência de *lūstrum* “sacrifício ex-

piatório”. Há também *lostrego* paroxítono, deverbal de *lostregar*, da mesma origem.

100 *que a sede avolve o calleiro.*

105 *Nhá* está no manuscrito, cf. Carvalho Calero (*Estudos Rosalianos*, Galaxia, 1979, pág. 151), escrito *Ñá*. Todas as edições mudaram-no para *na*, entendendo-o pronúncia interjetiva de *nada*. Atinarão, bem que *nada* interjetivo já dera *nó* em galego. Será a fase anterior, *ná*, que se ouve no Norte, com alteração ocasional expressiva; a palatalidade põe uma nota de desprezo.

110 *tanto os compadres bebeno*

111 *que nunca en xamáis volveno*



GLOSSÁRIO

Numa edição dirigida ao conjunto do domínio linguístico lusófono, este elenco de palavras só inclui os termos restritamente galegos do livro, com o intuito de facilitar a leitura. Trás a sucinta definição, os números indicam o poema e o verso. Não se incluem as variantes apocopadas de muita frequência, como *el*, *aquel*, etc.

Abofé “a fé, na verdade, por certo”

Abofelhas “a fé, na verdade”. V. 37, 57 e nota final.

Adoito “eu costume; costumado”. V. 22, 3.

Agarimo “abrigo, amparo”. V. 3, 27.

Alô “lá”. De alta frequência, omite-se referi-lo.

Apurrrar “açular”. V. 26, 76 e nota final.

Arrepoiñadas “erichadas, ouriçadas, arrepiadas”. V. 14, 37 e nota final.

Arrecender “recender”

At(u)rujar “dar *aturujo*, grito de exultação ou desafio”. V. 15, 55; 34, 16.

Assejar “espreitar”. V. nota final de 18, 80.

Bágu “lágrima”. V. 4, 8; 16, 58, 87; 20, 31; 24, 48; 25, 88.

Balar “abalar; oscilar”. V. 5, 191.

Balocas “batatinhas pequenas”, dantes “castanhas”. V. 23, 45.

Bicar “beijar”. V. 18, 132; 23, 186; 28, 40; 36, 52.

Bincha “borbulha”. V. 16, 69 e nota final.

Bola (ô) “grande bolo de pão, fogaça”. V. 22, 46.

Boxe “buxo”. V. 11, 46.

Brandida “agitada”. V. nota final de 35, 13.

Branha “prado com água perene”. V. 19, 24, 80; 28, 60 e nota final.

Brêtema “névoa”. V. 24, 16.

Canhas “cãs”. V. 37, 69.

Carrapucheirinha “carapucinha (hipocorístico)”. V. 3, 158. É desenvolvimento de *carapucha* “carapuça”.

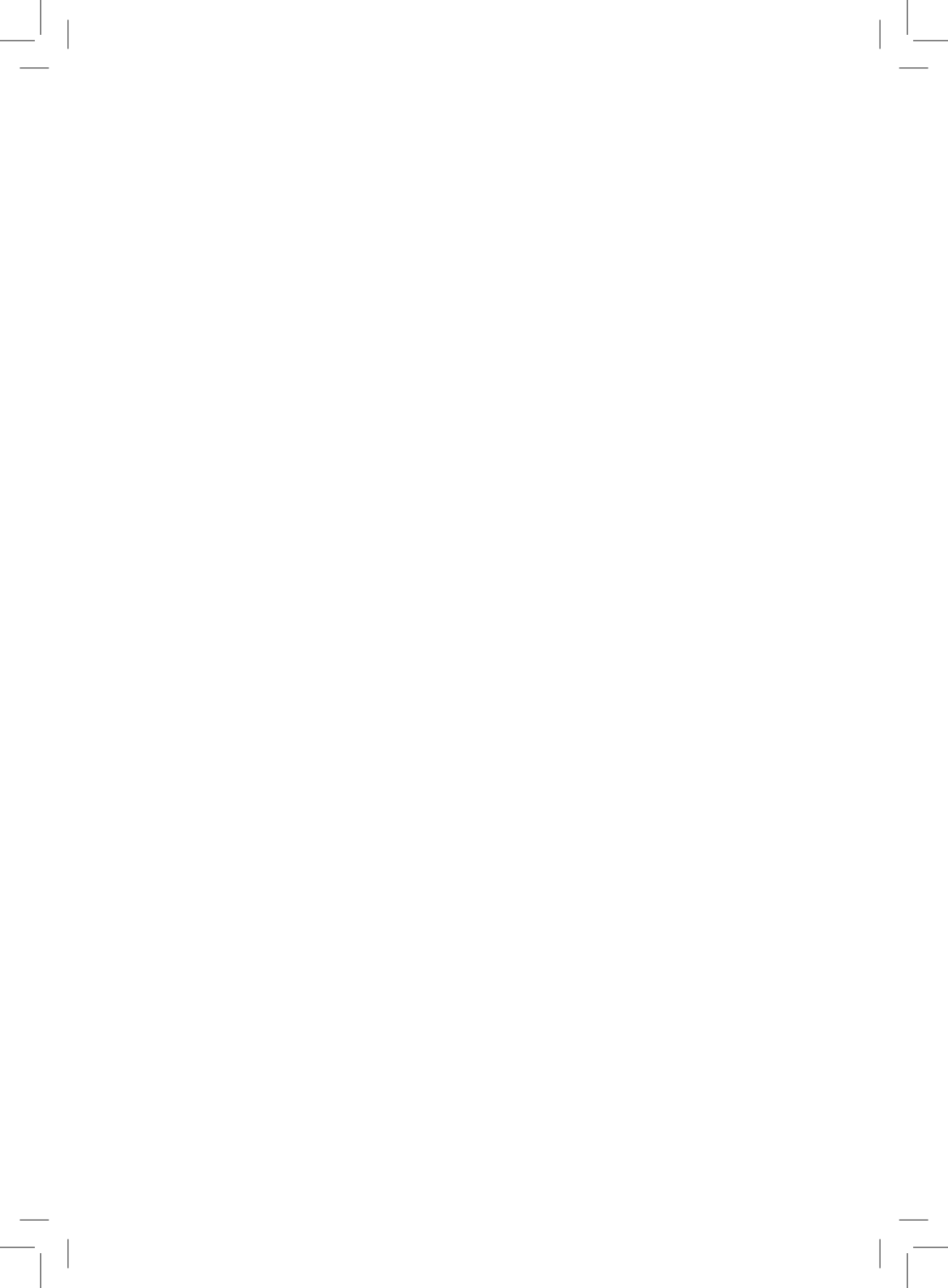
Cuitelo “faca”. V. 18, 31; 23, 251.

Compango “o que se come com pão, conduto, presigo”. V. 23, 109.

Companha (*Santa*) “hoste (diabólica)”. V. 18, 53 e nota final.

Corredoiira “carreiro, caminho estreito”. V. 18, 124; 19, 67.
Cortelho “corte, estábulo, nomeadamente dos porcos”. V. 37, 60.
Cortinha “pequeno terreno lavradio cercado”. V. 3, 118.
Crechas “crespas”. V. 5, 104.
Cunca “conca, tigela”. V. 33, 10.
Corruncho “recanto”. V. 4, 13.
Dengue “capotilho do vestido das galegas”. V. 1, 65; 5, 17.
Enfouçar “sujar”. V. 21, 34 e nota final.
Ensarrapicada “muito molhada, ensopada”. V. 14, 65 e nota final.
Estricadas “estiradas; orgulhosas”. V. 18, 56 e nota final.
Fiadas “reuniões para fiar onde os moços se divertiam” V. 7, 52.
Fricol “guisado ou fritada”. V. 26, 66.
Frijolada ou *fricolada* “fritada”. V. 23, 121 e nota final.
Fungueiro “fueiro. V. 22, 111.
Gando “gado”. V. 20, 40; 32, 40 e nota final.
Lançal “esbelto”. V. 11, 28.
Larpeiro “que engole muito, sôfrego”. V. 26, 106; 37, 62.
Lúrpia “meiga chuchona; bebedeira; mulher de mau viver; ladra; esfar-
 rapada; fartadela”. V. 3, 80, 110, 114.
Malpocado “coitado”. V. 18, 23 e nota final; 25, 37.
Mantelo “sobressaia como avental”. V. 1, 30, 33; 5, 43.
Matachim “o que mata porcos”. V. 23, 255. Paretimologia do it. *mattacino*.
Moucho “mocho”. V. 14, 1, 3, 4, 35, 47, 67, 79, 80; 31, 25.
Neno “menino”. V. 6, 72; 33, 54.
Ouviar “uivar”. V. 14, 17.
Pito “pinto”. V. 22, 10.
Proia “bolo grande de pão”. V. 1, 13.
Quinteiro “curral” entre outros sentidos. V. 23, 11.
Quinho “porco”. V. 23, 235 e nota final.
Rabunhar “ferir com as unhas”. V. 22, 30.
Raxo “lombo de porco”. V. 23, 126.
Rifar “brigar”. V. 23, 282.
Ruada “pândega pelas ruas”. V. 19, 36.

Salouco “solução”. V. 9, 89.
Sarrápio “saibo acre”. V. 21, 80 e nota final.
Sei-ca “parece-me que...; acaso...?”. V. 36, 43, 44; 22. 43 e nota final.
Sei-que “parece-me que...; acaso...?”. V. 22, 43.
Sera “tarde”. V. 1, 144 e nota final de 20, 13.
Sorça “adubo dos chouriços”. V. 23, 126 e nota final.
Surinha “pomba”. V. 26, 90.
Tovo “toca, covil”. V. 3, 121, 125.
Trenco “zambro”. V. 11, 23, 58.
Turrar “puxar, atrair para si”. V. 26, 73, 74 e nota final.
Vão “cintura”. V. 10, 12.
Zoncho “castanha cozida com casca”. V. 1, 1.



v. 1



